

**UNIVERSIDADE TIRADENTES
DIRETORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**A CONSTRUÇÃO DO SER PROFESSOR NA EDUCAÇÃO
A DISTÂNCIA: PERCURSO ACADÊMICO.**

Autor: Liliam Paiva de Figueiredo

Orientadora: Profa. Dra. Fabrícia Teixeira Borges

ARACAJU, SE - BRASIL
FEVEREIRO DE 2013

A CONSTRUÇÃO DO SER PROFESSOR NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: PERCURSO ACADÊMICO.

LILIAM PAIVA DE FIGUEIREDO

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE TIRADENTES COMO PARTE DOS
REQUISITOS NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM
EDUCAÇÃO.

Aprovada por:

Profa. Dra. Fabrícia Teixeira Borges (orientadora)

Prof. Dr. José Mário Aleluia Oliveira (Membro Externo da Banca)

Prof. Dr. Ronaldo Nunes Linhares (Membro Interno da Banca)

ARACAJU, SE - BRASIL
FEVEREIRO DE 2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a quatro pessoas especiais em minha vida, sem elas não teria sido possível concluí-lo. Meu esposo Igor, pelo companheirismo de sempre, meu pai Edson, por ser meu maior torcedor, minha mãe Roneide, pelos fundamentais serviços de avó-babá, e a minha filha Helena, motivo pelo qual acordo todos os dias e encaro a vida de frente.

AGRADECIMENTOS

Embora os agradecimentos sejam opcionais, não deveriam fazer parte de uma formalidade, enquadrados em normas. Deveriam sim, ser espontâneos, advindos da alma, do âmago. Tentarei ser o mais justa possível, se é que isso é possível.

Devo começar agradecendo a Deus, mas não um agradecimento piegas e ordinário, agradeço à saúde física e mental que me foi concedida, com ela pude perpassar todas as barreiras que encontrei. Agradeço a Deus também por ter me abençoado com a dádiva da maternidade, por ter mudado a minha vida de forma tão profunda e definitiva, e tão repentina... Precisei repensar diversos conceitos e prioridades em minha vida durante esse Mestrado. Quase finalizando o primeiro ano do curso, eis que “cai de paraquedas” uma bebê tão gordinha e linda em minhas mãos que foi extremamente difícil desviar o meu olhar para qualquer coisa que não fosse a relação de mãe-filha. Passei a enfrentar uma luta hercúlea para conseguir desenvolver minha pesquisa, mas não vejo pontos negativos, somente agradeço por sua presença em minha vida. Hoje percebo que todo o choro e as gargalhadas me atrapalharam o suficiente para que minha relação com a dissertação não se transformasse em solidão.

Agradeço a meus pais, meus maiores fãs e incentivadores, sempre presentes apoiando minhas decisões e torcendo pelo meu sucesso.

Agradeço a meu esposo Igor, este que esteve presente ao meu lado em todo o percurso, nunca me deixando esmorecer, a palavra companheiro não o descreveria melhor.

Agradeço a minha orientadora, profa. Fabrícia, que soube compreender a necessidade de meu afastamento para me dedicar à licença maternidade, mesmo que informalmente.

Agradeço aos participantes que se predispuseram a colaborar de forma receptiva com a pesquisa, sem eles nada seria possível.

Aos membros da minha banca, que colaboraram com sugestões muito importantes para o aprofundamento do trabalho. Agradeço aos professores do programa por compartilhar conhecimentos e experiências e pela disponibilidade de ajuda. Ao professor Ronaldo Linhares, que mesmo sem obrigação esteve disponível para colaborar com ideias e ouvir as minhas dúvidas e anseios.

Não poderia jamais deixar de agradecer às minhas amigas de curso. Elas são o grande presente que ganhei ao entrar no Mestrado. Como foi importante para mim cada momento que sentamos para tomar um café e conversarmos, tanto faz se futilidades do dia-a-dia, ou o suporte mútuo que construimos para as nossas pesquisas. Às minhas amigas do programa, Angélica, Elbênia, Salete e Jéssica – obrigada.

A tantos outros que possam ter colaborado comigo, obrigada!

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma
tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave?

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

A presente dissertação apresenta como objetivo identificar e descrever, a partir das entrevistas com os participantes, como ocorreu a construção do ser professor formado pelo curso de Letras Português/Inglês na modalidade de Educação a Distância e as mudanças decorrentes em sua vida profissional. Adotamos a metodologia qualitativa, e utilizamos entrevistas individuais semiestruturadas para a construção dos dados da pesquisa. Os anseios e dúvidas sobre como ocorreu o percurso acadêmico desses alunos, como foram suas trajetórias dentro da universidade em um curso de modalidade a distância e os impactos em suas carreiras profissionais pós-curso são os motes que impulsionaram a essa pesquisa. Apresentamos um breve histórico da formação de professores e das políticas públicas para Educação e Educação a Distância no Brasil. Por meio desta pesquisa pudemos analisar utilizando os temas mais recorrentes nas entrevistas como o processo de construção do ser professor aconteceu para nossos participantes e as mudanças em suas vidas profissionais.

Palavras-chave: Educação a distância, formação de professores, carreiras profissionais.

ABSTRACT

This dissertation presents as objective identify and describe, from interviews with the participants, how the construction of the teacher graduated by Letras Português/Inglês graduation in the modality of Distance Education and the resulting changes in their professional lives. We adopted a qualitative methodology, semi-structured individual interviews and used for the construction of the survey data. The concerns and questions about how the academic route happened for these students, as how were their trajectories within the university in a distance course modality and the impacts on their careers post-course are the mottos that drove this research. Here is a brief history of teacher education and public policy for Education and Distance Education in Brazil. Through this research we analyze using the most recurrent themes in the interviews as the construction process of becoming a teacher happened to our participants and the changes in their professional lives.

Key words: Distance education, teacher training, professional careers.

SUMÁRIO

Introdução	14
Capítulo1 – Formação de professores e o saber docente.....	20
Capítulo 2 – Tessituras da educação a distância	34
2.1 Breve histórico da EAD no Brasil e suas políticas	34
2.2 Políticas públicas para educação a distância no Brasil	42
2.3 Tecendo sobre o NEAD/UNIT	45
Capítulo 3 – Frutos da Pesquisa	61
3.1 Instrumentos de construção dos dados	61
3.2 Sobre os participantes	62
3.3 Os participantes – Johnny e Angelina	66
Considerações Finais	110
Referências	113
Anexos	121

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Estrutura Funcional do Sistema	50
Figura 02: Estrutura Organizacional do NEAD/UNIT	52
Figura 03: Mapa semiótico de significados do participante Johnny	67
Figura 04: Mapa semiótico de significados da participante Angelina	68
Figura 05: Percurso para o ser professor	108

LISTA DE TABELAS

Tabela 01: O saber social	24
Tabela 02: Desafios da EAD	32
Tabela 03: Corpo técnico-pedagógico do NEAD/UNIT	48
Tabela 04: Perfil do aluno EAD – síntese	65

LISTA DE SIGLAS

ABED – Associação Brasileira de Educação a Distância
ANPED – Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
AVA – Ambiente Virtual de Aprendizagem
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEAD – Centro Nacional de Educação a Distância
CENPRA – Centro de Pesquisas Renato Archer
CERTI – Fundação Centros de Referência em Tecnologias Inovadoras
CNE – Conselho Nacional de Educação
CONSAD – Conselho Nacional de Secretários de Estado de Administração
CP – Conselho Pleno
DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais
DDG – Discagem Direta Gratuita
DVD – Digital Versatile Disc
EAD – Ensino a Distância
FIESP – Federação das Indústrias de São Paulo
FRM – Fundação Roberto Marinho
IES – Instituições de Ensino Superior
INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IPAE – Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação
LDB – Lei das Diretrizes Básicas
MEC – Ministério da Educação
MIT – Massachusetts Institute of Technology
NEAD – Núcleo de Ensino a Distância
OLPC – One Laptop Per Child
ONU – Organização das Nações Unidas
PAT – Programa de Apoio Tecnológico
PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais
PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional
PPC – Projeto Pedagógico do Curso
PPI – Projeto Pedagógico Institucional
PROFOPE – Programa Especial de Formação Pedagógica para Portadores de Diploma de Educação Superior

PROINFO – Programa Nacional de Tecnologia Educacional
PROUCA – Programa Um Computador por Aluno
SEED – Secretaria de Estado da Educação
SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESI – Serviço Social da Indústria
SLA – Second Language Acquisition
TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação
UAB – Universidade Aberta do Brasil
UCA – Um Computador por Aluno
UNESCO – United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization
UNIT – Universidade Tiradentes
UPF – Universidade de Passo Fundo
USP – Universidade de São Paulo
VHS – Vídeo Home System
WWW – World Wide Web

INTRODUÇÃO

Por que me impões o que sabes se eu quero aprender o desconhecido e ser fonte em minha própria descoberta? Não quero a verdade. Dá-me o desconhecido. Como estar no novo sem abandonar o presente? Deixa que o novo seja o novo e que o trânsito seja a negação do presente; deixa que o conhecido seja minha libertação não minha escravidão (MATURANA, 1992, p. 93).

As vivências que nos constroem como pessoa somam as características que reunidas revelam um retrato do que nos tornamos a cada dia, sempre que precisamos fazer escolhas elas se fazem presentes remetendo a experiências que por algum motivo foram significativas em nossas vidas. Com intuito de mergulhar mais profundamente em uma dessas experiências é que escolhemos a formação de professores pela Educação a Distância – EAD. Após termos trabalhado durante os anos de formação superior com as turmas do curso de Letras Português/ Inglês – EAD (2006-2009) muitas perguntas ficaram sem resposta, cabe aí a contribuição deste trabalho.

O presente trabalho tem como objetivo identificar e descrever a partir de entrevistas com participantes como ocorreu a construção do ser professor formado pelo curso de Licenciatura em Letras Português/Inglês na modalidade de Educação a Distância e as mudanças decorrentes em sua vida profissional. Para pensar e investigar o ponto anunciado foi eleito como *locus* da pesquisa a cidade de Aracaju. Como tudo que é novo, e por alguns casos de insucesso no passado, a educação a distância até hoje passa por momentos de provação, incomoda e instiga inúmeras discussões a seu respeito.

O ponto que impulsionou este trabalho foi a experiência como coordenadora do curso de Letras Português/Inglês da Universidade Tiradentes - UNIT na modalidade EAD durante os anos de 2006-2009, e buscar possíveis respostas para questionamentos que permeiam o mundo da educação a distância, principalmente se seria exequível o desenvolvimento de cursos de licenciatura dentro desta modalidade, levando em consideração aspectos como tempo, financiamento e com foco principal na autonomia do aprendiz.

Veem-se buscando em loco, o que é possível por ter trabalhado diretamente na gestão do curso EAD e conhecer seu funcionamento na prática, conhecer como se construíram os professores através desta modalidade.

Alguns questionamentos permeavam nossa mente; como a experiência de ser aluno do curso impactou a vida dessas pessoas? A construção do ser professor num curso de EAD traria características específicas aos seus participantes? A vida profissional sofreria mudanças em decorrência do curso?

A iniciativa de ofertar este curso partiu do governo do estado de Sergipe na descoberta de uma lacuna no mercado e da carência de profissionais da área de licenciatura em língua inglesa, o que levou a um acordo onde a UNIT assumiu a responsabilidade pela parte pedagógica do convênio. Nesta parceria a universidade entrou com o suporte pedagógico: coordenação, tutores, professores e material impresso e virtual, e o governo com apoio financeiro e os prédios para os encontros semanais, que são escolas da rede pública de ensino. Nessas escolas os alunos puderam contar com salas para os encontros semanais, sala de estudo e de informática.

Por meio deste convênio em 2006 entre governo do estado, através da Secretaria de Educação - SEED e a Universidade Tiradentes, aproximadamente 300 alunos tiveram a oportunidade de ingressar em um curso de nível superior em Licenciatura de Letras Português/Inglês, o que antes seria praticamente impossível para a grande maioria destes. A única exigência para participar da seleção era ter sido aluno da rede pública de ensino, o que caracterizou o público e colaborou para a criação da identidade do curso. Os seis municípios beneficiados com a oferta deste curso foram: Aquidabã, Capela, Simão Dias, Neópolis, Tobias Barreto e Nossa Senhora do Socorro e em cada polo contamos com a presença de tutores especializados nas áreas de conhecimento do curso para dirimir dúvidas e facilitar o conhecimento. Nesta modalidade de ensino semipresencial os alunos são incentivados a desenvolver o auto estudo de maneira cotidiana e a vivenciar o aprender a aprender. De acordo com Preti (1996), estudioso das correntes de educação a distância:

O século XX encontrou na Educação a Distância/EAD uma alternativa, uma opção às exigências sociais e pedagógicas, contando com o apoio dos avanços das novas tecnologias da informação e da comunicação. A EAD passou a ocupar uma posição instrumental estratégica para satisfazer as amplas e diversificadas necessidades de qualificação das pessoas adultas (PRETI, 1996, p.18).

Com o advento da globalização e o ritmo acelerado das transformações sociais a necessidade de preparar profissionais adultos para a inserção no mercado de trabalho impulsionou a sociedade a desenvolver modos mais acessíveis e democráticos de

desenvolver o conhecimento. A crescente busca por melhores empregos e a exigência do mercado por profissionais com formações específicas, impulsiona as escolas em todos os seus níveis a mudanças em suas estruturas.

[...] a crescente demanda por educação, devida não somente à expansão populacional como sobretudo às lutas das classes trabalhadoras por acesso à educação, ao saber socialmente produzido, concomitantemente com a evolução dos conhecimentos científicos e tecnológicos está exigindo mudanças a nível da função e da estrutura da escola e da universidade (PRETI, 1996, p.18).

Estas afirmações estão relacionadas com o incentivo da inserção desta modalidade nos municípios do estado onde foram ofertados este curso. Devemos especial atenção à relevância da oportunidade oferecida nesses seis municípios do estado, pois praticamente 100% dos alunos só participaram da seleção por saberem que seriam bolsistas do governo estadual, o que já traz uma característica específica para estes docentes, o que esclareceremos com as entrevistas.

De acordo com Moore e Kearsley (2007) para gerenciar e administrar um curso de EAD é preciso elaborar o projeto com antecedência antes do ensino efetivo, e esta foi a prática adotada ao longo dos três anos de curso, onde o Projeto Pedagógico do Curso – PPC, elaborado por profissionais capacitados que estavam vinculados à coordenação do curso, formatou um curso de qualidade que atendia a todas as exigências do Ministério da Educação e as expectativas da realidade local, sendo produzido com antecedência antes que suas ações fossem colocadas em prática. Além disso, Moore e Kearsley também afirmam que “[...] numerosas tarefas relacionadas ao trabalho se coordenem entre si [...]”. Podemos relacionar a esta afirmação o trabalho que foi desenvolvido no gerenciamento de tutores, gestores, conteudistas e professores vinculados ao curso, esta gama de profissionais que envolvem um curso de Educação a Distância. Não podemos deixar de elencar o ponto chave desta investigação que são os professores em formação, há uma crescente responsabilidade dos alunos perante seus estudos e métodos e técnicas foram desenvolvidos para incentivar o estudo e progredir o aprendizado. Essa experiência com o ensino de língua estrangeira na modalidade EAD tem se mostrado interessante e quebrando paradigmas, superando as expectativas dos corpos, docente e discente da instituição.

Considerando a importância dos programas de Educação a Distância, em especial a licenciatura de Língua Inglesa na modalidade EAD, para a formação e construção de

um professor competente. Esta pesquisa propôs alcançar os seguintes objetivos, geral: Identificar e descrever, a partir das entrevistas com os participantes, como ocorreu a construção do ser professor formado pelo curso de Letras Português/Inglês na modalidade de Educação a Distância e as mudanças decorrentes em sua vida profissional. Específicos: Identificar como a formação de EAD contribuiu para a construção do ser professor; identificar e descrever quais são as mudanças decorrentes da formação EAD na construção do ser professor e em sua vida profissional nos participantes selecionados.

Os resultados serão baseados na análise das entrevistas semiestruturadas que foram gravadas e transcritas. Os participantes foram localizados de forma diferente, o primeiro por contato telefônico e a segunda através das redes sociais, os locais das entrevistas se dividiram entre residência da pesquisadora, lanchonete e biblioteca da universidade que ofereceu o curso, o local, a data e o horário foram acordados entre as partes. Todos os participantes são ex-alunos do curso de Letras Português/Inglês oferecido pelo NEAD/UNIT em parceria com a Secretaria de Educação do Estado de Sergipe.

Utilizamos duas entrevistas semiestruturadas para cada um dos participantes onde eles narraram seus percursos desde aspirantes ao nível universitário, passando pelas experiências da vida acadêmica até chegarem a serem professores graduados. Cada entrevista durou uma média de 50 minutos.

As entrevistas foram livres de forma a incentivar a produção narrativa, previamente listamos tópicos com temas que colaborassem com as respostas para os objetivos dessa pesquisa. Os participantes foram bastante solícitos ao convite para colaborar com a pesquisa, na primeira entrevista individual direcionamos o diálogo para a vida profissional que antecedia a entrada no curso, a descoberta e aprovação no mesmo, os requisitos que os fizeram querer fazer parte do curso.

Nas segundas entrevistas individuais direcionamos para o percurso acadêmico, as experiências com a modalidade e finalizamos com o tema da vida profissional atual de cada um.

Como recursos utilizamos: *notebook*, gravador digital, *netbook* e celular para registrar as gravações, papel pardo para a elaboração do mapa de significados, folhas A4 para a análise dos temas e subtemas e para a realização das transcrições das entrevistas e análise das narrativas.

Ao acordarmos a primeira entrevista, que foi combinada para se adequar aos horários disponíveis de todos os envolvidos, explicamos aos participantes do que se tratava a pesquisa em detalhes e após concordar em participar ambos assinaram um termo de consentimento livre esclarecido para a filmagem e gravação das entrevistas, cujo foi preenchido e encontra-se arquivado.

Para alcançar os objetivos propostos para a pesquisa algumas etapas foram cumpridas; transcrever as entrevistas narrativas, dividir o texto em temas e subtemas conforme as falas do entrevistado e a relevância para a pesquisa, montar o mapa semiótico de significados e posteriormente analisar os termos recorrentes.

Para a análise das entrevistas utilizamos o método de análise temática, adaptada da psicologia que foi desenvolvida por Braun e Clarke (2006). Os autores aplicam o método nas pesquisas qualitativas. Para eles, análise temática é um método para identificar, analisar e relatar os temas recorrentes no discurso. “A linguagem é vista como um meio transparente, refletindo de forma inequívoca e estável, significados singulares¹ (RIESSMAN, 1993, p. 4, tradução nossa)”.

Esta pesquisa está dividida em três capítulos; o primeiro aborda o tema da formação de professores e do saber docente. Neste apresentamos um panorama do histórico da formação docente no Brasil, trazendo registros desde as primeiras Escolas Normais e apresentando discussões com teóricos sobre o tema. Como aporte teórico trabalhamos principalmente com Dewey (2010), Demo (2009), Nóvoa (1992), Tardif (2011), além dos *Referenciais para Formação de professores* do MEC e da LDB.

No segundo capítulo traçamos um breve histórico da Educação a Distância no Brasil, descrevendo suas políticas e programas. Ainda neste capítulo apresentamos o Núcleo de Educação a Distância da UNIT, descrevendo sua estrutura administrativa-pedagógica. Dentro das discussões sobre o NEAD/UNIT apresentamos e descrevemos o curso em questão – Letras Português/Inglês, pormenorizando as estruturas de seu funcionamento.

No terceiro capítulo com o título - Frutos da pesquisa, apresentamos as etapas das entrevistas e a construção do mapa semiótico de significados. Este mapa foi construído com os termos mais recorrentes nas entrevistas individuais com nossos dois participantes. Na análise dos resultados tivemos como objetivo traçar o percurso que levou à construção do ser professor, levando em consideração o momento vivenciado

¹ Language is viewed as a transparent medium, unambiguously reflecting stable, singular meanings.

antes do ingresso no curso, a vida acadêmica e à vida profissional pós-curso.

Com os resultados, conseguimos constatar em nossos participantes mudanças de paradigmas em relação à EAD e a necessidade de rever conceitos. Analisando os termos mais recorrentes foi possível traçar um percurso acadêmico com características próprias para cada participante, e no momento final das análises pudemos constatar que havia diversos temas em comum aos dois. Elaboramos uma junção desses termos em comum representados pela figura 05, nela é apresentado o percurso para o ser professor que nossos participantes construíram.

CAPÍTULO 1 – FORMAÇÃO DE PROFESSORES E O SABER DOCENTE

A formação de docentes no Brasil traz uma história de tentativas um tanto quanto frustradas, a discussão desde sobre a abertura das Escolas Normais até quando a LDB (Lei 9.394/96) determinou a formação através de Ensino superior suscita falas inflamadas, como no exemplo de Kleiman (2001, p. 95) que afirma que tanto o contexto acadêmico quanto o sociopolítico são questionados.

O desprestígio do educador e a pauperização do magistério fazem emergir discussões que focalizam a formação do profissional da educação. Via de regra, são tidos como mal preparados e incompetentes [...].

A formação de professores alicerça a base para se conquistar os objetivos desejados pela educação, é ele quem, em sua prática, desenvolve as correntes propostas pelas reformas educacionais. Estas, por sua vez, devem estar adaptadas à realidade presente na sociedade em que se inserem. No Brasil, porém, nem sempre se respeitou essa vinculação da escola à sociedade (GOMIDE e VIEIRA, 2008, p. 1).

É fato inquestionável que a evolução de uma sociedade se mede pelo grau de educação do seu povo, os países de primeiro mundo estão estatisticamente colocados nos primeiros lugares no ranking de qualidade de educação. O Brasil obteve a posição de 88º lugar de 127 no ranking de educação feito pela *United Nation Educational, Scientific and Cultural Organization* (Unesco) em 2012, órgão da Organização das Nações Unidas (ONU) para a cultura e educação. Pensar em qualidade de educação está diretamente ligado à prática docente, seus saberes e claro, o princípio – sua formação.

É contraditório pensar que a educação no Brasil, que sofreu influências externas de países europeus desde os primórdios, hoje esteja tão distante em nível de educação de seus colonizadores. Para tanto é necessário refletir sobre a trajetória de formação de professores no nosso país e fatos importantes relacionados às políticas.

Nos anos de 1835 e 1842 foram inauguradas as primeiras Escolas Normais, em Niterói/RJ e Salvador/BA respectivamente. O papel da Escola Normal, de modo geral, era preparar pessoas de nível médio para a educação das primeiras letras, foi a primeira tentativa de se criar uma organização padronizada para a formação de professores, mas

conforme a história, “Pode-se pois dizer que nos primeiros 50 anos do Império, as poucas Escolas Normais do Brasil, pautadas nos moldes de medíocres escolas primárias, não foram além de ensaios rudimentares e mal sucedidos” (TANURI, 2000, p. 65). Já no texto de Nóvoa podemos observar a seguinte descrição.

As escolas normais são instituições criadas pelo Estado para controlar um corpo profissional, que conquista uma importância acrescida no quadro dos projectos de escolarização de massas; mas são também um espaço de afirmação profissional, onde emerge um espírito de corpo solidário. As escolas normais legitimam um saber produzido no exterior da profissão docente, que veicula uma concepção dos professores centrada na difusão e na transmissão de conhecimentos; mas são também um lugar de reflexão sobre as práticas, o que permite vislumbrar uma perspectiva dos professores como profissionais produtores de saber e de saber-fazer. (NÓVOA, 1992. p. 3)

Essas Escolas funcionaram da mesma forma até que uma mudança na legislação no final da década de 90 alterou as exigências para a formação de professores. Em 6/12/99 com o Decreto 3.276, que destina exclusivamente aos cursos normais superiores a tarefa de preparar professores para a educação infantil e para as séries iniciais da escola fundamental, passa então a ser exigido o nível superior para a formação de professores.

Tal debate acentua-se com a aprovação da nova LDB (Lei 9.394/96), que, superando a polêmica relativa ao nível de formação – médio ou superior –, elevou a formação do professor das séries iniciais ao nível superior, estabelecendo que ela se daria em universidades e em institutos superiores de educação, nas licenciaturas e em cursos normais superiores. (TANURI, 2000, p. 61)

De acordo com Mello (2009, p. 251) “a formação de professores precisa buscar perfis docentes sintonizados com as políticas públicas para a educação básica”, não se esquecendo de respeitar as características nacionais e regionais. Essas políticas devem estar atreladas ao MEC e às secretarias de educação, onde currículos e teor pedagógico devem ser definidos visando à qualidade destes profissionais, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997). Quando se fala de prática docente,

tais práticas se constituem a partir das concepções educativas e metodologias de ensino que permearam a formação educacional e o percurso profissional do professor, aí incluídas suas próprias experiências escolares, suas experiências de vida, a ideologia compartilhada com seu grupo social e as tendências pedagógicas que lhe são contemporâneas.

Quando falamos em formação de professores alguns pontos merecem maior destaque, o próprio significado da palavra “Caráter, constituição. Modo pelo qual uma coisa se forma” (DICIONÁRIO, 2009), nos leva a pensar em seu processo. Formar professores requer mais do que uma simples certificação. De acordo com Guimarães (2004, p. 18):

Além do conhecimento seguro da disciplina que ensina, da compreensão e de certa segurança para lidar com a mediação do processo ensino-aprendizagem, das convicções a serem desenvolvidas em relação ao caráter ético-valorativo da sua atividade docente, vão se agregando outras habilidades afirmadas como necessárias ao desenvolvimento adequado da sua atividade profissional.

A construção do conhecimento requer colaboração de todos os participantes envolvidos no processo, e a formação dos professores precisa estar intrinsecamente vinculada à qualidade, o momento da vida em que nós, professores, dedicamos a fazer um curso de licenciatura, é um momento de grandes saltos em nossas vidas. Nesses processos desenvolvemos estudos sobre o comportamento e desenvolvimento humano, o que amplia nossa visão do ser, aprendemos sobre a história da educação, valores éticos da profissão e uma gama de conteúdo específico e competências, sendo este último apresentado como,

[...] como nuclear na organização curricular – um “novo” paradigma educacional. Por intermédio do conceito de competências, é organizado o discurso que objetiva construir a qualidade da formação docente (DIAS; LOPES, 2003).

A profissionalização docente foi um marco importante para estabelecer padrões de formação, critérios e reconhecimento. Perpassa primordialmente pela formação que “constitui um elemento importante do processo de profissionalismo, sendo o estabelecimento de uma agência formadora, a fundação de uma associação profissional e o encaminhamento de reivindicações e interesses dos profissionais [...] (WEBER, 2003, p. 1128)”.

Podemos observar que a Lei 9.394/1996 ao nortear os programas de formação, e deixa clara a relação direta entre a escola e a atividade docente. A profissionalização docente encontra suporte para se consolidar como profissão propriamente dita e não somente uma ocupação sem respaldo legal. As Diretrizes Curriculares Nacionais então vão orientar os currículos mínimos, baseados no mundo do trabalho e visando o desenvolvimento do país. A legislação pertinente, como a LDB e as DCN, além dos

Referências do MEC para formação de professores, respaldam o reconhecimento da profissão docente, e elencam os critérios para formação docente e currículos escolares, mas precisamos analisar os verdadeiros saberes que são necessários à sua formação.

Conquistados os parâmetros normativos, algo um tanto mais subjetivo merece destaque: quais os saberes realmente necessários aos professores? Para Tardif (2011) a questão dos saberes é indissociada das outras dimensões, como o trabalho diário dos professores. Dewey (2010, p. 75) afirmou sobre a organização das matérias e conteúdos curriculares que:

Quando a educação é concebida em termos de experiência, uma consideração se destaca em relação às demais. Tudo o que possa ser considerado como matéria de estudo, [...] deve derivar de materiais que, originalmente, pertençam ao escopo da experiência da vida cotidiana.

Tanto Tardif (2011) como Dewey (2010) defendem que fatos vivenciados pelos professores devem ser base para a construção dos saberes que irão relacionar-se com as matérias a serem lecionadas. Nada deve ser isolado, os saberes não podem ser mecanizados e preestabelecidos como guia de instrução, “saber é sempre o saber de alguém que trabalha alguma coisa no intuito de realizar um objetivo qualquer” (TARDIF, 2011, p. 11). A história de vida de cada um, suas experiências e sua identidade particular vão interferir nas relações com os alunos e com o corpo escolar, por isso devem estar relacionados ao trabalho docente, pois durante sua formação e na construção dos saberes estarão sempre presentes influenciando no modo como cada informação irá ser apreendida e colocada em prática.

Além disso, não se pode negar que o docente aprende a ser o profissional com os educadores que teve. Em outras palavras, pretende-se dizer que há uma riqueza de produção de conhecimentos didáticos dentro do fenômeno didático. Até porque não há como pensar em ser competente ou incompetente no vazio, é no espaço escolar que surgem os conflitos, e o que o ser professor se revela. Ratifica-se que o conhecimento está imerso na situação, no contexto da sala de aula. Talvez por isso, o exercício de refletir sobre como se aprende e se ensina descortina algumas marcas deixadas pelos mestres que cada um teve: alguns são fontes de inspiração, já outros, verdadeiros instrumentos de tortura. (MORO, 2011)

Para esclarecer, Tardif (2011) afirma categoricamente que para ele o saber dos professores é um saber social, e descreve cinco razões para justificar.

1	Porque é partilhado por todo um grupo de agentes – os professores – que possuem uma formação comum (embora mais ou menos variáveis conforme os níveis, ciclos e graus de ensino), trabalham numa mesma organização e estão sujeitos, por causa da estrutura coletiva de seu trabalho cotidiano, a condicionamentos e recursos comparáveis, entre os quais programas, matérias a serem ensinadas, regras do estabelecimento, etc.
2	Porque sua posse e utilização repousam sobre todo um sistema que vem garantir a sua legitimidade e orientar sua definição e utilização: universidade, administração escolar, sindicato, associações profissionais, grupos científicos, instância de atestação e de aprovação das competências, Ministério da Educação, etc. Em suma, um professor nunca define sozinho e em si mesmo o seu próprio saber profissional. Ao contrário, esse saber é produzido socialmente, resulta de uma negociação entre diversos grupos.
3	Porque seus próprios <i>objetos</i> (grifo do autor) são objetos sociais, isto é, práticas sociais. [...] o professor não trabalha um “objeto”, ele trabalha com sujeitos e em função de um projeto: transformar os alunos, educá-los e instruí-los. Ensinar é agir com outros seres humanos; é saber agir com outros seres humanos que sabem que lhes ensino; é saber que ensino a outros seres humanos que sabem que sou um professor, etc.
4	Tais como mostram a história das disciplinas escolares, a história dos programas escolares e a história das ideias e das práticas pedagógicas, o que os professores ensinam (os “saberes a serem ensinados”) e sua maneira de ensinar (o “saber-ensinar”) evoluem com o tempo e as mudanças sociais. [...] a Pedagogia, a Didática, a Aprendizagem e o Ensino são construções sociais cujos conteúdos, formas e modalidades dependem intimamente da história de uma sociedade, de sua cultura legítima e de suas culturas (...), de seus poderes e contrapoderes, das hierarquias que predominam na educação formal e informal, etc.
5	Por ser adquirido no contexto de uma <i>socialização profissional</i> (grifo do autor), onde é incorporado, modificado, adaptado em função dos momentos e das fases de uma carreira, ao longo de uma história profissional onde o professor aprende a ensinar fazendo o seu trabalho.

Tabela 01: O saber social.

Fonte: Baseada no texto de Tardif (2011, p. 12-14)

Percebemos que a importância de ser social está vinculada a ser professor como um ator da realidade. Paulo Freire (1996) discutiu em três capítulos quais seriam os saberes necessários à prática educativa, tanto o seu texto como o de Tardif (2011) supracitado, nos colocam a refletir, “independentemente de sua cor política ou ideológica” (FREIRE, 1996). Então, tanto educadores mais conservadores, que preferem trabalhar à luz das normas mais tradicionais, como os críticos progressistas e os seguidores do construtivismo podem se beneficiar com suas ideias.

Acredita-se que a pessoa aprende e ensina por imitação, reflexão e a partir de sua própria experiência adquirida dentro e fora da escola, seja

ela qual for. Em minúcias, o indivíduo vai se formando enquanto ser humano e professor a partir das interações que estabelece com seus familiares, colegas de trabalho, alunos, amigos; com os livros, filmes e outros artefatos culturais; enfim, com o mundo, através dos meios de comunicação, sobretudo, no momento hodierno, a internet. (MORO, 2011)

Quando Tardif (2011) fala que o saber é partilhado, pois os docentes compartilham espaços e recursos, e sofrem as mesmas influências de programas, matérias (conteúdos) e até as regras pertinentes aos espaços escolares podemos pressupor que toda uma gama de acontecimentos na vida acadêmica, ou espaço de formação, as leituras em comum, as regras de conduta e procedimentos contribuem na construção dos docentes e nas similaridades encontradas nos mesmos. Sobre este saber partilha, Kleiman (2001, p. 158):

[...] três elementos, como elementos constitutivos da instância de produção, quais sejam: o professor, o aluno e o conteúdo específico da disciplina alvo da aprendizagem. Entendemos, desse modo, que na **interação** (grifo nosso) entre esses três elementos ocorre uma mobilização de conhecimentos ou saberes que estão disponíveis em sala de aula.

Mais uma vez aparece o conteúdo específico como elemento importante, o que reitera a ideia de que o “saber está a serviço do trabalho” (TARDIF, 2011, p. 17). As relações que ocorrem no ambiente de trabalho desenvolvem a capacidade e dá os princípios para se enfrentar as situações que venham, a ocorrer no convívio diário. São as vivências dos *objetos sociais* (TARDIF, 2011), que exigem do ser-professor um ser-humano preparado para educar nas diferenças, Freire (1996) fala de “leitura de mundo”, de considerar as experiências pragmáticas da vida.

O que quero dizer é o seguinte: não posso de maneira alguma, nas minhas relações político-pedagógicas com os grupos populares, desconsiderar seu saber de experiência feito. Sua explicação do mundo de que faz parte a compreensão de sua própria presença no mundo. E isso tudo vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo “leitura do mundo” que precede sempre a “leitura da palavra” (FREIRE, 1996, p. 81).

Para Freire (1996) não se trata de subestimar o aluno e nem de se impor arrogantemente, mas de se estabelecer um diálogo, onde as verdadeiras necessidades devem ser o princípio das relações de ensino. Ainda para ele o primeiro saber é “*Saber*

que ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção (grifo do autor)”, a tarefa de ensinar requer apreensão da realidade, alegria, curiosidade, criticidade sem prepotência ou arrogância, e conhecer e ouvir são características intrínsecas a quem se dispõe a ensinar. Esse respeito às adversidades e abertura para o diálogo não teria como ser ignorado, já que o saber do professor é social, um somatório de saberes construídos nas relações com a família, com a escola, universidade, e estes mesmos saberes geram as relações sociais, um ciclo social, “quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado” (FREIRE, 1996, p. 23). Este processo constitui o que Tardif (2011, p. 39) procura definir como o professor ideal,

[...] é alguém que deve conhecer sua matéria, sua disciplina, e seu programa, além de possuir certos conhecimentos relativos às ciências da educação e à pedagogia e desenvolver um saber prático baseado em sua experiência cotidiana com os alunos.

Não pretendemos aqui criar ou questionar uma definição para os saberes necessários e nem para descrever o professor ideal, contudo, pensamos ser relevante analisar as afirmações existentes para entendermos a nossa própria realidade de professores e dos professores em formação. No que tange ao exercício da docência, Freire (1996, p. 25) afirmou que:

[...] quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando “curiosidade epistemológica” sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto (FREIRE, 1996, p. 25).

Tanto Freire (1996) como Tardif (2011) falam da competência necessária, dos saberes elementares que constituem a prática docente e para ambos as relações da prática articuladas aos saberes é que irão mobilizar suas ações, e torná-los um grupo social profissional. Não obstante o professor deve ser colocado como sujeito do conhecimento e não um servo à mercê de postulados produzidos por especialistas, técnicos ou mesmo pelos mecanismos sociológicos, como as lutas de classe, por exemplo, é preciso que os saberes, o saber-fazer, das competências e habilidades estejam atrelados ao trabalho escolar dos docentes. Segundo Tardif (2011):

[...] um professor de profissão não é somente alguém que aplica conhecimentos produzidos por outros, não é somente um agente

determinado por mecanismos sociais: é um ator no sentido forte do termo, isto é, um sujeito que assume sua prática a partir dos significados que ele mesmo lhe dá, um sujeito que possui conhecimentos e um saber-fazer provenientes de sua própria atividade e a partir dos quais ele a estrutura e orienta. (TARDIF, 2011, p. 230)

Se imputarmos que os professores são atores competentes temos que aceitar que os mesmos devem ser produtores dos saberes, teorias e práticas de suas próprias ações. Os conceitos e epistemologia de teoria e prática não devem ser simplistas, no que tange à formação de professores, podemos esclarecer com três considerações a esse respeito advindas do texto de Tardif (2011, p. 240-243):

1. [...] reconhecer que os professores de profissão são sujeitos do conhecimento é reconhecer, ao mesmo tempo, que deveriam ter o direito de dizer algo a respeito de sua própria formação profissional, pouco importa que nela ocorra na universidade, nos institutos ou em qualquer outro lugar. 2. [...] se o trabalho dos professores exige conhecimentos específicos sua profissão e dela oriundos, então a formação de professores deveria, em boa parte, basear-se nesses conhecimentos [...] é estranho que a formação de professores tenha sido e ainda seja bastante dominada por conteúdos e lógicas disciplinares, e não profissionais. 3. [...] a formação para o ensino ainda é enormemente organizada em torno das lógicas disciplinares. [...] Essa formação também é concebida segundo um modelo aplicacionista do conhecimento [...].

Concordando com Tardif (2011) em sua colocação acima, é estranho pensar em como os saberes e o saber-fazer são desenvolvidos de forma tão sistemática, e até matemática, quando nos voltamos para a divisão da carga horária das disciplinas, com alunos dentro das salas de aula sem familiarização com suas experiências próprias e/ou coletivas. Em seu texto *Experiência e Educação*, Dewey (2010, p. 75-76) afirma que as matérias devem derivar das experiências comuns da vida, entendemos que a gênese dos programas de formação deveria estar na realidade social e cotidiana das vivências dos sujeitos que se submetem ao propósito da docência. Sobre a construção dos programas, e essa relação de teoria e prática podemos afirmar que:

É preciso reconhecer as deficiências científicas e a pobreza conceptual dos programas actuais de formação de professores. E situar a nossa reflexão para além das clivagens tradicionais (componente científica versus componente pedagógica, disciplinas teóricas versus disciplinas metodológicas, etc.), sugerindo novas maneiras de pensar a problemática da formação de professores (NÓVOA, 1992, p. 11) .

Ainda sobre a experiência correlata à prática de formação docente devemos lembrar que “O professor é a pessoa. E uma parte importante da pessoa é o professor” (NÓVOA, 1992 apud NIAS, 1991). Não é comparecendo a inúmeros cursos e treinando muitas técnicas que se constrói um professor, não é um processo de “acumulação” (NÓVOA, 1992, p. 13), a pessoa-professor é quem deve utilizar da crítica reflexiva sobre sua formação, sua construção de ser-professor e reflexão da sua identidade pessoal. “Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência” (NÓVOA, 1992, p. 13).

Esta discussão, que não se cessa, sobre a formação de professores e os saberes necessários nos leva a consideração de que a “formação pode estimular o desenvolvimento profissional dos professores, no quadro de uma autonomia contextualizada da profissão docente (NÓVOA, 1992, p. 16)”. É, assim, importante em seus aspectos que haja uma formalização da profissão docente enredada pelos saberes e pelo saber-fazer,

Para os idealistas, como eu, o progresso da escola é indissociável de uma profissionalização crescente dos professores. Sejam os lúcidos o suficiente para saber que esse paradigma e os seus corolários, em termos de estatuto, de ganhos, de nível de formação, de atitude reflexiva, de *empowerment*², de mobilização coletiva, de gestão de estabelecimentos e de pensamento crítico, longe estão de obter unanimidade, mesmo entre aqueles a quem o *status quo* não satisfaz (PERRENOUD, 1999, p.8).

Quando Perrenoud (1999) defende o ideal para a profissionalização da profissão docente, ao tempo em que se autodenomina um ‘idealista’ nos leva a refletir sobre a nossa própria formação e os saberes docentes que encontramos de forma pragmática nas instituições de ensino. Exercer uma prática reflexiva, seria um ideário um tanto quanto abstrato deparando-se com um ambiente onde a formação não desperta a curiosidade necessária pela busca e a realidade que se encontra nas escolas está longe da preparação necessária que é oferecida. Não podemos falar em despertar para uma prática reflexiva sem relacioná-la aos saberes necessários para tanto, preparar o profissional para além de dominar seu ofício, enquanto conteúdo, possa encarar as situações que encontrar sem ficar com a sensação de que não foi preparado para aquilo,

² Em inglês, no original. Significa “investimento de poder” (N. E.).

[...] por um lado, eles descobrem por ensaio e erro, não sem sofrimento, os conhecimentos *elementares* que poderiam ter construído durante sua formação profissional, por exemplo, que as crianças não são adultos, que são todas diferentes, que têm necessidade de confiança, que elas próprias constroem seus saberes etc. > por outro lado, para *sobreviver*, desenvolvem práticas defensivas que, se não levam a aprender, lhes permitem pelo menos conservar o controle da situação; assim sendo, alguns se fecham, permanentemente, aos métodos ativos e ao diálogo com outros profissionais (PERRENOUD, 1999, p. 9).

Remetendo à formação podemos entremear a modalidade a que esta pesquisa se destina, a educação a distância e o professor por ela formado. Se alguns autores, como citados anteriormente, arriscam definições para o professor ideal e quais os saberes necessários para sua formação, onde se encontra o docente formado por esta modalidade?

A história da educação brasileira mostra que até o final do século XX a grande maioria das Instituições de Ensino Superior não tinha envolvimento com educação a distância. Segundo Oliveira (2003, p. 11), “A Educação a Distância (EAD) no Brasil é, atualmente, um campo em visível crescimento, mas repleto de polêmicas e desafios.” Desde que foi adotada para o ensino superior, até então considerada um divisor de águas no contexto socioeconômico, a EAD passou a ser alvo de intensas críticas e suspeitas, e o fato da “distância” do âmbito acadêmico suscita questionamentos, como quando o professor Jaime Giolo da UPF publicou na ANPED em seu artigo intitulado – *A EAD e a Formação de Professores*, em 2008:

Os alertas das comunidades acadêmicas constituídas, posto que já não são recentes, estão aumentando de volume. Os dados que foram apresentados ao longo deste texto indicam que esses alertas têm razão de ser. Sugere o bom senso que as maravilhas da tecnologia da informação devem jogar a favor da sala de aula e não contra ela, especialmente quando se trata de formar professores que serão destinados às salas de aula. A formação de pedagogos a distância deveria, talvez, se restringir à formação de pessoas interessadas em se preparar para ensinar a distância. **Professores para o ensino presencial deveriam ser formados em cursos presenciais** (grifo nosso), salvo os casos em que se tratar de professores em serviço e não havendo formas presenciais ou mistas possíveis de serem oferecidas (GIOLO, 2008, p. 1229).

Podemos observar em seu texto que Giolo (2008) defende a formação pela EAD apenas para professores que lecionarão dentro desta modalidade, questionando a falta de determinadas competências para a atuação no ensino presencial, justamente pela

colocação deste que ainda enfrentamos preconceitos e barreiras quando se fala em formar profissionais competentes pela educação a distância. Todavia há um exército de pesquisadores e estudiosos que defendem não só a modalidade, mas exaltam sua relevância para o desenvolvimento da sociedade. A realidade de distâncias geográficas e sociais do nosso país pode ser muito favorecida pela EAD. O *locus* da educação a distância desenvolveria saberes diferentes?

Onde estaria a EAD neste contexto? Barreto (2002, p. 144), com uma pequena, porém profunda frase ajuda nessa compreensão: a expressão “qualquer lugar” para aprender remete à valorização do processo e não dos espaços em que a aprendizagem poderia ocorrer. O processo de aprendizagem é muito mais importante do que o espaço onde ele ocorre, as distâncias não podem ser consideradas empecilhos para o sucesso da formação superior.

Embora antiga numa perspectiva tradicionalista, a EAD já acontece há muito tempo no mundo. O objetivo de uma pessoa que procura um curso dessa modalidade não é buscar “novidades”, mas oportunidades de aprender bem (DEMO, 2009, p. 87). Tentaremos aqui salientar que as mesmas competências e habilidades podem ser desenvolvidas em qualquer modalidade.

Nos cursos que se utilizam da modalidade EAD há a necessidade de um contínuo apoio de uma equipe preparada para trabalhar com essa modalidade e com as novas tecnologias, trazendo-as para junto do aluno e tornando-as favoráveis ao decurso da aprendizagem, pois “a formação do homem ocorre em vários lugares, sobretudo quando vivemos tempos de mudanças aceleradas (ENRICONE, 2003, p. 38)”.

Para reforçar a argumentação, Belloni (2006) coloca prospecção que corrobora com o panorama apresentado:

[...] a **educação ao longo da vida** (grifo da autora), isto é, a formação profissional atualizada, diversificada e acessível a todos será não apenas um direito de todos, e, portanto, dever do estado, mas constituirá provavelmente o melhor senão o único meio de evitar a desqualificação da força de trabalho e a exclusão social de grandes parcelas da população, consistindo num importante fator de estabilidade social.

O professor formado pelo processo de educação a distância desenvolve características singulares, torna-se mais íntimo das tecnologias e consequentemente aproxima-se da linguagem dos alunos, também utiliza os recursos disponíveis com

maior aproveitamento. Conforme os *Referenciais para Formação de Professores* do MEC de 1999, p. 75:

[...] as condições e necessidades da formação é que definem que recursos devem ser utilizados e como utilizá-los apropriadamente. O fundamental é otimizar o bom uso possível de todos os recursos que possam contribuir para o desenvolvimento das competências profissionais necessárias ao exercício da função de professor.

A educação a distância vem crescendo rapidamente em todo o mundo. [...] cidadãos e instituições veem nessa forma de educação um meio de democratizar o acesso ao conhecimento e de expandir oportunidades de aprendizagem ao longo da vida (BACHA, 2003 p. 119). Nesse contexto não podemos deixar de incluir a graduação a distância, que surge dentro destes propósitos, para facultar a cidadãos que possam ser residentes distantes de grandes centros urbanos, ocupados com a vida profissional em andamento, ou até mulheres que precisam ser efetivas com seus afazeres domésticos e criação dos filhos a oportunidade de acesso ao nível superior.

Em pouco tempo, em diversos lugares do mundo, criaram-se universidades que, utilizando a modalidade a distância, conseguiram que vastos setores da população, até então marginalizados dos sistemas convencionais ou formais, pudessem ter acesso aos estudos universitários (LITWIN, 2001, p. 9).

Assim como Giolo (2008) muitos outros levantaram suas bandeiras em protesto a EAD como formação de professores, mas veremos como ao longo dos anos a quebra de paradigmas é constante e como tem funcionado esse propósito. Nos *Referenciais para Formação de Professores (1999)* é dito:

A formação de professores a distância apóia-se principalmente em dois pilares: o direito de professores e alunos de acesso ao incremento tecnológico que marca o mundo contemporâneo, oferecendo novas possibilidades e impondo novas exigências à formação do cidadão, e as dificuldades que muitos professores enfrentam para participar de programas de formação em decorrência da extensão territorial e da densidade populacional do país (MEC, 1999, p. 74).

É claro que há problemas na modalidade a distância, como também há na modalidade presencial, o que é necessário é o apoio de todos, começando com as políticas públicas, mas alcançando a quebra de paradigmas nos ideais coletivos,

principalmente daqueles que trabalham para o desenvolvimento da educação do país, “o momento de transição paradigmática propicia ao profissional docente a revisão de seus procedimentos e até mesmo de sua maneira de ensinar, aprender, pesquisar, analisar a ciência e de encarar a vida” (OLIVEIRA, 2003 p. 39). Além disso,

É importante ressaltar que quando se pensa em atingir a população que não tem acesso ao ensino superior na modalidade presencial deseja-se ir ao encontro de um modelo mais inclusivo para o qual o desenvolvimento social busca ser igualitário, centrado no princípio da cidadania como patrimônio universal. (MEDEIROS e FARIA, 2003, p. 341)

Trabalhando dentro de uma abordagem imparcial, compomos um quadro que expõe os desafios que a EAD enfrenta baseado na obra de Litwin (2001, p. 21).

Desafios da Educação a Distância
• não perder de vista o sentido político original da oferta; • verificar se os suportes tecnológicos utilizados são os mais adequados para o desenvolvimento dos conteúdos; • identificar a proposta de ensino e a concepção de aprendizagem subjacente; • analisar de que maneira os desafios da “distância” são tratados entre alunos e docentes e entre os próprios alunos; • seu sentido democratizante, a qualidade da proposta pedagógica e de seus materiais. • é preciso que as tecnologias não criem um abismo em nossa sociedade; • que a EAD seja pensada como parte das políticas públicas implantadas para reduzir as desigualdades, e não como instrumento para aprofundá-las.

Tabela 02: Desafios da EAD

Fonte: LITWIN, 2001, p. 21.

Como já colocamos, há muitos desafios e problemas na EAD, mas podemos perceber pelas discussões sobre formação de professores e construção de saberes que os problemas habitam qualquer modalidade, então estes não seriam grandes impedimentos para que se coloque em prática de forma exitosa. Na mesma obra Litwin (2001) faz uma colocação muito pertinente sobre a qualidade, se uma universidade oferece um curso de qualidade na modalidade presencial, este poderia claramente oferecer o mesmo curso, com a mesma qualidade na modalidade a distância. Trata-se, então, de qualidade, o problema não estaria na modalidade, e sim na forma de aplicação da mesma.

O desenvolvimento de habilidades de autonomia e o foco no aluno são características marcantes da EAD, e na graduação há um modelo de suporte que

trabalha em encontro com o progresso do ensino-aprendizagem, tirando o aluno da passividade e colocando-o no papel de construtor de seu próprio conhecimento, ele aprende a aprender.

Podemos observar que as grandes Instituições de Ensino Superior adotaram um modelo onde há uma coordenação, tutores, professores, equipe técnica; todos trabalham em conjunto, a logística é meticulosamente pensada e organizada, pois nessa modalidade não há espaço para improviso, todas as aulas tem que ser programadas com muita antecedência, pois toda a equipe é envolvida, há gravação de *podcasts*³, vídeos, aulas ao vivo através *video streaming*⁴, chats, fóruns, além de atividades postadas no AVA (ambiente virtual de aprendizagem), neste os alunos podem visualizar e fazer *download*⁵ de vídeos e *podcasts*, interagir com professores e colegas de turma, percebemos uma maior construção de autonomia comparado ao modelo presencial, onde a passividade é mais facilmente percebida.

Essa realidade ainda não é regra geral, mas grandes avanços podem ser percebidos nos cursos de formação de professores a distância, como as plataformas de comunicação, por exemplo. Estar inserido neste meio de tecnologias e desenvolvimento de novas habilidades propiciaria a construção de um ser professor diferenciado do professor que estuda presencialmente.

³ Podcast - é o nome dado ao arquivo de áudio digital, e em alguns casos também pode conter imagens.

⁴ Video streaming – forma de distribuição de vídeos utilizando a rede de internet.

⁵ Download - a obtenção de dados de um dispositivo através de um canal de comunicação, sendo o mais comum a internet.

CAPÍTULO 2 - TESSITURAS DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

2.1 Breve histórico da EAD no Brasil e suas políticas

Não há estudo mais importante para o homem do que o estudo do homem mesmo. (MEDEIROS e FARIA, 2003)

Quando pensamos educação a distância ainda nos deparamos com muitas dúvidas e questionamentos sobre seu funcionamento e sua qualidade. Apesar de existir a muito tempo as desconfianças até hoje são muitas, os primeiros cursos através dos correios por vezes foram motivos de piadas, embora já se tenha dados de que muitas pessoas foram beneficiadas pelos mesmos, o rádio se aliou aos materiais escritos e sua tecnologia trouxe inovações que até hoje são utilizadas, a televisão também foi incorporada como ferramenta para a EAD com o apoio do governo federal em parceria com os municípios.

Considerando que o Brasil é um país de dimensões continentais, e o crescimento demográfico acelerado, a educação presencial não consegue atender a todos os que desejam estudar, surge então a EAD para proporcionar o acesso e diminuir as diferenças. As tecnologias de informação e comunicação – TICs surgem e são incluídas para colaborar com a disseminação da educação, podemos incluir aí, o ensino superior, antes nem sonhado por muitos que vivem em regiões distantes de grandes metrópoles, ou até mesmo os que precisam trabalhar durante a semana e não tem tempo para atender às aulas presenciais.

Segundo Belloni (2006, p. 3) EAD “é uma modalidade de educação extremamente adequada e desejável para atender às novas demandas educacionais decorrentes das mudanças na nova ordem econômica mundial.” Podemos destacar que já no final do século XIX ocorreram as primeiras experiências de educação a distância no Brasil, então faremos um breve descritivo da construção da EAD até como está sendo aplicada hoje.

Para Keegan (1991) as principais características da EAD são:

[...] separação física entre professor e aluno, que a distingue do ensino presencial; influência da organização educacional (planejamento, sistematização, plano, projeto, organização dirigida etc), que a

diferencia da educação individual; utilização de meios técnicos de comunicação, usualmente impressos, para unir o professor ao aluno e transmitir os conteúdos educativos; previsão de uma comunicação de mão dupla, onde o estudante se beneficia de um diálogo, e da possibilidade de iniciativas de dupla via; possibilidade de encontros ocasionais com propósitos didáticos e de socialização; e participação de uma forma industrializada de educação, a qual, se aceita, contém o gérmen de uma radical distinção dos outros modos de desenvolvimento da função educacional.

No Brasil essa modalidade iniciou-se em 1937 com a criação do Serviço de Radiodifusão Educativa, do Ministério da Educação - MEC. Este serviço compartilhava aulas pelo rádio e estas eram acompanhadas por material impresso. O Instituto Monitor aparece como a primeira empresa particular a oferecer este serviço que, desde 1939, já atendeu mais de cinco milhões de pessoas.

Os Correios passaram a ter grande importância para esta prática, quando apostilados para estudo e listas de exercícios eram enviados e estas deviam ser reenviadas para conferência e aferimento de nota. A princípio empresas estrangeiras eram responsáveis por estes cursos. Esta prática foi largamente difundida pelo *Instituto Universal Brasileiro*, que há aproximadamente 70 anos oferece cursos a distância no Brasil, empresa pioneira neste ramo e de grande expressividade no cenário da EAD. Embora a literatura de EAD apresente sérios problemas para esta empresa e a fama de qualidade duvidosa tenha impregnado e maculado a imagem da educação a distância no Brasil, esta já atendeu mais de quatro milhões de pessoas desde sua fundação. Alguns desses problemas recaem na dificuldade de controle das atividades avaliativas, pois como as mesmas eram encaminhadas pelos correios para aferição de notas, a possibilidade de fraude era muito grande, e esse é um dos principais motivos para os questionamentos quanto à qualidade dos cursos. O Instituto Monitor e o Instituto Universal Brasileiro sobreviveram com suas empresas e estão ativos até hoje.

Em um segundo momento essa modalidade foi adotada também para educação convencional para abarcar os moradores de áreas isoladas e os trabalhadores que não tinham tempo para atender às aulas convencionais (presenciais), como os primeiros clientes eram esses moradores distantes das metrópoles e simples membros do proletariado, foi incutido na sociedade a ideia de educação barata e sem qualidade.

Diversos programas para o desenvolvimento da EAD foram desenvolvidos:

Inúmeros programas, especialmente os privados, foram sendo implantados a partir da criação, em 1937, do Serviço de Radiodifusão Educativa do Ministério da Educação. Destacaram-se, dentre eles, a Escola Rádio-Postal "A Voz da Profecia", criado pela Igreja Adventista em 1943, com o objetivo de oferecer aos ouvintes cursos bíblicos. O SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial iniciou, em 1946, suas atividades e logo a seguir desenvolveu no Rio de Janeiro e em São Paulo a Universidade do Ar que em 1950 já atingia 318 localidades. A Igreja Católica, por meio da Diocese de Natal, no Estado do Rio Grande do Norte, criou em 1959 algumas escolas radiofônicas, dando origem ao Movimento de Educação de Base. No sul do País, destaque para a Fundação Padre Landell de Moura, no Estado do Rio Grande do Sul, com cursos via rádio. Projetos como o MOBRAL, vinculado ao Governo Federal, prestaram grande auxílio e tinham abrangência nacional, especialmente pelo uso do rádio. A revolução deflagrada em 1969 abortou grandes iniciativas, e o sistema de censura praticamente liquidou a rádio educativa brasileira. (Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação – IPAE)

Através da televisão foram desenvolvidos outros programas que a utilizavam como principal modo de transmissão das aulas, como a TV Escola,

[...] sob a manutenção do Poder Público Federal, que gera bons programas, contudo a forma de difusão depende das emissoras abertas ou a cabo para o acesso da população em geral. As escolas recebem, por satélite, (e com o apoio dos correios) os benefícios (Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação – IPAE).

Heloísa Dupas Penteado (1991, p. 97) já afirmou em sua obra *Televisão e Escola: conflito ou cooperação?* – “[...] os alunos gostam de ver TV, vêem-na com prazer e aprendem pela TV”. Moran (2002) em seu texto *Desafios da televisão e do vídeo à escola* afirma:

Justamente porque a televisão não diz que educa o faz de forma mais competente. Ela domina os códigos de comunicação e os conteúdos significativos para cada grupo: os pesquisa, os aperfeiçoa, os atualiza. Nós educadores fazemos pequenas adaptações, damos um verniz de modernidade nas nossas aulas, mas fundamentalmente continuamos prendendo os alunos pela força e os mantemos confinados em espaços barulhentos, sufocantes, apertados e fazendo atividades pouco atraentes. Quem educa quem a longo prazo?

A TV passa a ser vista como um veículo de comunicação importante no que tange à educação, saindo do seu objetivo inicial, unicamente para entretenimento. O Sistema de Teleducção foi um marco para a EAD, criado pelo Senac:

Em 1976, o Senac criou o Sistema Nacional de Teleducação. Com centros, localizados em seis cidades, responsáveis pelo atendimento e por tarefas de gerência pedagógica e administrativa, o Sistema foi uma alternativa para atingir uma clientela sem condições de frequentar cursos em horários e locais fixos. O Sistema operava principalmente por meio do ensino por correspondência. No entanto, também realizou algumas experiências com rádio e TV. (...) A partir de 1988, o Sistema Nacional de Telecomunicação passou por mudanças. Com sua reestruturação, cada estado da Federação passou a ter Unidades Operativas de Educação a Distância. Para atender satisfatoriamente a essa ampliação, o Departamento Nacional criou o Centro Nacional de Educação a Distância (Cead). Cabe ao Centro, além da produção de vários cursos a distância, abertos à população de um modo geral, desenvolve projetos de capacitação do corpo técnico e de educação aberta.

Em 1978 surge o Telecurso, resultado de um convênio entre a Fundação Roberto Marinho e a Fundação Padre Anchieta, mantenedora da TV Cultura de São Paulo, pioneiro de teleducação. Pela primeira vez, uma grande empresa do ramo de telecomunicação era usada para um projeto educativo: o Telecurso 2º grau. O SESI, o SENAI, e a Fundação Roberto Marinho, com notória competência na produção de telecurtos, uniram-se para ajudar a reverter o quadro em que se encontrava o Brasil. Com 150 milhões de habitantes, no ano 2000 e parte absoluta dos jovens sem acesso à educação básica, em contrapartida 80% das residências possuíam televisão, encontrava-se neste cenário a oportunidade para proporcionar educação via televisão, esta etapa do projeto foi chamada de Telecurso 2000.

Em livro inspirado em sua dissertação de mestrado, Celso do Prado Carvalho (1999) à qual intitulou *A educação cidadã na visão empresarial: o Telecurso 2000* traz uma discussão acerca da visão empresarial sobre o TC2000. Neste livro as parcerias empresariais entre o sistema da Federação das indústrias de São Paulo – FIESP, o Serviço Social da Indústria – SESI/SP, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI/SP e a Fundação Roberto Marinho – FRM **assumem inquestionável posição de liderança** (grifo do autor) no esforço pela construção do país para o próximo milênio [...], demonstram um viés capitalista que suporta a estrutura administrativa do TC2000. Destacamos a obra supracitada para esclarecer que as políticas que envolvem o programa possuem caráter regulamentador, o que não poderia deixar de ser dito, já que não havia uma preocupação com a formação das séries iniciais e nem com um acompanhamento posterior dos participantes dos cursos oferecidos (CARVALHO, 1999).

Senso comum entre as afirmações do autor e os defensores da EAD é a afirmação de que a educação como fator de desenvolvimento econômico-social, é capaz de equacionar os problemas de pobreza e distribuição de renda. Hoje o Telecurso “é garantido por meio da recepção livre pela TV e a sua programação está presente em 89% dos lares brasileiros e pelo menos 7 milhões de pessoas assistem a ele semanalmente (Portal Telecurso, 2012).”

Enquanto o Brasil vivia um momento onde o sentimento era de estagnação no âmbito educacional, surgia então, uma proposta para oficializar a EAD como modalidade de educação importante. Em 1991 inicia-se o projeto piloto primeiramente conhecido como “Jornal da Educação. Edição do Professor” o intuito era capacitar professores que trabalhavam na rede pública de ensino com as séries iniciais. A partir de 1996 a TV Escola é colocada no ar, esta foi a primeira medida após o Decreto 1.917 que criou as Secretarias Estaduais de Educação a Distância – SEED.

Com a criação da SEED os Estados passaram a ter maior autonomia para desenvolver ações que versavam a favor do desenvolvimento da EAD e o canal TV Escola, que foi criado pelo Ministério da Educação e Desporto e é um programa da SEED, pretendia contribuir para a formação e valorização dos professores de Ensino Fundamental e Médio, visando a capacitação, informação e atualização, também dos alunos e interessados. “A TV Escola é o canal da educação. É a televisão pública do Ministério da Educação destinada aos professores e educadores brasileiros, aos alunos e a todos interessados em aprender”, essa é a descrição do MEC para o programa.

Para que fosse possível essa transmissão era necessário que as escolas recebessem um kit tecnológico, como ficou conhecido, embora seu nome original fosse Programa de apoio tecnológico – PAT, que era composto por: uma antena parabólica, uma TV de 20 polegadas, um videocassete e fitas VHS virgens (para gravar os programas), o Estado ficava responsável pelo envio desses equipamentos, mas quem responde pela supervisão operacional da TV Escola é a empresa EBC Serviços, situada em Brasília. Mas somente escolas com mais de 100 alunos matriculados receberam o kit.

O Programa TV Escola também se desenvolveu com base na utilização do kit, com objetivo de capacitar professores e levar mais informação e tecnologia aos alunos da rede pública. Nesta empreitada o governo assumiu postura de descentralização, deixando a cargo das secretarias dos estados e municípios a administração – o MEC apostou aqui em um modelo fortemente descentralizado e autônomo, uma vez que, em

última instância, delegou à unidade escolar total arbítrio para o uso da TV Escola (DRAIBE e PEREZ, 1999).

A TV Escola, que a princípio era vinculada ao Palácio do Governo, através da Secretaria de Comunicação, somente posteriormente foi transferida para a SEED. Em 2011 no governo da presidenta Dilma Rousseff a SEED foi extinta, ficando a cargo das Secretarias de Educação Básica a responsabilidade de gerenciamento.

Há aproximadamente seis anos as escolas já trabalham com DVDs em substituição aos antigos videocassetes, assim como foi digitalizada sua programação e através do portal Domínio Público pode-se fazer *downloads* de seus programas, a TV Escola passou por uma atualização midiática visível.

Outro programa importante é o Salto para o Futuro que foi criado pela Secretaria Nacional de Educação Básica, o Ministério da Educação em convênio com a Fundação Roquete Pinto e conveniado às SEED, tinha como objetivo propiciar meios de atualização para o professor de ensino de primeiro grau, aos alunos dos cursos profissionalizantes de formação e professores de ensino médio. Percebe-se que ao longo dos anos o programa mudou o foco passou a dirigir-se a professores de todas as séries, em especial do ensino fundamental maior e médio, isso é notório nos vídeos assistidos e nas leituras atuais sobre o mesmo.

Conforme Boletim Técnico do Senac de 1995 “é um programa (...) destinado à atualização de professores da educação fundamental (...) apoio aos cursos de formação de professores que irão atuar nas primeiras séries do ensino de 1º grau”, já de acordo com publicação atual no portal tvbrasil.org.br “É uma das faixas de programação do canal dirigida especialmente à formação continuada de professores do ensino fundamental e médio, atendendo também a temas de interesse para a educação infantil.”

O Salto para o Futuro preocupado em oferecer uma linguagem específica para professores mantém um padrão de estilo de telejornalismo, onde professores convidados debatem assuntos elencados, para estes, módulos são enviados aos professores-alunos para leituras prévias. Nos dias das aulas é possível enviar dúvidas por fax ou telefone, e há momento específico para dirimir as principais dúvidas enviadas.

Como o público alvo são professores a qualidade no programa é indispensável, pois o professor é um consumidor de mídia global e reconhece um programa de atributo superior. O programa foi pioneiro em tempos difíceis para a tecnologia, visto que, o uso de parabólicas e sinal digital estava ainda dando seus primeiros passos no âmbito educacional. Segundo Barreto (1997, p. 309-310) este programa:

[...] tem como parceiros o Ministério da Educação (MEC), através da Secretaria Nacional de Educação Básica (Seneb), a Fundação Roquete Pinto, responsável pela Televisão Educativa do Ministério, bem como as Secretarias de Estado da Educação, no que diz respeito às ações de campo.

Barreto afirma ainda que a combinação de diversos recursos tecnológicos proporciona a interatividade e assegura o diálogo contínuo entre a equipe de produção e os professores que estão atendendo ao curso.

Outra ação de política pública que trouxe a educação a distância para a formação de professores é a Universidade Aberta – UAB, que de acordo com o portal da CAPES:

Universidade Aberta do Brasil é um sistema integrado por universidades públicas que oferece cursos de nível superior para camadas da população que têm dificuldade de acesso à formação universitária, por meio do uso da metodologia da educação a distância. O público em geral é atendido, mas os professores que atuam na educação básica têm prioridade de formação, seguidos dos dirigentes, gestores e trabalhadores em educação básica dos estados, municípios e do Distrito Federal.

A UAB tem papel muito importante nas políticas de formação de professores, pois oferece anualmente inúmeras vagas para os cursos de licenciatura e promove a acessibilidade a localidades distantes dos centros universitários. Instituída pelo Decreto 5.800, de 8 de junho de 2006 incentiva a modalidade de educação a distância nas instituições públicas de ensino superior, como também apoia pesquisas em metodologias inovadoras de ensino superior respaldadas pelas TIC. Elencamos alguns dos pontos importantes descritos no Decreto supramencionado, em seu art. 1º, que versa sobre seus objetivos: oferecer cursos de licenciatura para professores da educação básica, cursos superiores para dirigentes, gestores e trabalhadores que atuam na educação básica dos estados e municípios, ampliar o acesso à educação superior pública; ampliar o acesso à educação superior pública; reduzir as desigualdades de oferta de ensino superior entre as diferentes regiões do País; estabelecer amplo sistema nacional de educação superior a distância; e fomentar o desenvolvimento institucional para a modalidade de educação a distância, bem como a pesquisa em metodologias inovadoras de ensino superior apoiadas em tecnologias de informação e comunicação.

A principal tecnologia utilizada em seus cursos é o impresso, mas é claro que a UAB conta com importante recurso além destes, o computador. Quando o computador foi inserido no panorama educacional e com o advento da internet, o intercâmbio de

textos por e-mail passou a caracterizar forma assíncrona de comunicação. Com a evolução dos programas e da instalação de conexão à internet iniciou-se com as salas de bate-papo a possibilidade da comunicação síncrona entre diversas pessoas. Podemos afirmar que computadores são meios que corroboram com o desenvolvimento do intelecto, através de imagens, sons, textos. A WWW - World Wide Web, amplia as formas de comunicação e troca de informações na sociedade, as ações passam a ser mais rápidas e o antigo correio vai cada vez menos sendo usado. Inúmeros programas são lançados para facilitar sua utilização e fica difícil imaginar o mundo sem ele.

Com os computadores outras portas se abriram, no início com muita dificuldade devido ao alto custo do aparelho e problemas com a internet. Entre 1988 e 1991, foi possível a informatização e a reestruturação do Sistema de Teleducção. Surge então o termo Teleconferência, um espaço aberto para debates, destinado à troca de informações e à disseminação de conhecimentos (Portal Senac).

A educação foi beneficiada com a chegada dos computadores, a comunicação passou a ser mais rápida, quase que imediata e com maior eficácia, com a Internet as pesquisas puderam ampliar-se e a interação entre alunos de EAD com outros alunos EAD, com professores e/ou tutores trouxe uma dinâmica, antes quase que impossível, senão muito rara, entre esses participantes. Seguindo o pensamento de Bossuet (1985) podemos destacar cinco argumentos para o uso do computador: em primeiro lugar permite um ensino individual ou individualizado, pensando o ser como indivíduo, não como ser isolado; em segundo melhora a comunicação e a qualidade da aprendizagem, o computador sempre como um mediador, destacando os verbos, transmitir, transmitir-se e comunicar; em terceiro propicia que o aluno possa progredir respeitando seu ritmo individual; em quarto o aluno é um autônomo, que aprende a resolver seus próprios problemas e por último melhor assimilação do programa.

Ainda sobre a função do computador, podemos citar a professora Edméa Santos (2002) em seu texto *Formação de professores e cibercultura: novas práticas curriculares na educação presencial e a distância*, quando afirma que:

[...] o computador digital é um elemento *estruturante* (grifo da autora), pois permite que novas formas de pensar sejam instituídas. Um elemento que lida com linguagem permite que novas representações, novos processos de aprendizagem e de desenvolvimento cognitivo possam emergir dessa interação sócio-técnica.

2.2 Políticas Públicas para Educação a Distância no Brasil

Embora os primeiros registros de Educação a Distância datem do final do século XIX, somente em 1996 a Educação a Distância encontrou respaldo legal com a Lei de diretrizes e bases da Educação – LDB – 9.394, de 20 de dezembro. Nesta destacamos o artigo 80, que diz: O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada. Destacaremos seus quatro parágrafos para ilustração da argumentação:

§ 1º. A educação a distância, organizada com abertura e regime especiais, será oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União.

§ 2º. A União regulamentará os requisitos para a realização de exames e registro de diploma relativos a cursos de educação a distância.

§ 3º. As normas para produção, controle e avaliação de programas de educação a distância e a autorização para sua implementação, caberão aos respectivos sistemas de ensino, podendo haver cooperação e integração entre os diferentes sistemas.

§ 4º. A educação a distância gozará de tratamento diferenciado, que incluirá:

I - custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens;

II - concessão de canais com finalidades exclusivamente educativas;

III - reserva de tempo mínimo, sem ônus para o Poder Público, pelos concessionários de canais comerciais.

O artigo 80 supracitado foi regulamentado posteriormente pelos Decretos 2.494 e 2.561, de 1998, mas ambos revogados pelo Decreto 5.622, em vigência desde sua publicação em 20 de dezembro de 2005. No decreto 5.622 a educação a distância é descrita como *modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos*.

Este artigo orientou a construção de padrões de qualidade para a EAD, percebemos seu texto regulador, mas quando partimos para uma análise da prática de como essa modalidade foi desenvolvida e como está funcionando, fica claro seu caráter regulamentador.

O caráter regulamentador com que o Estado lida com as políticas de educação se mostra claro em todo o processo de implantação de projetos, se analisarmos a definição de regulamentação versus regulação de Barroso (2005, p. 3):

a “regulação” (mais flexível na definição dos processos e rígida na avaliação da eficiência e eficácia dos resultados) seria o oposto da “regulamentação” (centrada da definição e controle a priori dos procedimentos e relativamente indiferente às questões da qualidade e eficácia dos resultados).

Poderemos afirmar com segurança que as palavras de Barroso descrevem a realidade brasileira da EAD, pois não serão solucionados os problemas apenas com equipamentos tecnológicos, a capacitação dos profissionais que irão lidar com esses é essencial, assim como a familiarização dos discentes.

Para tentar solucionar questões desta natureza diversos programas foram desenvolvidos, como o Programa Nacional de Tecnologia Educacional - PROINFO, o programa leva às escolas computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais. Em contrapartida, estados, Distrito Federal e municípios devem garantir a estrutura adequada para receber os laboratórios e capacitar os educadores para uso das máquinas e tecnologias. Com este programa, além de proporcionar os equipamentos, o MEC também faz parceria com os municípios para a capacitação dos professores, o que é muito importante, não ignorar que a máquina em si não resolve os problemas do analfabetismo digital, e o sujeito mais importante nesse processo é o professor, que deve estar preparado para utilizar de forma proveitosa as tecnologias disponibilizadas. O PROINFO esteve ativo de 1997 a 2007.

Outro exemplo é o projeto Um computador por aluno - UCA, cada escola receberá os laptops para alunos e professores, infraestrutura para acesso à internet, capacitação de gestores e professores no uso da tecnologia. “O Programa Um Computador por Aluno - PROUCA tem como objetivo ser um projeto Educacional utilizando tecnologia, inclusão digital e adensamento da cadeia produtiva comercial no Brasil”. (Portal uca.gov.br)

Este projeto deu origem à vertente UCA Total, onde os municípios selecionados foram beneficiados em todas as suas escolas da rede pública de ensino. Seis municípios foram escolhidos para serem os primeiros a receber o UCA Total; Barra dos Coqueiros/SE,

Caetés/PE, Santa Cecília do Pavão/PR, São João da Ponta/PA, Terenos/MS, Tiradentes/MG.

Os anos de 2005 e 2006 foram os mais marcantes para o UCA, pois em Janeiro de 2005 ocorreu a Reunião do Fórum Econômico Mundial em Davos, Suíça onde a proposta pioneira é apresentada pelo ex-professor do *Massachusetts Institute of Technology* – MIT, neste mesmo ano é fundada a organização *One Laptop Per Child*– OLPC, em junho a proposta é apresentada no Brasil, em Brasília ao então presidente Lula, que demonstrou interesse e apoiou a ideia. Já em julho três institutos de pesquisa ligados (CERTI, USP e CenPRA) formaram um grupo técnico para avaliar os aspectos pedagógicos e tecnológicos do programa. Durante o período de um ano de julho de 2005 a julho de 2006 aconteceram avaliações do grupo técnico, destas resultaram conclusões de necessidade de realizar experimentos nas escolas e a busca por novos fornecedores. No ano de 2010 foram comprados os computadores, é importante frisar que houve preocupação com a formação dos professores que iriam trabalhar junto aos alunos neste projeto, tanto que:

Para receber os computadores, as escolas devem passar por uma adequação na infra-estrutura e, o mais importante, pela **formação dos professores** (grifo nosso). Para isso, o GTUCA elaborou um plano de formação que contará com o apoio das Instituições de Ensino Superior e dos Núcleos de Tecnologia Educacional dos Estados e Municípios (NTE/NTM). As IES também serão responsáveis pela pesquisa relacionada ao uso dos equipamentos durante a fase piloto. (Portal uca.gov.br)

Em 10 de junho de 2010 através da Lei nº 12.249 o projeto PROUCA deixa de ser uma medida provisória e assume o caráter normativo.

Todos os programas voltados para a EAD foram vinculados à Secretaria de Educação a Distância – SEED, criada pelo MEC em 1996 através do Decreto nº 1.917. “A SEED volta-se para o desenvolvimento de projetos estratégicos; institucionalização da educação a distância no país; articulação do campo institucional e da sociedade civil (MEDEIROS e FARIA, 2003 p. 339).” De acordo com o portal no MEC:

o Ministério da Educação, por meio da SEED, atua como um agente de inovação tecnológica nos processos de ensino e aprendizagem, fomentando a incorporação das tecnologias de informação e comunicação (TICs) e das técnicas de educação a distância aos

métodos didático-pedagógicos. Além disso, promove a pesquisa e o desenvolvimento voltados para a introdução de novos conceitos e práticas nas escolas públicas brasileiras. (Portal mec.gov.br)

Em 2011, no governo da Presidenta Dilma Rousseff, a SEED foi extinta, o ex-secretário da SEED Carlos Eduardo Bielschowsky, em entrevista à Folha Dirigida em 28 de maio de 2011 e quando questionado sobre a extinção, e se seria um casamento com o presencial, respondeu com as seguintes palavras:

É uma sinalização muito clara de que a educação a distância se qualificou. É um reflexo disso, e de que ela já está pronta para enfrentar um processo mais homogêneo. Estou conjecturando sobre os pensamentos do ministro Fernando Haddad. Meu pensamento é que cada vez teremos menos diferenças entre a educação a distância e a educação presencial. Cada vez mais as tecnologias serão utilizadas, cada vez mais as atividades estarão mais próximas. Nos cursos EAD, por exemplo, o aluno entra para uma instituição. E ele escolhe se quer fazer determinada disciplina de forma presencial ou a distância. E aqui no Brasil nós já temos 20% da carga horária das graduações presenciais para serem dadas a distância. Acho que a tendência é ficarem cada vez mais próximas.

No Brasil instituições públicas e privadas podem oferecer cursos de graduação a distância, através de parecer do Conselho Nacional de Educação, homologado pelo ministro da Educação por meio de Portaria publicada no Diário Oficial, nos termos da Lei 9.394/96 (LDB), do Decreto 2.494/98 e da Portaria MEC 301/98 (MEDEIROS e FARIA, 2003, p. 342).

2.3 Tecendo sobre o NEAD/UNIT

A experiência que vivenciamos de forma atuante no Núcleo de Educação a Distância – NEAD, da Universidade Tiradentes - UNIT não poderia deixar de ser descrita logo no início da nossa pesquisa. A interação e vivência diária corroboraram de forma intrínseca para a construção de uma base de conhecimentos adquiridos diretamente na prática, e influenciaram imensamente o desejo por maiores informações de como o processo de formação de professores ocorreu deste âmbito.

Fazer parte de um processo novo, verde, e a cada dia aprender mais sobre seu funcionamento, nos levou a querer aprofundar não somente pelo viés da administração,

mas pelo olhar do discente, do professor em formação, daquele que assim como nós, estava vivenciando algo inédito em sua vida. Professores que participaram ativamente de um pioneirismo no estado, e como o processo permeou suas vidas durante e após o curso é o que vai sustentar o tecer deste trabalho. Falar sobre experiências vividas retoma memórias que colocadas em paralelo com outras ressignificações compreendidas até o momento presente do relato consignam novas possibilidades de interpretação, sobre esta parte comporemos na construção dos resultados, onde a culminância da pesquisa será apresentada.

A Educação a distância ainda irá permear as discussões entre os pesquisadores da área de educação como tema novo por algum tempo. Podemos observar nos textos a esse respeito como instiga argumentos e nos leva à reflexão da sua eficácia enquanto opção de construção de conhecimento.

Compor a equipe de um curso de licenciatura na modalidade EAD exigiu de todos os envolvidos adaptação e imersão em novos conhecimentos e experiências. Não exatamente adaptação, uma nova construção de conhecimento, pois “(...) saber aplicar conhecimento não significa adaptar conhecimentos gerais a situações específicas (VALENTE, 2003, p. 23)”. Com os polos de apoio funcionando a quase um semestre e o Projeto Pedagógico em reformulação havia muito a ser feito. Primeiro foi preciso entender a dinâmica do Núcleo e seu histórico.

O NEAD/UNIT foi implantado em 2000, e este é:

[...] o órgão responsável pela coordenação administrativa e didático-pedagógica dos cursos e atividades de ensino à distância na UNIT, nos níveis de Extensão, Graduação e Pós-Graduação, subordinado à Pró-Reitoria Acadêmica vem desenvolvendo atividades e preparando a comunidade acadêmica para a implementação da Educação a Distância em seu contexto (Projeto Pedagógico/NEAD/UNIT).

A revolução tecnológica latente na sociedade não poderia passar despercebida aos olhos de uma universidade. Os seguimentos da evolução das tecnologias, em especial o da comunicação, se fundem com as demandas que a estrutura educacional recebe e que não mais consegue responder somente com o método tradicional. A aliança entre a pesquisa, ensino e extensão, o tripé que sustenta uma universidade, deve estar preparado para apresentar propostas que atendam às necessidades advindas de uma sociedade em constante evolução.

As primeiras ações do NEAD começaram pequenas e quase que despercebidas pelo corpo acadêmico. Um grupo formado por poucos profissionais, em sua maioria que nunca havia trabalhado com essa modalidade, se esforçava para compreender esse novo universo e se inserir da melhor forma dentro dos novos papéis. As disciplinas *on-line* foram a primeira experiência colocada em prática, de forma tímida e sofrendo resistência. Foi percebido que tanto os alunos como o corpo docente estranharam a nova forma como algumas disciplinas seriam inseridas no currículo dos cursos, alguns alegavam que não haveria como ter qualidade na contemplação dos conteúdos, outros ficaram apreensivos com receio de ter suas cargas horárias diminuídas. Tudo que é novo causa estranheza, é natural ao ser humano se acostumar com a rotina e com sua zona de conforto, contudo não há como se manter estático numa sociedade em contínua transformação.

É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas cronológico, O velho que preserva sua validade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo continua vivo (FREIRE, 1996, p. 35).

Novos papéis foram surgindo e as salas de aula, aquelas tradicionais de quatro paredes foram deixando de ser a única opção, e “[...] substituir a proposta de assistência regular às aulas por uma nova proposta, na qual os docentes ensinam e os alunos aprendem mediante situações não-convencionais [...] (LITWIN, 2001, p. 13)”. Uma série de treinamentos e capacitações aconteciam para esclarecer como que cada membro dessa nova equipe deveria trabalhar, percebemos muitas dificuldades na implantação.

O termo tutoria, derivado de tutela, a princípio “designado à autoridade conferida por lei para velar pela pessoa ou bens de um menor ou de um interdito (CARVALHO, 1972, p. 1014)” passa a assumir nova função. Neste contexto torna-se o responsável pela intermediação das discussões semanais, no texto do Projeto Pedagógico do NEAD/UNIT é descrito com as seguintes afirmações:

Tutoria – Professores ou profissionais de áreas específicas nos cursos ministrados, selecionados **Coordenação Geral** e ratificados pelo **Colegiado**. Tem como competência básica o acompanhamento pedagógico, individual ou coletivo dos alunos, auxiliando-os na interação com os materiais no sentido de que as informações sejam convertidas em conhecimentos.

Outros papéis que apesar de já existirem na modalidade presencial foram assumidos por profissionais exclusivos ao Núcleo de Educação a Distância foram os seguintes: Membros do colegiado, Coordenação Geral, Assessoria Técnico-Pedagógica e Assessoria de Avaliação. Abaixo segue tabela baseada em informações retiradas do Projeto Pedagógico do NEAD.

Colegiado	Constituído por: Pró-Reitores e Adjuntos, Diretores de Centros; Coordenadores dos Cursos envolvidos, representantes de Professores, Estudantes e Parceiros. Terá como atribuição principal acompanhar e avaliar permanentemente as ações do NEAD
Coordenação Geral	Constituído por um professor da instituição, nomeado pelo Reitor. Tem como competências: - Definir, juntamente com o Colegiado, estratégias de implantação da modalidade de EAD na UNIT, através da elaboração de Projetos de cursos, proposta técnico-financeira, da articulação política e institucional, do monitoramento e avaliação. - Buscar parcerias de organismos e instituições que tenham interesse na capacitação de seus profissionais, cabendo-lhes o papel de garantir as condições necessárias ao pleno funcionamento dos cursos, desde o espaço físico aos recursos financeiros e humanos.
Assessoria Técnico-Pedagógica	Professores ou profissionais de áreas específicas nos cursos ministrados e com comprovada experiência pedagógica, selecionados Coordenação Geral e ratificados pelo Colegiado. Tem como responsabilidade, monitoramento e avaliação do sistema, acompanhamento de todos os cursos, com o objetivo de avaliar a qualidade, não só do processo de implementação, como dos materiais instrucionais e os resultados junto à comunidade atingida por eles.
Assessoria de Avaliação	Profissionais da área de educação responsáveis pela logística de preparação, envio, recolhimento e correção das avaliações.

Tabela 03: Corpo técnico-pedagógico do NEAD/UNIT

Fonte: PPC, 2006.

A assessoria de avaliação requer uma descrição mais detalhada do seu funcionamento. Esta dependia de um trabalho metódico de sua equipe, além de uma logística minuciosa. Para cada avaliação escrita chegar às mãos dos alunos ela passava pelo seguinte percurso: primeiro um professor da disciplina elabora as questões e as envia para a coordenação do curso, esta avalia as questões e encaminha para a avaliação, por conseguinte segue para um diagramador e para um revisor de texto, finalmente volta para as mãos da coordenação que junto com o professor dão o aval final. Então segue para a gráfica da instituição para a confecção das cópias, volta para a avaliação para conferência e empacotamento junto com as listas de presença, até que enfim é enviada de automóvel aos polos de apoio presencial. Organização era fundamental para cumprir com um cronograma rígido, não havia espaço para atrasos ou todo o trabalho estava comprometido. Esta ilustração é um exemplo de como o nosso trabalho era intenso e colaborativo, quando um aluno recebia sua prova no polo mais distante da capital, por exemplo, não concebia os trâmites para que tudo acontecesse dentro do programado.

As ações do NEAD/UNIT se embasam na legislação brasileira através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei n.º 9394, de dezembro de 1996, especificamente em seu Art. 80, Título VIII, que determina sobre o Ensino a Distância. Esse documento deixa clara a responsabilidade do poder público em incentivar, regularizar e acompanhar o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino à distância, em todos os níveis e modalidades de ensino com especial atenção para os processos de educação contínua, abertos e democráticos.

O primeiro programa de formação oferecido pelo NEAD foi O Programa Especial de Formação Pedagógica para Portadores de Diploma de Educação Superior – PROFOPE, que consistia em um curso para licenciar bacharéis em Letras-Português e/ou Matemática que atuavam como professores nas redes pública e/ou particular de ensino, para magistério na Educação Básica. O PROFOPE, através do Núcleo de Educação a Distância, NEAD/UNIT, obteve o credenciamento junto à Secretaria de Educação e Cultura, MEC, pela portaria nº 651/04.

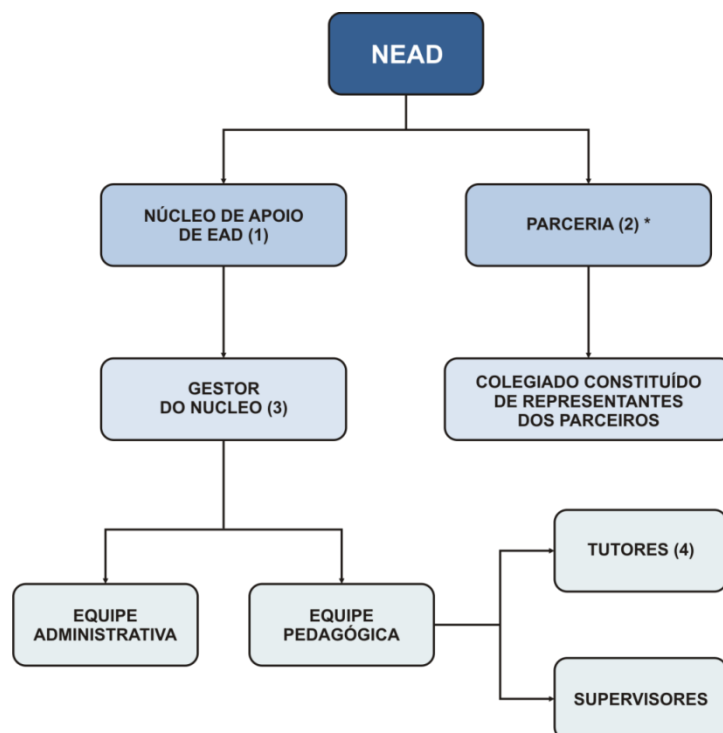
O curso de licenciatura em Letras/Português foi o primeiro a ser ofertado dentro da modalidade de semipresencial pelo NEAD/UNIT, e sua experiência serviu de base para a implantação dos próximos cursos. Não que todos seus passos fossem seguidos, pois havia muito a ser aperfeiçoado, a tecnologia utilizada ainda era o modelo de proposta inicial, como afirma Litwin (2001, p. 16):

Livros, cartilhas ou guias especialmente redigidos foram as propostas iniciais; a televisão e o rádio constituíam os suportes da década de 70; os áudios e vídeos, da década de 80. Nos anos 90, a incorporação de redes de satélites, o correio eletrônico, a utilização da internet e os programas especialmente concebidos para os suportes informáticos aparecem como grandes desafios dos programas na modalidade.

Os materiais disponibilizados eram módulos impressos e a comunicação entre universidade-aluno ocorria preferencialmente por telefone e ocasionalmente por e-mail. Diante desta realidade, eram eminentes os relatos de insatisfação. Como a experiência era nova para todos havia uma tensão que permeava o ambiente, o desenvolvimento do trabalho diário estava sempre envolto pelo estresse. Questionamentos de falta de suporte eram registrados com frequência, e a compreensão de que não estavam mais inseridos em um modelo onde sempre havia um professor presente para dar respostas imediatas era o motivo principal.

O esforço da equipe era notório, todos queriam aprender e acertar, mas não só os alunos, como todos os docentes envolvidos vinham de um modelo tradicional, e embora muitos não admitissem a dúvida sobre se seria exequível esse modelo de educação, havia muitas incertezas.

O Núcleo era formado por uma equipe administrativo-pedagógica que se dividia em funções de maneira a tentar atender à demanda das necessidades da modalidade. O Núcleo apresentava a seguinte estrutura funcional:



(1) Uma unidade que poderá estar sediada em uma instituição de ensino ou em outro local que possibilite o desenvolvimento de suas atividades.

(2) Instituição que se enquadre no estabelecido na Portaria 301 do MEC - 09/04/98 e DEC. 2494/98, Art. 8º § 3º.

(3) Gestor do Núcleo de Apoio será responsável pela coordenação das atividades relacionadas aos estágios e aos encontros presenciais, quando o número de alunos justificarem a realização dos mesmos na localidade.

(4) O número de supervisores e tutores vai depender do número de alunos e do tipo de Curso, garantindo-se, assim, a qualidade do ensino.

(*) Nas localidades onde não haja instituição que preencha as exigências que caracterizam Parceria, serão organizados Núcleos de Apoio, que atendem ao estabelecido no item V, do artigo 3º da Portaria 301/98, do MEC. (Projeto Pedagógico do NEAD/UNIT)

Figura 01: Estrutura Funcional do Sistema

Fonte: Projeto Pedagógico do NEAD/UNIT, 2006.

O NEAD era diretamente ligado à Pró-reitora Acadêmica e à Pró-reitora Adjunta de Graduação, e também trabalhava em parceria com as Pró-reitorias Adjuntas de Extensão e Pesquisa. O núcleo tinha como metas as seguintes diretrizes para atuar na Educação a Distância:

1) Desenvolver ações que venham democratizar o acesso de todos à educação. 2) Permita contornar/ultrapassar as dificuldades geográficas de espaço e tempo. Que a universidade vá até o aluno que não pode vir até ela a partir do uso das tecnologias, uma nova concepção de Educação. 3) Pretende possibilitar o desenvolvimento de estudos voltados para a apropriação das novas tecnologias a serviço da Educação. 4) Desenvolver programas que por um lado, estejam em sintonia com as novas necessidades do mercado através de ações que permitam a retomada da mão-de-obra no mercado dito globalizado, utilizando educação corporativa, através de parcerias com empresas locais, regionais e nacionais; 5) Implantar uma estratégia pedagógica que possibilite o estabelecimento da igualdade de oportunidades; 6) Implementar uma educação permanente, que promova a formação de profissionais nas diversas áreas de atuação da sociedade; 7) Promover a interação com as inovações educacionais diretamente ligadas ao desenvolvimento científico e tecnológico na área das comunicações; 8) A viabilizar a democratização do acesso ao ensino superior; 9) Contribuir para o aprofundamento do compromisso do projeto pedagógico como pano de fundo do projeto histórico, político e cultural da sociedade; 10) Ampliar as possibilidades de acesso à educação em termos sócio-econômicos; 11) Estabelecer um sistema de parcerias, intercâmbio e cooperação com instituições nacionais e internacionais, visando a otimização de recursos humanos, financeiros e de instalações físicas. Para alcançar essas metas uma equipe de profissionais que envolvem atividades nas áreas de: Administração voltado para gerência de processos e recursos humanos; de Educação a Distância; de Comunicação; de Tecnologias Educacionais; de Pedagogia e de Informática eram necessários. (Projeto Pedagógico, 2006)

Assim, o corpo da ESTRUTURA ORGANIZACIONAL DO NEAD/UNIT era constituído da seguinte maneira:

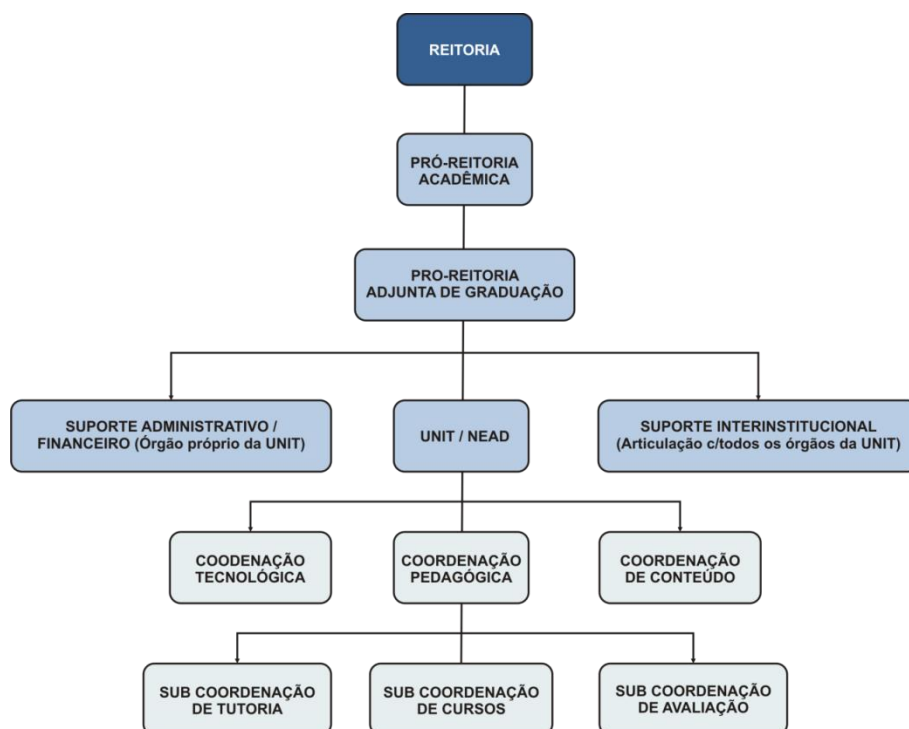


Figura 02: Estrutura Organizacional do NEAD/UNIT

Fonte: Projeto Pedagógico do NEAD/UNIT, 2006.

Em 2006 foi feita uma parceria da Secretaria de Educação Estadual com a UNIT para que cursos de licenciatura fossem ofertados na modalidade semipresencial. Essa iniciativa de política pública trouxe uma oportunidade única para centenas de pessoas terem acesso ao ensino superior através de bolsas de estudo integrais.

O curso de Letras Português/Inglês

No 2º semestre de 2006 a Universidade Tiradentes, em parceria com o Governo do Estado de Sergipe, implantou os cursos de licenciatura em Ciências Naturais; Letras – Português/Espanhol; Letras – Português/Inglês; Matemática; e os cursos de graduação em Gestão da Tecnologia da Informação.

O curso de Letras Português/Inglês EAD foi criado em junho de 2006, através da resolução do CONSAD 10/05 de 29.12.05 na modalidade a distância, com duração mínima de três anos, a fim de atender a carência de profissionais licenciados em Letras Português / Inglês para as redes públicas e particulares do Ensino Fundamental e Médio no estado de Sergipe, visando atender as demandas da sociedade.

O Curso, através de convênio com a Secretaria de Educação do Estado - SEED

viabilizou o desenvolvimento da política de interiorização do Ensino Superior no Estado, atendendo a uma lacuna da comunidade e ampliando as possibilidades de acesso daqueles que ficariam excluídos do ensino superior por diversas razões, como: moradia distante de centros universitários, questões financeiras e falta de tempo.

O curso foi implantado a partir de junho do ano de 2006 com periodização semestral e carga horária de 3312 (três mil, trezentos e doze) horas, tem duração de seis (06) semestres letivos, ou seja, três (03) anos. O tempo máximo de integralização ficou condicionado ao desempenho do discente no tocante ao índice de aprovação nas disciplinas cursadas e trancamentos, entre outros. Foram oferecidas 290 vagas distribuídas nos seis municípios contemplados: Aquidabã, Capela, Simão Dias, Nossa Senhora do Socorro, Tobias Barreto e Neópolis.

O curso de Letras na Modalidade a Distância é regido pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Licenciatura; Diretrizes para a Formação de Professores de Educação Básica; Ato Normativo da Instituição, Projeto Pedagógico Institucional - PPI e Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI e o Projeto Pedagógico do Curso - PPC.

Desse modo, de acordo com o disposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, n.º 9.394/96, é delegado a cada município, Estado e à União, a responsabilidade de *“realizar programas de formação para todos os professores em exercício, utilizando para isso também os recursos da educação a distância”* (Art. 87, § 3º, inciso III). Em seu art.80, no Título VIII: Das Disposições Gerais – afirma que:

- A educação a distância será oferecida por instituições especificamente credenciadas pela União;
- caberá à União regulamentar requisito para realização de exames, para registro de diplomas relativos a cursos de educação a distância.

A Universidade Tiradentes, está credenciada pelo Conselho Nacional de Educação e pelo Ministério da Educação para oferta de cursos na modalidade de Educação a Distância de acordo com a Portaria Nº 651/04 e a Portaria do MEC Nº 847, de 04 de abril de 2006.

O Curso de Letras Português / Inglês na Modalidade a Distância da Universidade Tiradentes foi estruturado fundamentando-se na demanda do mercado de trabalho, nas necessidades regionais e em perspectivas inovadoras, sendo elaborada a sua estrutura curricular visando contemplar atividades acadêmico-científicas que, ao lado da oferta do

ensino formal, procura oferecer ações inovadoras em todas as disciplinas e atividades desenvolvidas (PPC, 2006).

O currículo do Curso de Letras Português / Inglês na Modalidade a Distância, visando à formação de professores da Educação Básica, em nível superior e embasado nas resoluções ministeriais, elaborou em conjunto com o corpo docente, a estrutura curricular como apresentada no anexo I.

Na elaboração do currículo levamos em consideração o desenvolvimento de um pensamento crítico, das teorias e práticas da profissão docente, no intuito de uma formação profissional consciente. Esse é dividido em três eixos de disciplinas: pedagógico, linguístico e o literário.

O Curso, através de convênio com a Secretaria de Educação do Estado - SEED viabilizou o desenvolvimento da política de interiorização do Ensino Superior no Estado, atendendo a uma lacuna da comunidade e ampliando as possibilidades de acesso daqueles que ficariam excluídos do ensino superior por diversas razões, como: moradia distante de centros universitários, questões financeiras e falta de tempo.

A Educação a distância tem características particulares e distintas, tanto no seu enfoque, quantos nos seus objetivos, meios, métodos e estratégias. Esta modalidade supõe:

[...] a quase permanente separação do professor e aprendiz no tempo e no espaço; estudo independente, no qual o aprendiz flexibiliza tempo, espaço e ritmo de estudo; utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação no processo ensino- aprendizagem; suporte de uma instituição que planeja , projeta, produz materiais didáticos intencionalmente organizados, avalia e realiza o seguimento e motivação através da tutoria (PPC do curso, 2006).

O objetivo principal do curso de Licenciatura em Letras Português / Inglês na Modalidade a Distância, é qualificar profissionais para o exercício do Magistério do Ensino Fundamental e Médio, preparando os discentes para a construção do senso crítico sobre a Língua e a Literatura e o exercício da cidadania constituindo fundamentos para que os mesmos possam desenvolver competências e habilidades voltadas para o ensino da Língua e a preparação para a vida (PPC, 2006).

O curso retromencionado tinha a sua equipe técnica-pedagógica organizada da seguinte maneira: no Campus Aracaju dentro do Núcleo de Educação a Distância – NEAD atuavam o Coordenador Adjunto, o qual era submetido à coordenação do curso

presencial, um gerente do núcleo, um coordenador geral, professores, a assessoria técnica, a assessoria de avaliação e os assessores pedagógicos. Nos polos municipais, este curso foi ofertado em seis: Aquidabã, Capela, Simão Dias, Nossa Senhora do Socorro, Tobias Barreto e Neópolis, atuavam um gestor e uma equipe de tutores. O gestor representava o maior link de comunicação entre o polo e o Campus, ficando responsável pela administração e gerenciamento do polo pelo qual era responsável. Os tutores faziam plantões semanais para dirimir dúvidas e todos os sábados se encontram com as turmas para problematizar discussões e ajudar os alunos nas atividades propostas.

Para dar suporte aos discentes, além do apoio presencial dos tutores e do gestor do polo a coordenação fazia viagens semanais programadas para fiscalizar as atividades in loco e conversar pessoalmente com os alunos, como também com os tutores e gestores. Essas viagens eram muito importantes e por várias vezes pequenos conflitos foram evitados com conversas diretas com os alunos, eles demonstravam claramente satisfação com a nossa presença no município e nós percebemos como um olho-no-olho tem poder de construir uma relação mais humanizada.

Em se tratando de tecnologias ainda estávamos engatinhando, como afirmado anteriormente, para a época foi adotado material impresso, denominado de módulo, e era entregue no início de cada semestre um kit contendo um módulo para cada disciplina, além da utilização de DDG – discagem direta gratuita (0800) para conversar com os docentes, e troca de e-mail aluno-professores, aluno-coordenação e aluno-aluno. Justamente por não possuímos tecnologias de comunicação avançadas, como *vídeo streaming*, por exemplo, é que as visitas *in loco* se tornavam tão importantes.

Como oportunidade única, pois foi realizado apenas um processo seletivo para este curso, todos os alunos estudaram através de bolsas, não houve cobrança de mensalidades, o único pré-requisito exigido foi o de terem sido estudantes de escolas Estaduais. Foram oferecidas 290 vagas distribuídas nos seis polos de apoio presencial, e sem custos com mensalidade e material didático esses alunos puderam concluir o ensino superior o que antes para muitos seria impossível.

Sobre as competências e habilidades para a formação de professores nos remetemos ao Parecer CP/CNE nº 09/01, assim como à Resolução CP/CNE nº 01/02, nestes documentos estão instituídas as Diretrizes Curriculares para a formação de professores que atuarão na Educação Básica. Nestas resoluções estão descritos os critérios e padrões para a formação qualificada de docentes para o ensino básico, e

também incentiva a formação continuada.

O profissional docente deve abranger competências e habilidades próprias da atuação do educador, essas envolvem uma gama de princípios, fundamentos e procedimentos a serem observados na organização institucional e curricular de cada estabelecimento de ensino e aplicam-se a todas as etapas e modalidades da educação básica (resolução CNE/CP nº 1, de 18 de fevereiro de 2002).

No Art. 3º é dito que “a formação de professores que atuarão nas diferentes etapas e modalidades da educação básica observará princípios norteadores desse preparo para o exercício profissional específico, que considerem”:

I - a competência como concepção nuclear na orientação do curso;
II - a coerência entre a formação oferecida e a prática esperada do futuro professor, tendo em vista: a) a simetria invertida, onde o preparo do professor, por ocorrer em lugar similar àquele em que vai atuar, demanda consistência entre o que faz na formação e o que dele se espera; b) a aprendizagem como processo de construção de conhecimentos, habilidades e valores em interação com a realidade e com os demais indivíduos, no qual são colocadas em uso capacidades pessoais; c) os conteúdos, como meio e suporte para a constituição das competências; d) a avaliação como parte integrante do processo de formação, que possibilita o diagnóstico de lacunas e a aferição dos resultados alcançados, consideradas as competências a serem constituídas e a identificação das mudanças de percurso eventualmente necessárias. III - a pesquisa, com foco no processo de ensino e de aprendizagem, uma vez que ensinar requer, tanto dispor de conhecimentos e mobilizá-los para a ação, como compreender o processo de **construção do conhecimento** (grifo nosso).

Uma grande curiosidade de todos que passam e conhecer a existência de um curso de licenciatura em língua estrangeira pela modalidade EAD é a execução do mesmo. Para esclarecer como funcionou a parte que desenvolvia habilidades e competências específicas ao curso focaremos no desenvolvimento e facilitação das habilidades de comunicação oral, principalmente nas atividades de extensão desenvolvidas para este intuito.

No item III da citação acima a pesquisa é colocada em destaque como processo de construção de conhecimento, ressaltaremos também a extensão. A extensão universitária já passou por diversas concepções ao longo dos anos, e a ideia de ‘estender’ além-muros também suscita discussões. Paulo Freire já questionava a verticalidade, propondo um modelo onde os sujeitos pudessem ser atuantes e tivessem espaço para pensamento crítico.

O conhecimento não se estende do que se julga sabedor até aqueles que se julga não saberem; o conhecimento se constitui nas relações homem-mundo, relações de transformação, e se aperfeiçoa na problematização crítica destas relações (FREIRE, 2006, p. 36).

Se levarmos esse pensamento freiriano para a realidade do caso em questão, podemos observar como as atividades de extensão desenvolvidas colaboraram para o desenvolvimento de competências e habilidades específicas ao profissional de línguas. Pensamos que o aprendizado de uma nova língua pode ser analogicamente comparado ao rizoma de Deleuze, onde de uma raiz saem várias ramificações e estas se entrelaçam com outras num movimento sem enquadramentos.

Toda a nossa bagagem de conhecimentos, de experiências vividas, vai interferir na construção de um novo conhecimento. A forma como nos relacionamos com as experiências do passado serão facilitadoras, ou não nesse processo. O ensino de língua estrangeira pela modalidade EAD ainda é muito questionado, quando estamos falando de formação de professores de língua estrangeira a distância a desconfiança é ainda muito maior. Tivemos desafios em se tratando de desenvolver habilidades de comunicação e também com o acompanhamento dos estágios curriculares obrigatórios.

Sobre o desenvolvimento das habilidades e competências necessárias ao professor de língua estrangeira, desenvolvemos diversas atividades de pesquisa e extensão para ajudar os alunos nesse sentido. Batizamos a primeira e maior delas de *Quartas-feiras Culturais*, a cada última quarta-feira do mês todos os alunos de todos os seis polos vinham para o Campus de Aracaju. Nesses dias eles podiam se encontrar com os colegas do próprio polo e conhecer outros de outros polos, a interação física era muito positiva nas reações.

Primeiro esclareceremos como foi a organização de um evento tão grande, para mais de 300 pessoas, entre alunos e tutores de seis municípios diferentes, a logística tinha que ser muito bem calculada. Para essas quartas eram oferecidas palestras com professores renomados, oficinas e apresentações culturais. Cada polo foi convidado a participar de forma ativa através de apresentações dos alunos, alguns juntaram seus talentos para cantar em inglês, recitar um poema, apresentar uma peça ou tocar instrumentos e fizeram apresentações maravilhosas no final de cada noite.

Como não tínhamos verba para esse evento, os palestrantes foram convidados e se apresentaram *pro bono*, foi uma conquista nossa a aceitação de tantos profissionais pela amizade. As palestras e oficinas visavam despertar e desenvolver habilidades

linguísticas, muitas dicas de como estudar sozinho, com auxílio da internet também eram apresentadas. Em cada encontro muitas perguntas eram feitas aos palestrantes e as discussões que surgiam enriqueciam e muito nos remetia aos rizomas delezeanos.

Foi uma quebra de paradigmas, pois num curso EAD não é comum ver atividades presenciais de grande porte. Nossos alunos abraçaram o projeto, ficaram eufóricos com a possibilidade de andar nos Campus da universidade, a maioria nunca havia estado lá. Cada polo regional organizou o aluguel de um ônibus e eles mesmos se responsabilizaram pelos custos da viagem, para nós que organizamos e trabalhamos muito para que cada detalhe desse certo foi um presente a presença massiva deles.

O grande objetivo do evento era trazer possibilidades de desenvolvimento comunicativo aos nossos alunos, como também apresentar novas possibilidades para construir um conhecimento sem necessariamente ter a presença de um professor. Os depoimentos que ouvimos deixaram claro que nossos esforços não foram em vão.

Outra atividade de extensão que foi desenvolvida com o propósito de colaborar com as práticas comunicativas foi o *Let's Speak English!*, a diferença deste é que foi de proporções menores. Acontecia aos sábados e eram oficinas com um número menor de alunos por turma, com o foco no desenvolvimento de habilidades orais e escritas. Dessa vez pudemos fazer uma avaliação mais detalhada do desenvolvimento dos alunos através de *feedback* dos professores que ministraram as oficinas.

Distribuídos em salas com quantidade limitada a vinte por turma, os discentes que participaram tiveram a oportunidade de estudar por oito horas num único dia com profissionais qualificados, sem nenhum custo para tanto.

Sobre as teorias de aprendizagem de segunda língua - *A second Language Acquisition* – SLA, Brown (2000, p. 271) questionou “O que é SLA?” e o mesmo afirma:

Entre outras coisas, não muito diferente da aquisição da primeira linguagem, é um subconjunto de aprendizagem humana em geral, envolve variações cognitivas, está intimamente relacionado com cada tipo de personalidade, está entrelaçada com a aprendizagem da segunda cultura, e envolve a interferência, a criação de novos sistemas linguísticos, e o aprendizado do discurso e funções comunicativas da linguagem. Todas essas categorias e as muitas subcategorias reunidas sob estas formam a base para estruturar uma teoria integrada de SLA.⁶
(tradução nossa)

⁶ Among other things, not unlike first language acquisition, is a subset of general human learning, involves cognitive variations, is closely related to one's personality type, is interwoven with second culture learning, and involves interference, the creation of new linguistic systems, and the learning of

Outro teórico de renome, Stephen Krashen (1982), define a Aquisição da linguagem da seguinte maneira,

Aquisição da linguagem é um processo subconsciente; adquirentes de linguagem normalmente não estão conscientes do fato de que eles a estão adquirindo, mas são apenas cientes do fato de que eles estão usando a linguagem para a comunicação. O resultado da aquisição da linguagem, adquirir competência, também é subconsciente. Nós geralmente não estramos conscientes das regras das línguas que adquirimos. Em vez disso, temos uma "sensação" de correção. Frases gramaticais "soam" corretas, ou dão uma "sensação" boa, e os erros dão uma sensação ruim, mesmo que não conscientemente saibamos qual regra foi violada. Outras maneiras de descrever aquisição incluem a aprendizagem implícita, a aprendizagem informal, e aprendizagem natural. Em linguagem não técnica, a aquisição é "*picking-up*" de uma língua⁷ (KRASHEN, 1982, p. 10) (tradução nossa).

Pensando por estas teorias nosso objetivo era trabalhar a língua estrangeira, no nosso caso a língua inglesa da melhor forma possível com os nossos alunos. Para tanto todos os nossos esforços estavam voltados em preparar um material de apoio e dar todo o suporte necessário para que o aprendizado acontecesse com sucesso.

É preciso registrar que as ideias para esses projetos surgiram durante as viagens que eram feitas aos polos aos sábados. Havia uma escala de viagens para visitar os polos semanalmente, em cada sábado eram visitados entre um e três polos para acompanhamento pedagógico. Nesses momentos tínhamos a oportunidade conversar com as turmas e ouvir os depoimentos sobre o andamento do curso. Também fazíamos curtas reuniões com os gestores e tutores.

O contato pessoal surtia efeitos muito positivos no andamento do curso, principalmente porque para a maioria absoluta dos envolvidos era uma situação inusitada e a insegurança de estar pela primeira em uma modalidade nova, sendo que

discourse and communicative functions of language. All of these categories and the many subcategories subsumed under them form the basis for structuring an integrated theory of SLA.

⁷ Language acquisition is a subconscious process; language acquirers are not usually aware of the fact that they are acquiring language, but are only aware of the fact that they are using the language for communication. The result of language acquisition, acquired competence, is also subconscious. We are generally not consciously aware of the rules of the languages we have acquired. Instead, we have a "feel" for correctness. Grammatical sentences "sound" right, or "feel" right, and errors feel wrong, even if we do not consciously know what rule was violated. Other ways of describing acquisition include implicit learning, informal learning, and natural learning. In non-technical language, acquisition is "*picking-up*" a language.⁷

todos vieram de ensino regular era eminente. Desses encontros surgiu a ideia dos projetos de extensão que os traria até o Campus da capital e os reuniria para desenvolver competências e habilidades em conjunto.

Outro ponto de fundamental importância e que precisou de uma atenção especial e muita organização foi o Estágio Curricular. O Estágio Curricular do curso de Letras é regido conforme art. 61 da LDB nº 9394/96 e em consonância com a Lei 11.788/2008 que dispõe sobre o estágio de estudantes, ele consta de quatrocentas horas de estágio supervisionado e deve ter início na segunda metade do curso.

Como então, organizar a logística de acompanhamento do estágio supervisionado de quase trezentos alunos em seis municípios diferentes? Primeiro tivemos que utilizar nosso poder de argumentação para convencer o maior número possível de alunos a estagiar na mesma escola, isso já ajudaria bastante. Passamos então a fazer planilhas com nomes dos alunos, escolas da região indicadas por eles, horário das aulas todos os dados que conseguíamos, foi um trabalho colossal, realizado em conjunto com os tutores, gestores e inclusive a coordenação colaborou nessa tarefa hercúlea.

Algumas vezes precisamos viajar para acompanhar alguns estágios em municípios distantes, para isso contamos com carros e motoristas da UNIT. Apesar do enorme trabalho foi recompensador ver nossos alunos se saindo tão bem nas salas de aula e recebendo elogios dos professores titulares. Apesar de todos os percalços todos conseguiram concluir seus estágios com tranquilidade e dentro das normas acadêmicas e legais.

Trabalhar na coordenação deste curso nos deu a oportunidade de poder olhar de dentro todo o fenômeno que se desenrolava.

CAPÍTULO 3 – FRUTOS DA PESQUISA

3.1 Instrumentos de construção dos dados

Na presente análise, é fundamental evidenciar que as contribuições e perspectivas aqui contidas estão fundamentadas, inicialmente, na experiência vivida durante o curso de Letras Português/Inglês EAD/UNIT no período de 2006 a 2009, como também o percurso dos participantes desde o ingresso à atuação profissional pós-diploma. Análise dos depoimentos dos participantes registrados nas entrevistas será o principal procedimento para a construção dos dados da pesquisa. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, não buscamos números, mas resultados voltados para as perspectivas dos participantes, “A finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou números, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (BAUER; GASKELL, 2008, p. 65).

Nesse diálogo, a postura do entrevistado é explicitada, podendo também ser mais desenvolvida. Os diferentes tipos de questões, os quais representam diferentes abordagens para tornar explícito o conhecimento implícito, podem indicar o caminho para a solução de um problema mais geral da pesquisa qualitativa. Uma meta das entrevistas semi-estruturadas em geral é revelar o conhecimento existente de modo a poder expressá-lo na forma de respostas, tornando-se, assim, acessível à interpretação. (FLICK, 2004, p. 99)

O critério adotado foi o de ressaltar elementos específicos no diálogo, analisando os termos recorrentes e seus significados para os participantes, “A compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados é condição *sine qua non* da entrevista qualitativa” (BAUER; GASKELL, 2008, p. 65).

Buscar participantes para colaborar nesta pesquisa foi um trabalho mais complexo do que esperávamos. Por se tratar de um curso de educação a distância, e também por estarmos afastados já há alguns anos, o que parecia ser uma etapa simples do trabalho se tornou um desafio excepcional. Começamos a buscar dentro da própria instituição os contatos dos ex-alunos através de coordenadores e parceiros que colaboram com o NEAD/UNIT, para nossa surpresa não obtivemos respostas satisfatórias. Solicitamos uma lista com nomes e contatos dos alunos que fizeram parte do curso aos responsáveis pelo núcleo de educação a distância da Universidade Tiradentes, e a resposta que tivemos não foi efetiva para nosso objetivo de localizá-los. A justificativa foi a de que com a

mudança de plataforma no sistema de controle virtual de matrículas, os dados das turmas antigas não estavam mais acessíveis. Diante da dificuldade para acessar os dados diretamente dentro na instituição que ofertou o curso, buscamos pelos ex-alunos utilizando outras formas.

O segundo passo foi buscar através de alguns tutores mais próximos alguns contatos, e foi justamente desta forma que conseguimos o contato do primeiro participante, que aqui denominaremos de Johnny⁸. E continuamos nossa busca por mais professores das turmas eixo desta pesquisa, pois nosso objetivo era conseguir um grupo focal para desenvolver as entrevistas. Com o tempo ficando escasso e os prazos encerrando-se, eis que as redes sociais colaboraram para que fosse possível localizar a segunda participante da pesquisa, que aqui chamaremos de Angelina⁹, foi graças ao *facebook* que pudemos localizá-la. Para nós, as redes sociais cumpriram seu papel de comunicação e colaboram com as relações sociais de forma positiva.

Com a participação desses dois ex-alunos demos seguimento à pesquisa com foco na trajetória de vida acadêmica de ambos. Percebemos o quanto essas pessoas tinham a contribuir com suas experiências, vivências e sentimentos envolvidos no percurso que em nada diminuiu o trabalho, pois foi possível aprofundar a investigação e chegar aos resultados sem supressões.

3.2 Sobre os participantes

O primeiro participante que localizamos e que aceitou colaborar com a pesquisa foi o Johnny. Ele estudou na turma do município de Nossa Senhora do Socorro, embora seja residente da capital, Aracaju. O Johnny tem hoje quarenta anos de idade e quando iniciou o curso em 2006 estava com trinta e quatro. Proveniente de uma família de classe média, solteiro e que estava à época do vestibular tentando uma vaga no Ensino Superior Público. Concluiu seu Ensino Médio aos dezoito anos de idade em 1996, em Técnico em Contabilidade, e ficou dez anos sem estudar, voltando somente no curso de Letras Português/Inglês EAD da UNIT em 2006. Membro de uma família de cinco pessoas foi o segundo a conseguir o acesso ao Ensino Superior.

A segunda participante, que localizamos pelas redes sociais, foi a Angelina, ela também estudou em uma das duas turmas do polo de Nossa Senhora do Socorro e reside

^{8 9} Adotamos por questões éticas nomes fictícios para os participantes.

no Marcus Freire, localizado na vizinhança do polo. Uma moça de quarenta anos de idade, que na época no curso iniciou com trinta e quatro e era casada e com um filho. Conforme seu depoimento, antes de ingressar no curso era ‘dona de casa’ e trabalhava para um salão de beleza como recepcionista. Encontrou na seleção do vestibular a oportunidade de conseguir uma carreira própria.

Pronto, é que eu sou dona de casa, né? Estava trabalhando em um salão de beleza de recepcionista aqui em Aracaju, bem conceituado, e aí parei de estudar, tinha nem lembro mais, uns dezesseis a quinze anos sem estudar nada, só me dedicando a casamento, enfim veio o filho, aí a prioridade foi o marido que estava fazendo faculdade, então eu fiquei em casa cuidando de filho e trabalhando fora sem estudar [...] (Angelina)

Ambos afirmam que o fato do curso ser oferecido em parceria com a Secretaria do Estado, o que oportunizou o curso com isenção de mensalidades, foi fundamental para que tivessem acesso ao nível superior. “Eu não tinha muitos recursos, então considerando que podia ser de uma instituição particular seria mais difícil para mim [...]” (Johnny).

Presume-se que o aluno de educação a distância desenvolva características próprias, necessárias à adaptação de uma modalidade que requer habilidades que não são desenvolvidas ao longo do período escolar regular. Os dois alunos do curso narraram que a necessidade de organização do tempo para os estudos, tendo em vista que não há cobrança direta diária de um professor foi uma característica desenvolvida por eles.

A organização é fundamental, tanto para os estudantes quanto para a equipe que está envolvida no curso. A pedagogia adotada deve ter como objetivo colaborar para que os alunos aprendam de forma ordenada e organizada. Quando não é apresentada uma estrutura metódica os alunos podem sentir dificuldade em sistematizar os estudos. Como a construção do conhecimento é o que se espera de qualquer estudante isso significa que ele deve pensar ativamente.

Diferentemente do aluno do ensino presencial, que tem todo um ambiente ao alcance dele, o aluno que opta pela EAD possui algumas características próprias que são necessárias para estimular a percepção e a cognição do mesmo com a finalidade de prender sua atenção por longos períodos de estudo. (FERREIRA; MENDONÇA, 2007 p.5)

Segundo Azambuja e Guareschi (2012, p. 20) “a Educação pode acontecer em qualquer tempo e de qualquer lugar, não interessando mais onde se encontram aluno e professor no plano espacial”, para os nossos participantes a adaptação a um curso dentro da modalidade EAD despertou para novos conceitos e a aprender a organizar o próprio tempo.

[...] foi muito interessante por isso, porque foi uma nova forma de aprendizado, todo mundo que eu conheço no costume daquilo que se tinha, professor dá a sua aula, você anota tudo, tudo ele mastiga tudo pra você e você leva pra casa e você tá com o material ali, você já tem metade, se você prestou bem atenção na aula você já tem metade já com você, a outra metade você dá uma lida pra rever e pronto. Dessa vez não, tinha (suscitava?) mais a gente tinha que buscar mais, não só uma questão de tempo, que eu sempre fui terrível na organização de tempo [...] (Johnny)

Com aulas ao sábado, todo sábado, e frequência e ter que fazer as atividades, ler bastante [...] o que obriga você é você mesmo, você tem que estar disposto. (Angelina)

Segundo o censo da Associação Brasileira de Educação a Distância – ABED de 2010, com dados baseados em universidades públicas e privadas há um perfil do aluno de EAD no Brasil.

Segundo as instituições de ensino, o sexo predominante é o feminino, indicado por 53,4% delas como maioria (a exceção é a região Centro-Oeste, com minoria de 47% indicando mulheres). A idade do aluno é mais avançada do que na educação presencial, pois 54% das instituições informam que a idade predominante é a de mais de 30 anos. E estas com alunos de mais de 30 são as que têm maior número de matrículas (72%). A faixa etária mais presente é a que vai de 30 a 34 anos, que predomina em 28% das instituições, responsáveis por 35% dos alunos. As instituições que atraem alunos na maior faixa de renda (21 a 50 salários mínimos) tendem a ter mais homens, e este é o sexo predominante para 80% delas. Já na faixa de renda mais baixa (1 a 3 salários mínimos) a diferença entre os sexos se aproxima da média e tem predominância de mulheres, com 57%. (Censo ead.br, 2010)

Outra afirmação vem da responsável pelo departamento de educação a distância do SENAC, Rosana Martins, em entrevista à Folha de São Paulo,

[...] os estudantes da educação a distância têm, em média, 25 anos e procuram completar uma formação já existente. "Normalmente já são graduados. São pessoas mais velhas que, em primeiro lugar, não têm disponibilidade de horário", explica Rosana Martins (Aluno..., 2004).

Sobre este tema, outra autora que também apresentou um panorama do perfil do estudante de educação a distância foi Belloni (2006),

[...] dados consistentes mostram que os estudantes a distância são maioria adultos entre 25 e 40 anos, que trabalham e estudam em tempo parcial, bastante reduzido. Muitos estão voltando a estudar muitos anos após sua última experiência como aluno e muito frequentemente tiveram experiências educacionais negativas (BELLONI, 2006, p. 30).

Observando as características que encontramos desenvolvemos um quadro resumo com as características que formariam um aluno de EAD.

Perfil do aluno de EAD
• Maioria de pessoas casadas; • baixa renda; • acima de 25 anos; • predominância do gênero feminino; • pessoas que estão há bastante tempo sem estudar; • pessoas que trabalham; • primeiro da família na Faculdade.

Tabela 04: Perfil do aluno de EAD – síntese

Fonte: Arquivo pessoal

Em uma pesquisa sobre o mesmo mote, Preti (1996) apresentou dados que também vem a corroborar com os já apresentados,

A maioria de seus alunos apresenta características particulares, tais como: são adultos inseridos no mercado de trabalho, residem em locais distantes dos núcleos de ensino, não conseguiram aprovação em cursos regulares, são bastante heterogêneos e com pouco tempo para estudar no ensino presencial (PRETI, 1996, p. 20).

Evidentemente os participantes dessa pesquisa se enquadram no perfil geral do aluno de educação a distância, ambos estão acima de 25 anos, são provenientes de famílias de baixa renda e podemos dividi-los em – uma mulher casada que trabalha durante o dia, e um homem solteiro, ambos há muitos anos sem estudar e que receberam suporte da família para ir à busca do primeiro diploma. A conquista do diploma veio com a oferta do curso na modalidade a distância. Também ressalta-se, o que será

mostrado nas análises, a política pública que ofereceu a isenção das mensalidades e materiais impressos gratuitos para todos os alunos do curso em questão.

3.3 Os participantes – Johnny e Angelina

- Johnny

Farra do conhecimento

A gente almoçou, todo mundo junto,
aquela farra, depois voltamos.
Era uma farra do conhecimento [...] (Johnny)

Para a primeira entrevista foi necessário um planejamento antecipado, como o Johnny estava envolto em suas atividades profissionais, sem tempo disponível para um encontro durante na semana, marcamos em um sábado. A próxima entrevista aconteceu em um local público sugerido pelo participante, uma lanchonete, sentamos em uma das mesas, ligamos os aparelhos e começamos a nossa entrevista. Por se tratar de uma entrevista semiestruturada não houve perguntas diretas, e sim tópicos previamente elencados com intuito de alcançar os dados desejados para os resultados da pesquisa. A entrevista foi gravada e filmada, e posteriormente transcrita para procedermos com a análise das informações.

Mapa semiótico de significados de Johnny

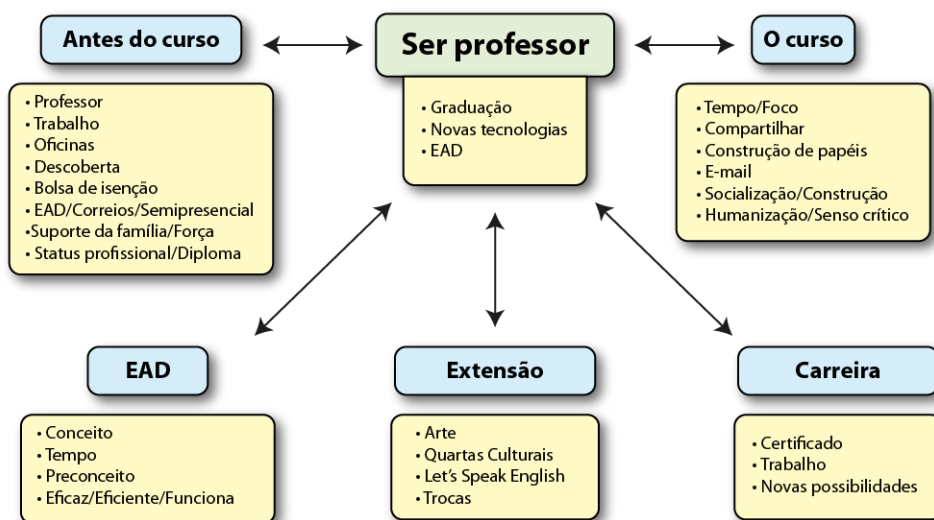


Figura 03: Mapa semiótico de significados do participante Johnny
Fonte: Arquivo pessoal

Para a construção do mapa semiótico de significados procedemos a uma sequência na organização dos temas. Primeiro transcrevemos as entrevistas e as imprimimos. Segundo, separamos por páginas os temas e subtemas que surgiram durante as entrevistas, para posteriormente organizar o rascunho do mapa com os termos mais recorrentes e seus respectivos subtemas. Após a construção do mapa concluída avançamos para a análise temática.

- Angelina

O orgulho da família.

[...] ela (mãe) disse que a felicidade que ela teve
foi como se ela tivesse casado de novo,
foi bem legal,
então você dá esse prazer, né?
E o prazer pessoal também, sou formada (Angelina).

Conforme já afirmado anteriormente, a Angelina foi localizada com a ajuda das redes sociais, mais especificamente do *facebook*. Em conversas pelo telefone acordamos que o melhor local para gravarmos nossas entrevistas seria na biblioteca na

Universidade Tiradentes – Campus Centro. No período vespertino a biblioteca encontrava-se muito tranquila e propiciou que as gravações ocorressem satisfatoriamente.

Utilizando a metodologia de análise temática destacamos os termos com maior recorrência em seu depoimento, passando então, para a elaboração do mapa semiótico de significados, conforme ilustração abaixo.

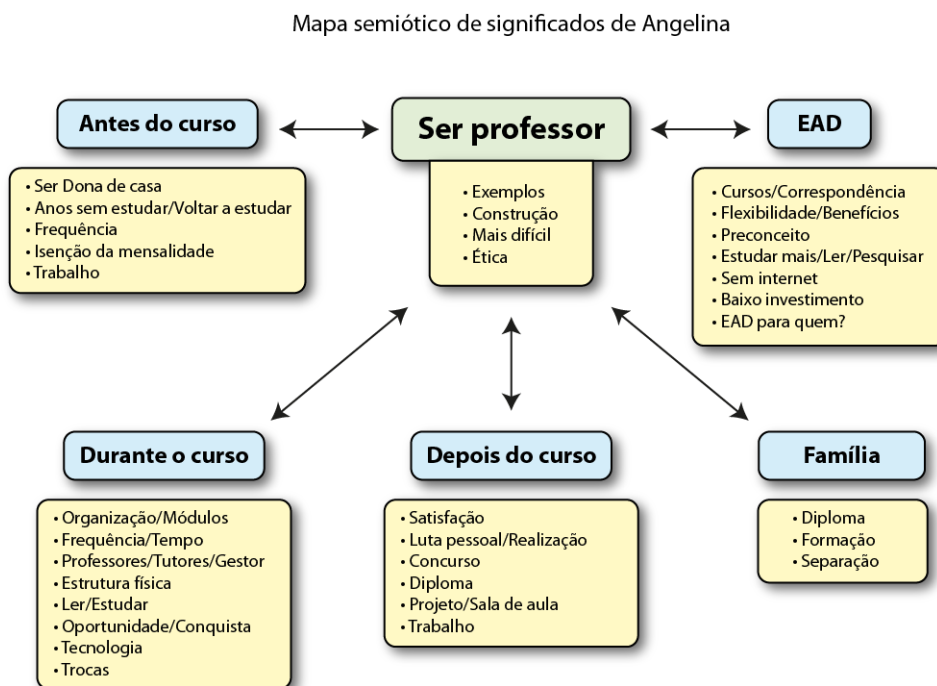


Figura 04: Mapa semiótico de significados da participante Angelina
Fonte: Arquivo pessoal

A construção do mapa segue os moldes já colocados para o primeiro participante. Seguindo uma linha cronológica iniciaremos a análise com o que foi evidenciado pela participante para o período antes do curso, quais informações que a mesma trouxe fazendo uma autodescrição de como estava sua vida àquela época.

Ao realizarmos as análises dos mapas semióticos dos participantes percebemos que muitos termos eram recorrentes em ambos os depoimentos. As experiências se entrelaçavam entre afirmações e recordações, resolvemos, então, construir um paralelo das análises trazendo trechos das entrevistas dos dois participantes.

Antes do curso

A trajetória que antecedeu a inserção do participante Johnny no curso de Letras Português/Inglês EAD pode ser representada por uma etapa em sua vida em que a batalha para alcançar o nível superior era frequente. Trabalhava como professor particular, ação popularmente conhecida como ‘banca’ e realizava oficinas de arte e literatura, mas a falta do diploma fazia com que não se autodenominasse professor, pois não era, segundo suas palavras “professor de sala de aula”.

Antes do curso, eu, minha vida era trabalho e eu basicamente já estava voltado para a área de educação, só que é, numa área artística, né? Então eu, na verdade não era professor de sala de aula, eu fazia oficinas, onde envolvia a literatura, porque eu pegava a minha base, era a literatura infantil e partir daí produzia algumas coisas na área artística também (Johnny).

A EAD surge como uma opção para muitos alunos que anseiam pelo acesso ao ensino superior, pois creem que esta é sua chance de melhoria de vida, ou profissionais que precisam de um diploma, mas já atuam. Segundo (JUNIOR, COUTINHO, 2011, p. 3) a EAD pode ser útil para aqueles que “não possuem diploma que atestem seus conhecimentos, sendo esta posse um dos pré-requisitos básicos tanto para concorrer a bons cargos ou mesmo para a acessão profissional”. Então podemos afirmar que para o Johnny o acesso era uma questão de atestar seus conhecimentos e de propiciar maiores chances de ascensão social.

Podemos afirmar que o Johnny já possuía experiência como educador, experiência esta vivenciada através das aulas particulares e oficinas que ministrava. Não significa que não poderia ser chamado de professor por não ter ainda o seu diploma de licenciatura. Dewey (2010) traz uma discussão sobre a experiência e a educação, não queremos levantar aqui discussões acerca de correntes filosóficas sobre a teoria da experiência na educação, independente da corrente que se siga, a intenção é refletir sobre o professor em construção que já estava inserido numa atuação pragmática.

A validade do princípio de que a educação, para alcançar seus objetivos tanto referentes ao indivíduo como à sociedade como um todo, deve ter como base a experiência – que é sempre a experiência presente na vida de qualquer indivíduo (DEWEY, 2010, p. 93).

Sobre essa experiência o participante ainda destaca que insistiu por alguns anos realizando as oficinas, porém sempre em mente a vontade de conseguir uma oportunidade de alcançar o nível superior.

Me fizeram crer que eu ensinava bem aquilo que eu sabia, eu sabia passar também [...] eu gostava de ensinar mesmo, de verdade, os meninos aprendiam, então insisti muito, um, dois, três, e não funcionava. Quando apareceu o curso, o teste pra fazer, sendo que teria uma bolsa e tudo mais, então é esse que tenho que fazer. Eu fui e fiz e aí passei, então não por que não fazer? (Johnny)

Cursos na modalidade de educação a distância não eram exatamente uma novidade para o Johnny, ele já havia participado de alguns cursos pelo Instituto Padre Reus¹⁰, à época ainda com a utilização da comunicação pelos correios.

Eu fiz curso de... como eu sou ligado a artes, eu gosto muito de desenho, então já fiz é um... curso no sul do país que mandava pra mim apostilas e eu estudava. [...] Era um curso chamado Padre Reus. E era de desenhos artísticos e publicitários. [...] Não, era correio. Era ainda... Hoje em dia a internet tá mais fácil nesse sentido, mas era correio. [...] E isso já me deu uma noção, de que um curso a distância funciona dependendo do que você faça. Tinha as provas, você fazia, enviava e eles enviavam de volta corrigido. Pra mim o prazer era receber as provas pelo correio com aquela canetinha, escrita alguma coisa, algum comentário sobre o que eu tinha feito. Isso era muito legal. E hoje em dia é... esse... entre aspas “a distância”, não tá tão distante assim (Johnny).

Percebemos um novo paradigma que se forma para este aluno, ele teve a oportunidade de acompanhar a evolução da EAD iniciando seu contato com a modalidade desde seus primórdios coma utilização dos correios como forma de comunicação. Em sua fala podemos depreender que o fato de não haver contato pessoal com ninguém do curso, pois não havia contato direto com a coordenação, administração ou mesmo professores do curso, o fato de receber as atividades escritas com correções é o que representava a ‘presença’ do outro. Esses comentários que vinham em suas atividades, descritos pelo Johnny, eram a única forma de mediação em cursos oferecidos com material via correios.

¹⁰ Um dos pioneiros no setor e, atualmente, estabelecido entre as 3 maiores escolas de ensino a distância do Brasil, com mais de 5 milhões de alunos já formados, o Instituto Padre Reus foi fundado em 1974. Nestes mais de 30 anos de história, um longo e difícil caminho foi trilhado em busca do que sempre foi o objetivo da empresa: a democratização da educação. A tal ponto que recebeu o reconhecimento como instituição de Utilidade Pública através da Lei 391/76. (<http://www.institutopadrereus.com/Instituto/>)

A EAD vem enfrentando um sério problema de evasão em seus cursos, podemos dizer que os três principais motivos são de ordem financeira, de organização do tempo e de adaptação à metodologia. Dentro da questão de adaptação à metodologia podemos inferir que o Johnny já trazia em seu discurso o tema da necessidade de colaboração na EAD. Isso se refletiu na forma como os comentários pelos professores em seus trabalhos o impactou.

Segundo (SILVEIRA et al, 2012, p. 4) “A pedagogia da Aprendizagem Colaborativa é centrada no grupo e não nos indivíduos, isoladamente”, logo percebemos que as atividades em grupo, onde há a oportunidade da troca como forma de construção devem estar previstas nos curso de EAD. Este é um dos desafios de da EAD, evitar que o aluno se sinta isolado “IES com cursos nesta modalidade de ensino têm de combater esta desvantagem da EAD e um dos motivos de evasão: a falta de socialização (BITTENCOURT, 2011, p. 27)”. Atividades em grupo, quando é construído um ambiente onde a confiança e respeito entre seus membros se desenvolve mutuamente, propiciam a segurança para que expressem suas ideias e percepções, promovendo um debate aonde “o aluno não vai para a escola/universidade para escutar aula, vai para produzir conhecimento, pesquisar e elaborar (DEMO, 2009, p. 92)”. Podemos então afirmar que a EAD se bem estruturada tem maiores chances de promover os debates, visto que os momentos de encontros, sejam em polos presenciais ou através de ambientes virtuais, exigem preparo prévio dos alunos para as discussões que acontecerão. Não há a zona de conforto do presencial, onde o aluno pode somente ouvir o professor sem ter a obrigação de fazer interferências baseadas em suas leituras. Esse panorama pode ser observado mais recorrente nos cursos que oferecem momentos semipresenciais.

Ao depor sobre como o curso de Letras Português/Inglês EAD chegou a seu conhecimento e como foi sua inserção no mesmo, Johnny destaca o termo semipresencial, o que para o mesmo foi uma surpresa, já que, baseado em suas experiências anteriores com a modalidade, representava isolamento, além de desmistificar e concepção de que seria mais fácil.

Então me veio o termo semipresencial, ou seja, não nem presencial e nem completamente a distância, me veio esse termo, e aí é, bom, eu já tinha, quando eu consegui realmente ser aprovado, o que viesse pra mim seria lucro de qualquer jeito. Mas aí eu fui percebendo que não era tão simples quanto eu imaginava, eu tinha que correr atrás, eu tinha que fazer por onde, não era uma coisa de mão beijada,

multíssimo pelo contrário, é ao contrário do ensino que a gente tá acostumado, presencial [...] (Johnny).

Esse conceito de EAD apresentado pelo participante, de isolamento em frente a um computador foi rapidamente desmistificado pelo mesmo ao iniciar o curso, cremos que a experiência anterior com EAD através dos correios tenha criado essa imagem de autodidatismo solitário. “Além do vínculo, o encontro presencial também é importante para o debate e direcionamento político do curso (BRUTSCHER et al. 2012, p. 478)” e a EAD não pode ser interpretada como um isolamento do mundo, as interações sociais são importantes para a construção do conhecimento do profissional que se forma.

Na medida em que avançam as tecnologias de comunicação virtual (que conectam pessoas que estão distantes fisicamente como a Internet, telecomunicações, videoconferência, redes de alta velocidade) o conceito de presencialidade também se altera. Poderemos ter professores externos compartilhando determinadas aulas, um professor de fora "entrando" com sua imagem e voz, na aula de outro professor... Haverá, assim, um intercâmbio maior de saberes, possibilitando que cada professor colabore, com seus conhecimentos específicos, no processo de construção do conhecimento, muitas vezes a distância (MORAN⁴, 2002).

Tanto na modalidade presencial como na EAD podemos encontrar um modelo onde os alunos apenas aguardam de forma passiva pelos conteúdos. O contrário também acontece, em ambas as modalidades observamos atitudes proativas e de colaboração. Portanto, não podemos afirmar que exista uma diferença no quesito eficácia/eficiência, a maneira como os processos de construção de conhecimento são desenvolvidos e a organização são muito mais importantes do que a própria modalidade. Pensando nesses processos a EAD pode ter vantagens, a necessidade de planejamento e elaboração dos materiais que a envolvem promove um ambiente de interação, onde não se pode pensar em improvisação.

Os dados obtidos pelo depoimento do participante demonstram que a política pública na qual o curso estava inserido funcionou para ele. A política que proporcionou a isenção de mensalidades para o curso em questão foi fundamental para o acesso do aluno Johnny. Conforme seu depoimento não teria condições de financiar um curso em uma universidade particular por não possuir muitos recursos, a oportunidade ímpar, visto que foi o único convênio, até o presente ano, que o Estado articulou com uma instituição particular de ensino superior.

[...] E quando eu soube que além de tudo teria a possibilidade da bolsa, sim foi uma, foi decisivo sim. Eu também não tinha muitos recursos, então é, considerando que podia ser de uma instituição particular seria mais difícil pra mim, e continuei prestando vestibular também pra a pública, né? Federal.

[...] aí eu percebi que era uma oportunidade que eu tinha, foi a primeira coisa que me veio, essa era a oportunidade, eu vou fazer, vai ter isenção, com certeza vão ter profissionais, como eu já havia feito um curso a distância, eu sempre considerei algo interessante, e fiz. [...] (Johnny)

Analisando a política pública que em parceria com o setor privado promoveu o curso, podemos destacar alguns pontos. É claro que por ter oferecido um curso com isenção de mensalidades e material didático gratuito oportunizou o acesso a centenas de estudantes. Mas nossa experiência mostrou que nem todos os aspectos foram positivos. O caráter se mostrou regulamentador, durante os anos do curso não houve preocupação em acompanhar e fiscalizar as ações que envolviam o cotidiano das atividades. Podemos citar alguns problemas que não foram pensados, um exemplo foi o deslocamento dos alunos até os polos, as prefeituras por várias vezes se recusavam a oferecer transporte público para os alunos dos municípios e povoados, isso gerou algumas desistências, pois muitos não tinham como arcar com as despesas de transporte particular. Deveria ter sido pensado em parcerias com as prefeituras de modo a garantir o acesso a todos os alunos que estavam matriculados.

Os próprios polos apresentavam sérios problemas de estrutura, alguns tinham banheiros quebrados e faltava material básico, como papel higiênico, em outros as carteiras dos alunos estavam com defeito, como também ventiladores sem funcionar, o que deixava as salas muito quentes para os encontros. Esses problemas de natureza aparentemente simples de resolução causaram situações constrangedoras para a equipe pedagógica e administrativa da universidade. Ao visitarmos os polos precisávamos usar do poder de convencimento para acalmar os alunos, estes que fizeram abaixo-assinados direcionados à SEED solicitando as melhorias necessárias. Essas falhas se devem não só à falta de regulação, assim como a deficiências na comunicação entre a instituição privada e a SEED, que idealizou a oferta dos cursos.

Sobre sua permanência no curso o Johnny traz informações sobre a relação de sua família com sua carreira acadêmica. Segundo suas palavras o suporte das pessoas próximas o deixou mais seguro para acreditar e ingressar no curso. Percebemos que apesar de ser um curso dentro de uma modalidade nova no Estado de Sergipe, o que

poderia ter despertado desconfianças, não o desencorajou, pois como seu objetivo era a conquista de um diploma de licenciatura viu neste curso a chance de realizá-lo.

Em casa minha mãe me deu a maior força, viu que era uma possibilidade também. A maioria das pessoas que eu conversei, amigos né, achavam interessante, mas também não tinham conhecimento de causa sobre, mas sabiam da minha intenção, como ter uma graduação e tudo mais, então eles apostaram também [...] [...] Então assim, eu tive muito apoio, nesse sentido. Isso me ajudou muito. Por que, saber que as pessoas que a gente gosta, que acredita naquilo que a gente possa fazer, e que há uma possibilidade muito legal, já nos faz nos sentir melhor, então, eu já fui de peito aberto [...] (Johnny)

Faz parte do senso comum o conhecimento de que o nível de escolaridade amplia as chances de melhoria de vida da população, não seria diferente das ambições do participante. Pesquisas comprovam os percentuais de desenvolvimento relacionado ao acesso às escolas e posteriormente ao ensino superior, o autor Schwartzman (2005, p.1) em seu texto sobre *A revolução silenciosa do ensino superior* traz a seguinte afirmação,

A educação superior brasileira, que se manteve relativamente estagnada ao longo da década de 80, retomou seu crescimento nos anos mais recentes, e tende a se expandir cada vez mais nos próximos anos. Este crescimento se deve, em parte, a grande expansão que tem ocorrido no ensino médio, que tem crescido a taxas de até 20% ao ano em algumas partes, aumentando desta forma o pool de candidatos aos cursos superiores. E, em parte, aos grandes benefícios sociais e econômicos que ainda resultam da obtenção de um diploma superior, o que se evidencia nos grandes diferenciais de renda que existem no Brasil entre os detentores de diplomas de nível superior e o restante da população (SCHWARTZMAN, 2005, p.1).

Para o Johnny os planos permeavam justamente para este intento, a vontade de melhorar seu nível econômico transpõe a necessidade de acesso a uma graduação, para conforme ele, obter status profissional.

Na verdade era, a intenção inicial, era ter uma graduação pra daí galgar um status profissional e outras coisas. E apesar da prática nos trazer alguns benefícios, eu precisava também ter um aval, de uma instituição, de uma coisa que a gente tinha como prática e pra gente aprender mais teoria mesmo (Johnny).

O ser professor para ele estava diretamente vinculado à obtenção de um diploma de licenciatura, apesar de sua prática e experiência, por assim dizer, informal da

docência, o que daria a chance de projetar um futuro econômico melhor seria o próprio aval de ser licenciado.

Angelina iniciou seu depoimento denominando-se como uma ‘dona de casa’, conforme já destacado em citação anterior, “Por vezes, e a única oportunidade de estudos oferecida a adultos engajados na força de trabalho e as donas de casa [...] (BRITO, 2012, p. 58)”. O fato de se tratar de uma dona de casa comprometida com a administração do seu lar, incluindo as responsabilidades diárias da educação de um filho, dedicação ao seu parceiro, além de assumir compromisso profissional com remuneração baixa, “[...] trabalhava em um salão de beleza de recepcionista aqui em Aracaju [...]” o que ocupava muito do seu tempo, foram obstáculos a serem vencidos por ela.

Pra variar eu estava trabalhando, você sabe que comércio é aquela coisa: não pode sair! E aí você dá uma rebolada antes porque preciso ir [...] porque eu tenho que receber o material, tinha que assinar, pegar os módulos e explicar o que era [...] tinha explicado muita coisa [...] (Angelina).

Todos esses percalços com enorme potencial de distanciá-la do acesso ao ensino superior foram vencidos, e é justamente nesse entremeio que a política pública cumpre seu papel ampliando as possibilidades para pessoas que, como a Angelina, que encontram-se em situação de inércia em suas carreiras profissionais consigam uma oportunidade.

A resolução do Conselho Nacional de Secretários de Estado de Administração - CONSAD 10/05 de 29.12.05 na modalidade a distância, legalizou a oferta do curso de Letras Português/Inglês da UNIT/NEAD juntamente com o convênio com a Secretaria de Educação do Estado – SEED. Viabilizando a política de expansão do Ensino Superior, o que pode beneficiar pessoas que por razões mais adversas, encontravam-se à margem de um tão sonhado diploma. O poder público tem obrigação de investir na educação do país e ampliar as oportunidades de acesso da população aos mais diversos níveis. Este é um exemplo de como uma ação dessa natureza colocada em prática traz benefícios, pessoas como nossos participantes literalmente agarram a oportunidade de ascensão e a educação ganha com profissionais mais motivados e preparados.

Frequentemente representam a única forma de acesso que adultos inseridos na força de trabalho do país e **donas de casa** (grifo nosso)

têm ao ensino formal, já que muitas vezes não podem abdicar das obrigações familiares para frequentar cursos totalmente presenciais [...] (SILVA e LEMOS, 2011, p. 1).

As chamadas “donas de casa” aparecem frequentemente nos textos que tratam de EAD, e são destacadas como um grupo que pode se beneficiar desta modalidade, devido às facilidades para administrar o tempo dos estudos concomitantemente com as obrigações de esposa e mãe de família. O fato da distância de Centros Universitários também traz a dificuldade da locomoção e EAD pode preencher essa lacuna, donas de casa e até trabalhadores rurais foram muito beneficiados pela educação a distância.

Quando nos afastamos da escola e criamos um hiato de longos anos sem estudos, ou mesmo leituras, a dificuldade para um novo ingresso é iminente. “[...] parei de estudar tinha o que nem lembro mais, uns dezesseis a quinze anos sem estudar nada [...]” (Angelina).

E é destacável o número de pessoas que encontraram na educação a distância sua nova oportunidade de voltar a estudar. Sendo assim, a EAD passa a servir de estratégia de ampliação das possibilidades de acesso à educação, tornando-se direito do cidadão e dever do Estado e da sociedade (CARVALHO, 2006, p. 3).

A EAD pode proporcionar um retorno mais acessível para pessoas que estavam afastadas das salas de aula, pois não há a exigência de frequência diária, como num curso presencial, isso também tem relação com o investimento no deslocamento, além das mensalidades serem geralmente bem mais populares. Para (CARVALHO, 2006, p. 3) “[...] a EAD passa a servir de estratégia de ampliação das possibilidades de acesso à educação, tornando-se direito do cidadão e dever do Estado e da sociedade”.

Ao inteirar-se sobre a oferta do curso a Angelina decidiu definitivamente que esta era a sua oportunidade de voltar a estudar, mesmo sem saber muitos detalhes do seu funcionamento,

[...] ninguém conhecia, veio através da imprensa, da mídia e tal, jornal eu acho, nem lembro bem. E aí eu até pedi informações pra umas amigas que estavam fazendo faculdade presencial na época, aí ela olhou e disse faça, vale a pena porque a única coisa que você não pode fazer é faltar, porque tinha uma bolsa e tal, faça! Aí eu fiquei na dúvida porque tantos anos sem estudar, fazer um vestibular desse porte, que depois eu fui ver que realmente era muito grande no dia da prova, eu fui ver que estava lotada a UNIT da Farolândia, parecia

curso [...] Ia fazer de qualquer jeito, tinha que voltar a estudar [...] (Angelina).

Para o pretense estudante de EAD, dentro deste perfil de afastamento dos estudos formais e com forte papel dentro do lar, o apoio da família é fundamental. Para a Angelina houve divergências, “E aí ficou aquele impasse, vou ou não vou, o marido fica logo estranho e alguns familiares (falaram): não, você tem que ir, tem que retomar o estudo. Aí enfim, resolvi ficar”.

Um fator facilitador, sem dúvida, é a não obrigação de frequência diária no curso EAD. A flexibilidade para poder estudar em casa e organizar os próprios horários reafirmou a decisão da Angelina para iniciar o curso,

[...] Eu acho muito interessante (EAD), primeiro porque você não fica preso aos horários, tem essa flexibilidade, primeiro porque beneficia muita gente que parou de estudar, e muita gente que trabalha tem horário muito “regularzinho”, não pode estar faltando (Angelina).

Mesmo com a flexibilidade oferecida pelo curso, somente obrigação de presença aos sábados, para a nossa participante não foi possível continuar em seu trabalho de recepcionista, a conciliação de horários do trabalho, somada às tarefas de dona de casa trouxe a necessidade dela fazer escolhas definitivas em sua vida.

(trabalhei) No mesmo salão, já no meio, já quase final, foi que não houve como conciliar. Também aconteceu alguns problemas na minha vida pessoal e aí eu tive que optar: tinha o trabalho e a faculdade, ou continuar casada, inclusive. E aí eu optei por estudar, foi porque eu queria me formar, eu acho que foi uma oportunidade única, eu acho que as coisas vêm no momento certo e a faculdade pra mim foi primordial. Tive que levar adiante (Angelina).

Destacamos dois termos na fala da Angelina que encerram seu depoimento sobre o antes do curso – isenção (ela denomina bolsa) e frequência (ela remete à frequência nos termos – não pode faltar). Ao relatar onde estava e o que estava fazendo no momento em que obteve conhecimento sobre o curso trouxe a seguinte fala.

Tava em casa, meu ex-marido tava com um jornal aí tinha esses, esses (...) opções de cursos, e aí eu li, não entendi muito bem, aí levei pro trabalho, pedi informação pra uma amiga que tava fazendo Letras presencial, se não me engano lá na Unit, é na Unit mesmo, agora presencial. Aí ela leu, me explicou direitinho, disse que era bom eu fazer, que não poderia faltar (...) e que seria tipo bolsista né? Mas o

importante que ia ser pela Unit e que não ia ter um custo, por isso. Foi esse momento que eu resolvi fazer, na minha casa (Angelina).

Embora seja um curso na modalidade de educação a distância não podemos ir de encontro aos Referenciais do MEC para a EAD no Ensino Superior, pois momentos presenciais são previstos e obrigatórios dentro da carga horária do curso, no caso no curso pesquisado os encontros aos sábados eram obrigatórios, com controle de listas de frequência. Podemos retomar aqui a discussão sobre o semipresencial que foi apresentada na análise do primeiro participante. Citamos os textos dos autores (SILVEIRA, 2012), (BRUTSCHER et al, 2012), (BITTENCOURT, 2011) e (MORAN⁴, 2002) como argumentação para a importância dos encontros presenciais e de atividades desenvolvidas em grupo para a construção do conhecimento. Não somente são obrigatórios, conforme prevê os Referenciais do MEC:

Em atendimento as exigências legais, os cursos superiores a distância devem prever momentos de encontros presenciais, cuja frequência deve ser determinada pela natureza da área do curso oferecido e pela metodologia de ensino utilizada. (Referenciais do MEC para a EAD no Ensino Superior, 2007).

Como também significativos para propiciar um ambiente colaborativo, conforme já afirmamos, essa é uma questão-chave para os cursos de educação a distância. O desafio é conseguir que o aluno não seja submetido a uma abordagem superficial, onde os conteúdos são dispostos de forma impessoal e distantes da sua realidade, melhor seria se pudessem alinhar suas próprias experiências e estudos com uma “[...] constante negociação e reconstrução no encontro com outros educandos e suas leituras, experiências e saberes (BRUTSCHER et al, 2012, p. 479)”.

Sobre o tema da isenção da mensalidade destacamos a política pública que envolveu as parcerias para este curso, que foi assertivamente, basilar para a participação da Angelina no mesmo.

Durante o curso

Um dos maiores desafios para quem opta por um curso na modalidade de educação a distância é a organização do tempo, pois como não há aulas cotidianas e cobrança diária dos professores, indicando as leituras específicas e lembrando-os da necessidade do estudo, cabe a cada um separar as horas do seu dia para a dedicação aos estudos. Focar no objetivo de fazer bem o curso torna-se fundamental para esta finalidade. O convívio com os colegas de turma foi destacado nesta parte da entrevista com o Johnny, onde ele também fala da importância do compartilhar entre os discentes,

Isso foi assim, terrível mesmo, é a questão do tempo e a questão de foco, de focar o que eu precisava pra cada, cada momento. Então assim, o processo foi muito interessante, o convívio com os outros que também não tinham esse conhecimento, então a troca foi essencial, a gente precisava muito mais uns dos outros mesmo, então agente juntava a equipe e sabia que aquele dali é bom, ele sabe falar um pouco melhor inglês, eu sei um pouquinho mais de português, eu sei um pouquinho mais de linguística, junta, aí a gente, é foi uma, uma forma de compartilhar mais também, né? Então, foi rico de todas as formas, de todos os ângulos, os tutores, como eles apresentavam pra gente tudo isso e os que estavam ao nosso redor também estavam aprendendo, mas sempre tem alguém que tem uma, uma pitada a mais de uma disciplina que você não tem aí você busca ali, então foi sempre uma coisa é, associada em conjunto. (Johnny)

Os grupos de estudo são importantes para a socialização do aprendizado, e na EAD torna-se ainda mais pertinente pois, muitas vezes são os únicos momentos em que os alunos tem como oportunidade de se relacionarem durante o curso,

É importante que se estimule e fomenta a organização dos estudantes em pequenos grupos para estudarem e desenvolverem as atividades solicitadas. Isso motiva muito mais o estudante, facilita a compreensão dos conteúdos ao discuti-los com os colegas, contribui na superação de dificuldades e faz com que vença melhor os momentos de desânimo (PRETI, 1996, p.26).

Ao falar da importância desses momentos, dois termos aparecem nas palavras do participante que podem respaldar a necessidade de trocas na construção dos professores na EAD,

[sobre os encontros semanais] Essenciais. Eu diria. Por que o tempo que a gente passava durante a semana, tinha semanas que eu não pegava absolutamente no módulo e quando chegava no dia lá eu queria ler, mas já era pra debater, pra discutir, aí os outros que tinham lido a gente em grupo a gente até dividia, olha eu vou ler isso, vou ler, vou ler isso, vou ler isso tá, aí na hora da discussão, na hora da discussão a gente até por causa da discussão o que agente não vai assimilando então tinha um pouco disso também de dividir melhor as coisas, então funcionava (Johnny).

Quando discorremos em capítulo anterior sobre a história do curso, descrevemos sobre os papéis que existiam no NEAD e suas funções, um desses papéis é o do tutor. Ainda há controvérsias quanto ao real papel do tutor na educação a distância, cremos que a atividade docente deve acontecer com os mesmos quesitos exigidos para qualquer modalidade, “[...] a atuação do professor independe da modalidade de ensino o qual ele atua, presencial ou a distância.” (JUNIOR, MASSENSINI, 2011, p. 2) Analisando o depoimento do participante percebemos que houve necessidade de construção dessa relação de tutor-aluno, pois não só era novidade na vida dos discentes, como os profissionais da educação que iniciaram suas atividades na tutoria estavam aprendendo a trabalhar dentro na modalidade EAD.

[...] Principalmente porque a gente convive desde sempre com uma metodologia que é diferente dessa, né? A gente tá acostumado o professor tá ali respondia todas as perguntas da gente, a gente tinha todo o conteúdo levava pra casa, tinha exercício, tudo, tudo existia é, a, logo no começo, nos primeiros meses a nossa dificuldade era de estabelecer isso até na hora de falar, de falar o ‘professor’, professor não, tutor. Aí a gente tinha que começar a entender que a palavra também ligava a aquele tipo de profissional, que é diferente, quer queira ou não, ele é o professor ele tá nos, nos auxiliando, mas naquele naquela nomenclatura naquela, naquela, naquela formação tutor, também nos abria é, por extensão ao papel dele, a gente começou a se acostumar não só a falar, mudar o nome, mas também qual é a função, qual era o papel de verdade ali. É os tutores muitas vezes também tinham essa dificuldade da relação porque também assim como nós, como alunos, eles também como professores não estavam acostumados a ter essa relação dessa forma [...] (Johnny).

É preciso ter cuidado ao organizar e gerir um curso EAD para nem deixar o aluno com a sensação de abandono e nem tentar passar uma falsa ideia de que está tendo aulas iguais às do curso no modelo presencial. Definir qual será seu papel dentro do curso torna-se fundamental para colaborar com a construção do conhecimento, “muito novo pra todo mundo. Sem dúvida. [...] foi uma novidade, [...] naquele momento a gente foi

construindo quem era tutor quem era o aluno e qual era as funções de cada um. (Johnny)”,

O professor tutor tem um papel extremamente importante no ensino à distância - EaD. As funções devem ser pedagógica, social, administrativa e técnica. Isto se deve porque o ensino em uma escola virtual tem características específicas, como as variações do espaço de ensino, que pode ser em qualquer lugar, professor e aluno encontra-se em condições de igualdade na comunicação, tendo o aluno um atendimento individual, tempo para entrar em sala de aula a qualquer momento, maior uso de multimídia e tecnologia na construção do conhecimento. Neste contexto o papel do professor-tutor deve ser de um integrador, colega, facilitador, inspirador de confiança e uma pessoa que ajuda o aluno na construção do conhecimento. (MORAES, 2006, p.1)

Pensar em educação a distância nos leva à relação com tecnologia de informação e comunicação, TIC, quase que impossível encontrar alguém que não relacione a EAD como tecnologias. Mas, conforme já colocamos, para este curso a tecnologia utilizada não representa o que se espera hoje de um curso superior EAD, que oferece ambientes virtuais de aprendizagem, aulas com vídeo *streaming*, *chats* e fóruns. O curso oferecia material impresso e comunicação através de e-mail e telefone. Antes de questionar se era ou não suficiente para o aprendizado, analisamos as palavras do Johnny e percebemos que até a utilização do correio eletrônico não era ação recorrente em sua vida diária,

Não, eu usava. Mas não com a propriedade ou da maneira que eu uso hoje, porque tornou-se um costume, tornou-se um hábito e eu percebia que isso era um hábito muito, é, era muito forte, antigamente a gente usava a carta nos correios que chegava, né? É a velocidade que tem o e-mail e que você pode é, não só enviar como receber, os trabalhos que agente fazia muitas vezes a gente tinha que fazer alguma coisa do gênero, era importantíssimo a sociedade como é muito rápida com [...] a gente não podia ficar pra trás. Então hoje em dia todo santo dia eu tenho que dar uma passadinha lá no meu e-mail e qualquer coisa pode chegar pra mim desde é alguma coisa de amigos como de trabalho, muitos, e eu não posso deixar um dia sem passar por lá porque eu posso perder um trabalho de verdade. Mais do que o celular, até. (Johnny)

No espectro político a EAD pode aparecer como uma forma de baratear e massificar a educação em países considerados mais pobres. Para (PINO, 2008, p. 114) “O que está ocorrendo, presentemente, nas políticas da educação a distância tem

implicações inegáveis na qualidade, especialmente em se tratando da formação de professores”, não podemos negar que implantação de novas tecnologias não visa primordialmente à educação, mas quando é direcionada para este propósito segundo (IDEM) “A EAD como substituição tecnológica, nos casos de formação inicial, favorece a certificação em massa e não a formação”. A formação de professores não pode ser substituída por uma oferta de serviços, o currículo e estrutura pedagógica devem ser pensados em primeiro lugar. Sabemos que com caráter regulamentador as políticas voltadas para a educação em nosso país não acompanham e nem fiscalizam os processos, as TIC muitas vezes são modernas, mas os processos se perdem entre a burocracia e a falta de preocupação com a qualidade, neste ponto podemos concordar com as palavras de Pino.

Contudo, devemos destacar, claro que sem negar os problemas existentes, a importância das TIC no apoio à democratização da EAD. O grande desafio da educação a distância é fazer das TIC parceiras, utilizando todas as suas possibilidades para colaborar na construção do conhecimento. Lembremos sempre que essa construção ocorre no sujeito, no ser, as tecnologias entrem como mediadoras. Como mediação a EAD tem a possibilidade de democratizar o acesso, pois viabiliza o compartilhamento a um número infinitamente maior de pessoas do que a modalidade presencial.

O crescimento da Educação a Distância demonstra que estamos passando de salas de aula presenciais, com professores e alunos no mesmo espaço, para a sua virtualização. Virtual, do latim *virtus*, significa força, potência, o que existe em potência e não em ato e contém todas as condições para sua realização (OLIVEIRA² e GASPARIN, 2012, p. 29).

Se pensarmos pelo prisma de (OLIVEIRA² e GASPARIN, 2012) podemos remeter o sentido de força e potência à qualidade necessária para que os cursos EAD sucedam em seus propósitos de educação e formação de professores, o que é o mote desta pesquisa.

Focaremos agora no termo socialização, este foi dito de forma recorrente pelo participante ao se referir à construção das relações com as pessoas durante sua vida acadêmica. É justamente nas relações sociais que nos desenvolvemos e nas trocas que aprendemos marcamos nossas diferenças, “O que diferencia uma sociedade de outra e diferentes momentos históricos são as finalidades, as formas e as instituições sociais

envolvidas nessa preparação, que a sociologia chama “processo de socialização” (BELLONI, 2002, p.122)”.

Segundo (BRUTSCHER *et al.* 2012, p. 477-478) “o processo de aprendizagem adquire uma dimensão mais horizontal, no qual, todos aprendem com todos, tirando a verticalidade própria de sistemas de ensino centrados na figura do professor como sujeito detentor do conhecimento”. Ao narrar sobre sua experiência durante o curso lembra primeiro da socialização, das relações de troca que aconteciam nos encontros, da importância da ajuda mútua que se construiu entre os membros da turma e que o levou e se construir também,

Como aluno é... Primeiro a socialização. A turma que era bem heterogênea tinha gente que era formado, tinha gente que nunca tinha passado por isso antes, de graduação ou de qualquer tipo de educação a distância. Então assim, é... existia no começo, por causa dos módulos e tudo, o pessoal lia, aí tinha muitas críticas em cima de alguns aspectos, ah isso não deveria ser assim, deveria ser diferente. Enfim, outros adoravam o material também, então, dentro de tudo, para a sobrevivência que se formava dentro da sala de aula, a gente tinha essa conversa, a forma de cada um enxergar o curso, também me fazia crescer porque a gente acabava encontrando no que o outro tinha, na outra informação, agente ia também construindo. A gente foi construindo na verdade um conceito do que a gente entende hoje se foi bom ou não pra gente [...] (Johnny).

Para Belloni (2002, p. 122) “[...] todas as mídias, as novas como as “velhas”, fazem parte do universo de socialização das crianças, participando, de modo ativo e inédito na história da humanidade, da socialização das novas gerações”, da mesma forma podemos trazer essa afirmação para o universo da educação de adultos destacando os módulos das disciplinas e as leituras e discussões em grupo como meios de socializar e se construir.

Quando o Johnny narra no trecho acima sobre as leituras dos textos sugeridas pelo curso, ele acentua a necessidade de trocas para ‘sobrevivência’, a leitura aparece como fonte de construção das relações sociais que aconteciam nos encontros e como intervinha de forma positiva no incentivo às transformações do docente em formação.

As transformações ocorridas na humanidade em seu percurso rumo a uma sociedade do letramento, as implicações políticas na democratização do conhecimento e as relações sociais que se estabelecem ratificam a leitura como componente da vida social. A leitura participa dos elementos materiais e culturais da existência humana em seu percurso social e histórico. Compõe elemento prático

e imediato das ações sociais, bem como elemento de construção de relações de significação em que tanto a leitura é condicionada pelo meio como guarda potencial de interferência no meio social (CÔCO, s.d. p. 1).

Cabe à EAD viabilizar caminhos para o aprender a aprender, e os recursos tecnológicos, que são os responsáveis por conduzi-lo deve efetivar um paralelo dialético que proporcione a humanização no processo de aprendizagem integrando-os às TIC. Sobre o processo que ocorre nos alunos quando inseridos em cursos EAD e precisam de suporte para o percurso da adaptação, podemos refletir nas palavras de Freire (1996, p. 25) “Esta é uma das significativas vantagens dos seres humanos – a de se terem tornado capazes de ir mais além de seus condicionantes”. A humanização das coisas é destaque na fala de Johnny quando fala sobre sua opinião acerca da EAD, pois vivenciou experiências em dois modelos diferentes, primeiro com cursos via correios e o segundo na modalidade semipresencial. No trecho abaixo podemos analisar o impacto das experiências em sua opinião, e a ênfase para a crença da necessidade de ‘humanização das coisas’.

Seria. É porque assim... Talvez em alguns cursos ele totalmente on-line talvez ainda funcione bem. Mas eu ainda não acredito nisso ser cem por cento em algumas áreas, principalmente em uma área de letras, de línguas. Por quê? Eu sei que existem recursos audiovisuais inclusive que podem auxiliar nesse sentido, que a gente pode fazer videoconferência, sem dúvida nenhuma. Mas eu aí tô falando de um lado meu particular, um lado humano. Eu acredito na humanização das coisas. Pegando por esse prisma um curso a distância talvez não tenha essa humanização se não tiver pelo menos um tutor, não tiver um dia semipresencial. Tem coisa, que por mais que a gente diga a distância, eu acho que o lado humano ainda tem que existir. Eu ainda acredito nisso. mas também não duvido que uma pessoa possa estudar completamente a distância, como eu disse anteriormente eu cheguei a fazer um curso completamente a distância, e eu consegui fazer (Johnny).

Nesta parte da entrevista pudemos perceber que o contato com pessoas diretamente foi importante para o processo de construção do conhecimento para o participante. Os tutores e o gestor do polo, assim como os colegas de turma funcionaram como mediadores do vínculo com a aprendizagem, de humanização e de localidade do processo educativo em educação a distância.

Em outro momento da entrevista o Johnny volta a falar da humanização, dessa vez o relaciona ao despertar de um senso crítico e dos laços de amizade que despertaram

durante o os dias de convívio, ele ainda menciona o uso de e-mail, mas volta no final a falar sobre os colegas e conclui com o termo dividir.

Eu conversei com você, e acredito em *OFF*, sobre a **humanização**. Mas aí entra na parte que a gente tinha o contato direto semipresencial. Pra mim a humanização ainda é importante, pra uma série de coisas. Como a gente tá lidando com algo científico, algo de ensino, ele vai funcionar como uma carta que eu recebia antigamente do curso que eu fiz a distância. O que muda é a tecnologia. A tecnologia da carta agora é o e-mail. Então é mais rápido. O que que eu poderia pontuar? Como em qualquer outra instituição que eu passei, que aprendi alguma coisa, tenho certificado, a gente criou laços de amizade, com pessoas, e acho que principalmente a gente criou um senso crítico sobre as coisas, quando a gente conseguia fazer os debates a partir dos estudos que agente fazia em casa ou em grupo, quando cada um do grupo lia uma parte do assunto e a gente falava essa parte um para o outro, pra economizar o tempo que a gente tinha de ler o assunto inteiro. Então agente **dividia** em grupo, isso eu achei importante (Johnny).

Podemos remeter às questões de colaboração na educação a distância. Quando o Johnny enfatiza termos como ‘dividir’, ‘humanizar’ e ‘semipresencial’ ele está afirmando que sente a necessidade de convívio e trocas. Mais uma vez aparece a questão de proporcionar a colaboração na EAD para facilitar o desenvolvimento do aprendizado.

Produzir material para educação a distância requer habilidades que nem sempre são desenvolvidas nos docentes convidados para esta tarefa. Muitas vezes os prazos muito curtos e o modelo de linguagem que deve ser adotado não colaboram para qualidade dos mesmos. Há uma dúvida e também, por que não, curiosidade sobre os materiais que foram utilizados no curso de Letras Português/Inglês EAD/UNIT.

O texto didático em cursos a distância possui uma importância bastante diferenciada dos cursos presenciais. Na EAD o texto didático é um dos principais meios de comunicação e de mediação pedagógica entre o professor e seus alunos, diferentemente da modalidade presencial, onde o professor é, diretamente, o principal mediador entre o aluno e o conhecimento no ambiente exclusivo da sala de aula (PADILHA et al, 2009, p. 3-4).

A Educação a Distância acontece via mediatização pedagógica, esta pode ser através de diversos meios tecnológicos, com o objetivo de toda forma de educação, que o conhecimento seja construído pelos alunos. Portanto em se tratando dos materiais impressos, “Ao produzi-los, é preciso pensar em uma abordagem pedagógica que

desenvolva a capacidade reflexiva do aluno, integrando o conhecimento prático e teórico relacionado ao seu contexto de atuação. (FRANCO, in: CORRÊA, 2007, p. 21)”.
[...]

Ao depor sobre os módulos que foram utilizados no curso a Angelina fez as seguintes afirmações.

[...] a gente foi pra sala, tinha acho que vinte e poucos alunos, tudo *organizadozinho*, módulos, e aí foram explicar, aí o gestor, eu acho que era Júnior, foi explicar como era que funcionava, que é com aulas ao sábado, todo sábado e frequência e ter que fazer as atividades ler bastante [...]

[...] são recordações boas, não tenho recordações ruins não, os ensinamentos, o sistema modular bom, também interessante o material, bom [...] (Angelina).

Como parte exploratória da pesquisa, e como membro da coordenação do curso, podemos fazer uma descrição da logística de elaboração dos materiais impressos. Primeiramente fazíamos um estudo sobre o currículo do curso, depois separávamos as disciplinas por eixos estruturantes e então convidávamos os professores que poderiam ser autores dos materiais. Os professores podiam ou não ser do quadro de profissionais da UNIT. Para os primeiros materiais não havia muitas regras a serem seguidas, havia uma proporção de números de páginas com a carga horária da disciplina, mas não encontramos justificativa para essa determinação. Também não havia um manual de instrução e normalmente os prazos eram muito curtos e os módulos eram produzidos em série, enquanto uma disciplina estava sendo aplicada, Língua Inglesa I, por exemplo, o módulo de Língua Inglesa II estava em processo de elaboração, faltava organização e antecipação, características primordiais para cursos EAD. Ao longo dos semestres a equipe pedagógica junto com a equipe técnica do núcleo começou a criar regras para padronização dos módulos, o que melhorou sensivelmente a qualidade dos mesmos.

De acordo com *Referenciais do MEC para a Educação Superior a Distância* (2007, p. 13) “O Material Didático, tanto do ponto de vista da abordagem do conteúdo quanto da forma, deve estar concebido [...] de modo a facilitar a construção do conhecimento e mediar a interlocução entre estudante e professor [...]”. Este documento, que é uma versão atualizada do de 2003, pois o anterior sofreu diversas críticas, somente foi publicado um ano após o curso estar em desenvolvimento. Nesses Referenciais há mais de vinte regras que orientam na produção dos materiais para

curso superiores de EAD, e todos culminam em três pilares: conteúdo, linguagem, estética.

Como no NEAD/UNIT os primeiros materiais impressos foram feitos sem o aporte de todos os parâmetros legais, ficou uma lacuna, embora no depoimento a participante demonstre satisfação com os materiais utilizados e com a organização com que o curso era administrado. Para a construção da credibilidade do aluno no curso, é indispensável que se sinta seguro e envolto por profissionais preparados para aprender junto sobre como trabalhar dentro da modalidade nova, nova para a instituição pesquisada e para as pessoas envolvidas no curso.

O ambiente educativo deve oferecer a possibilidade do indivíduo desejar interagir e construir inter⇌relacionando suas memórias, seus desejos e suas experiências com novos objetivos, desenhados a partir da relação com novas informações. Para isto, deve ocorrer ampla interação entre aluno-tutor, aluno-professor, professor-tutor, instituição/sistema-sujeito, gerando situações comunicantes e produzindo novas informações para possibilitar a **construção de conhecimentos** (grifo nosso) (GARBIN, DAINESE, 2010, p. 2).

Conforme colocamos anteriormente, o NEAD/UNIT possuía uma equipe com diversos papéis, e desses os que mais tinham contato direto com os discentes eram os tutores e os gestores de polo. Percebemos nos depoimentos que esses profissionais tiveram finalidade destacada de forma muito positiva, para a Angelina o gestor do polo especialmente. “Uma figura que as instituições estão criando é a de Coordenador Pedagógico do polo [...] coordena as atividades dos tutores, supervisiona o funcionamento da infraestrutura e a acadêmica (MORAN³, 2009, p. 4)”.

[...] professores maravilhosos, mestres mesmo. Eu acho que talvez nem sejam mestres, mas marcou muito, e o último gestor Barreto é show de bola, meu amigo até hoje, e uma coisa que motivava a gente estar ali eu acho que além dos professores serem ótimos, ter uma pessoa, ter um gestor que consegue levar você pra frente é muito bom, ele estava sempre com uma palavra amiga, com aquele sorriso, emprestava livros, pra receber você, pra passar a nota, aquele carinho que você precisa pra passar, levar adiante porque é desgastante trabalhar a semana toda [...] (Angelina).

Tanto no início quanto no final das entrevistas ela fala com certa emoção do gestor do polo à época do seu curso,

O gestor Barreto, que é assim (...) querido até hoje, somos amigos, amicíssimos (...) e quando terminou o curso o que me marcou demais (...) ele mandou um e-mail que na próxima semana não ia mais ter aula no sábado. Ele mandou uma mensagem, sábado negro, todo mundo ficou emocionado, porque ele escreveu cada detalhe das pessoas, aí (...) assim, a gente não tinha noção do quanto a gente fazia parte daquilo, daquele universo ali, e ele mandou isso e ficou bem marcante, tanto foi bom pra gente, por que aí tô cansada, não termina (...) eu senti um imenso vazio (...) e ele também. Ficava assim, é (...) o atendimento dele, nunca vi reclamação, a gente nunca viu ele sendo grosseiro de forma alguma, então, esse suporte que nós tivemos foi de extrema importância. Embora com todas as dificuldades do curso, do atendimento, sei lá (...) mas ele tava sempre lá disposto a nos ajudar, nos dar aquele apoio, mostrar nota, dizer algum recado, alguma coisa, eu acho que foi bastante importante. Professores, outros diretores (...) que faz parte do plano (...) enfim, eu acho que foi muito bom. Não tenho muitas coisas ruins pra falar não (Angelina).

Trabalhar com gestão na educação a distância requer competências que se iniciam na capacidade de relação interpessoal, o gestor do curso era o responsável por todas atividades que se desenvolviam, pela administração e organização dos encontros semanais, avaliações e era a principal ligação entre a coordenação e o polo.

O desenvolvimento de processos de gestão que tenham como objetivo facilitar os processos de comunicação deve utilizar linguagens que alcançam os usuários. As relações interpessoais, as estratégias coletivas para transmissão de informação precisam considerar os requisitos materiais e humanos. A partir da relação com o outro o conhecimento ocorre e a dialética, ação/conhecimento, torna-se ação/conhecimento/comunicação (GARBIN, DAINESI, 2010, p. 3).

Um ponto negativo que foi destacado pela Angelina foi a infraestrutura física do polo. Para o curso de Letras Português/Inglês EAD da UNIT a parceria com SEED deixava claro que a responsabilidade pelo espaço físico dos polos era o Estado. As turmas faziam seus encontros semanais em uma escola da rede pública estadual de ensino no município de Nossa Senhora do Socorro.

[...] a estrutura da escola não era boa a gente até no início a gente quis fazer um abaixo-assinado pra modificar o local porque era um pouquinho distante tinha que pegar ônibus, muita gente não gostou, mas fizemos o possível e continuamos lá mesmo [...]
[...] Bom, acho que tudo foi importante né? Mesmo as dificuldades as (...) os empecilhos, as pessoas, é (...) a estrutura da escola, que às vezes não ajudava muito [...] (Angelina).

Em seu texto *Modelos do ensino superior a distância no Brasil*, Moran³ descreve perfeitamente a realidade que foi vivenciada pela turma da Angelina.

O modelo semipresencial é muito utilizado nos cursos de pedagogia e licenciaturas. Ele precisa adaptar-se também, como os anteriores, às normas vigentes. As infraestruturas administrativa, tecnológica e acadêmica costumam ser precárias, com poucos computadores, biblioteca diminuta e tutor sozinho com muitos alunos (MORAN³, 2009, p 7).

Os Referencias do MEC para a Educação a Distância (Brasil, 2007) no nível superior descreve qual seria a infraestrutura mínima necessária,

A infra-estrutura material refere-se aos equipamentos de televisão, videocassetes, áudio-cassetes, fotografia, impressoras, linhas telefônicas, inclusive dedicadas para Internet e serviços 0800, fax, equipamentos para produção audiovisual e para videoconferência, computadores ligados em rede e/ou *stand alone* e outros, dependendo da proposta do curso. (...) A infra-estrutura estrutura física das instituições que oferecem cursos a distância deve estar disponível: na sede da instituição (em sua Secretaria, núcleo de EAD); e nos pólos de apoio presencial.

Conforme afirmado no capítulo que apresentou o curso em questão, a tecnologia coeva não oferecia muitos recursos comparados aos que foram implantados na mesma instituição pouco tempo depois do término do curso em questão. Trabalhávamos com material impresso, utilização de correio eletrônico – e-mail e telefone. Mas, independente das diferentes tecnologias percebemos na participante a sensação de estar inserida num modelo de educação que exigia mais do próprio aluno.

[...] eu vejo no dia a dia que eu posso ir mais além que qualquer outro profissional da minha área. Então depende muito de mim, de ir em busca, né? Não é porque foi EAD ou deixa de ser EAD e (...) é (...) eu acho interessante essa nova forma de estudo porque a tecnologia tá aí pra otimizar as vidas das pessoas e o EAD proporciona isso, que é você e o computador, é você e o seu livro. Pra mim é uma coisa bem íntima, que você deve desenvolver as suas habilidades. Faz com que você se conheça melhor, você se disciplina mais. É interessante um outro conhecimento, não só aquele que você tá em grupo mas você e você mesmo no seu computador, é bem interessante. Diferente. É uma troca que vai se fazendo né? Se construindo (Angelina).

Angelina dentro da fala retromencionada fala de tecnologia, destacando o computador e a troca como marcantes em sua experiência dentro do curso. Também usa

o termo íntimo para descrever como foi sua experiência de aprender a aprender, mais uma vez percebemos em suas palavras características apresentadas na literatura de educação a distância como próprias de estudantes da modalidade EAD.

Hoje em dia as pessoas procuram cada vez mais sua autonomia e a auto-aprendizagem é uma das características que mais se destacam no perfil dessas pessoas. O profissional atual precisa ser versátil e estar sempre ligado a novas tendências aprimorando seu aprendizado em prol do seu trabalho e até mesmo da sua realização pessoal (FERREIRA e MENDONÇA, 2007, p.5).

O aluno que inicia um curso na modalidade EAD logo percebe que precisa se organizar para acompanhar as leituras, que o estudo é um autoestudo, a liberdade para organizar seus horários também exige disciplina e dedicação, a dedicação diária, que por não estar dentro de um padrão regular de sala da aula com controle de presença, não pode deixar de acontecer.

Ele tem que se tornar criativo, crítico, atuar como pesquisador e interagir constantemente com o conhecimento, com os colegas e com os professores. Ele precisa aprender a aprender. Ou seja, o aluno de um curso a distância precisa desenvolver um princípio que é fundamental e determinante na sua vida acadêmica: a autonomia (Brasil, 2012 p. 8).

Em seu depoimento observamos a descrição que faz das relações do estudo, com tempo e com as leituras diárias.

[...] E muita gente não fazia (leituras), chega pra o professor pra tirar dúvida, mas nem leu e tinha que ler, então assim o tempo era curto pra estar fazendo isso aqui naquele momento [...]
[...] seriam aulas esporádicas, sem tomar tanto meu tempo e eu poderia conciliar uma coisa com outra. [...] (Angelina).

Oportunidade. Essa palavra dita com tanta ênfase por Angelina só se tornou possível no momento em que o poder público percebeu uma grande lacuna nas salas de aula das escolas Estaduais, oportunidade a estudantes do ensino público que sem essa ação, muito possivelmente continuariam à margem de uma carreira universitária. Outro termo destacado, que é consequência da oportunidade é – conquista, o sentimento de vitória e de orgulho por ter alcançado algo que por mais de uma década ficou esquecido em sua vida.

[...] oportunidade que a gente teve de estar aqui foi única, coisas muito boas. Eu acho que quem soube aproveitar [...]

[...] Primeiro que a realização de se formar, porquê (...) é (...) eu não pensava que isso iria acontecer, por uma série de motivos, porquê a gente abandona os estudos pra cuidar de casa, do filho, né? Enfim, cuidar da vida e acaba deixando de estudar. Aí surgiu a oportunidade, eu fiquei meio que descrente, mas peguei informações pra (...) pessoas que estavam estudando, e aí me disseram que era uma boa fazer [...]

[...] Trouxe pra mim uma conquista muito grande, venci, tá? Agora, todo tempo possível, foi bom [...] (Angelina).

As palavras da Angelina nos fazem lembrar de um termo do texto de (OLIVEIRA³, 2010, p. 227) “inexorabilidade do futuro”, neste ele argumenta que não devemos nos resignar a um futuro incerto. A educação é o caminho para a concepção de uma mudança, aonde as oportunidades devem ser aproveitadas, ou melhor, construídas, nesse cenário a EAD “[...] é sim uma modalidade de ensino diferente, mas que deve ter como objetivo a construção de sujeitos críticos e criativos e um dos passos que devemos dar para atingir esse objetivo é refletir sobre nossas práticas, e esse é um espaço para isso (IDEM)”.

A EAD por Johnny

A ideia de educação a distância que o participante tinha antes de conhecer o curso estava longe dos conceitos apresentados por autores da área, podemos destacar a afirmação do Johnny,

É, posso começar dizendo que quando eu soube, quando eu descobri que existiam cursos a distância eu me surpreendi, porque só me vinha uma coisa na cabeça – educação a distância é você, o computador e a pessoa que tá do outro lado e acabou (Johnny).

Percebemos como o desconhecido suscita dúvidas e ideias distorcidas do funcionamento e evolução da EAD, como para um professor o preconceito era vivo em sua mente e somente após conhecer de forma pragmática a modalidade é que a

desconstrução acontece, observemos sua colocação, agora já se encontrava como professor em formação, um aluno de EAD.

[...] eu fui percebendo que não era tão simples quanto eu imaginava, eu tinha que correr atrás, eu tinha que fazer por onde, não era uma coisa de mão beijada, muitíssimo pelo contrário, ao contrário do ensino que a gente tá acostumado, presencial, eu aprendi de que a gente, a gente faz nosso tempo e tudo, mas a responsabilidade dobra [...] (Johnny).

No trecho abaixo percebemos como a concepção de EAD muda no decorrer do curso para o participante.

[...] Aliás, muita gente que eu conheço que tem essa ideia, e tem alguns, é algumas formas de ensino a distância que era inclusive nesse mesmo curso que eu fiz na época, mas era de outros cursos, que tinha uma, uma é, tinha uma carga horária maior inclusive via internet, computador. Então eu tinha aquela ideia assim, “Há eu vou fazer porque eu quero tirar um curso, eu vou fazer porque deve ser mais fácil, porque é a distância, então qualquer coisa eu mando uma coisa escrita, mando eles retornam por e-mail, tá tudo legal, eu corrijo aqui, eu não vou ter problema com tempo, aí quando a gente está inserido no contexto aí percebe que não é isso. (Johnny)

Já com essa afirmação percebemos como as mudanças vão acontecendo e as quebras de paradigmas vão transformando e colaborando para a construção desse profissional da educação, afinal com a presença de modalidades e tecnologias novas é necessário um novo perfil de professor, que saiba formular propostas, que tenha autonomia em seu trabalho, Demo (2004, p. 81) já afirmou,

Enquanto sua função de socializador do conhecimento fenece e é substituída pelo mundo da informática e da nova mídia, aumenta o desafio formativo, tipicamente educativo, de fundamentar a emancipação própria e dos alunos.

A autonomia para construir seu conhecimento é percebida logo no início do curso, e a atividade colaborativa se faz presente no decorrer do curso e as trocas tornam-se fator importante para a turma, segundo o Johnny “a troca foi essencial, a gente precisava muito mais uns dos outros mesmo, então a gente juntava a equipe [...] foi uma forma de compartilhar mais também”, Prado e Almeida (p. 196, 2003) em seu texto *Criando*

Situações de Aprendizagem Colaborativa falam da colaboração através do olhar docente,

[...] atuamos como docentes, desenvolvemos estratégias voltadas à aprendizagem **colaborativa** (grifo nosso), privilegiando uma dinâmica que articula momentos de aprendizagem individual e coletivo, por meio de situações desafiadoras, propostas aos professores-alunos como cenários de escolas em que deveriam realizar práticas pedagógicas [...].

Percebemos que há muita semelhança com o modelo de curso pesquisado, tanto através dos documentos pesquisados, pela nossa experiência como coordenadora, pelo PPC, como também pelas colocações na entrevista. Pensamos que o motivo que mais colabora para que essa busca pelo conhecimento e trocas aconteça, está no âmago no ser humano, na vontade de aprender. Brunner (1969, p. 133) afirmou que “A principal característica isolada do ser humano é o fato de êle aprender. A aprendizagem está tão integrada no homem que é quase involuntária [...]”, no mesmo texto ainda explica o fato da “*vontade de aprender*” e da “*curiosidade*”, que diz ser “o protótipo do motivo intrínseco”, esses fatores podem ser percebidos na EAD com nitidez na autonomia e no ambiente colaborativo em que os alunos se encontram, pois como já foi dito a EAD exige maior autonomia e dedicação do aluno.

Outro ponto de destaque da entrevista foi o fator tempo, a organização do tempo é fator decisivo ao estudar na modalidade de educação a distância, este tema foi retomado por várias vezes pelo Johnny,

[...] porque foi uma nova forma de aprendizado, eu, todo mundo que eu conheço no costume daquilo que se tinha, professor dá a sua aula, você anota tudo, ele mastiga tudo pra você e você leva pra casa e você tá com o material ali, você já tem metade, se você prestou bem atenção na aula você já tem metade já com você, a outra metade você dá uma lida pra rever e pronto. Dessa vez não, tinha mais a gente, tinha que buscar mais, não só uma questão de tempo, que eu sempre fui terrível na organização de tempo... Isso foi assim, terrível mesmo, a questão do tempo e a questão de foco, de focar o que eu precisava pra cada, cada momento (Johnny).

Ao falar sobre o preconceito que poderia ele mesmo ter ou poderia ter sofrido em algum momento devido ao curso, ele de forma contundente descreve como se desprende das desconfianças e passou a defender a modalidade, isso sem perder a criticidade a respeito dos cursos que possa vir a fazer parte,

[...] até porque a ideia do é, dos encontros, todos os sábados, pra já mudava alguma coisa no meu, meu preconceito. É mudou porque durante o curso inclusive quando eu ouvia alguém falar de EAD e que falava isso de uma maneira meio pejorativa, eu já defendia logo, “você que pensa que é assim, vai entrar lá pra você ver se você vai sair do mesmo jeito, vai pra lá e você vai entender como é” então eu comecei a perceber que é um preconceito quando a gente não conhece a gente cria o preconceito. E eu procuro ter muito cuidado com isso de não dizer sobre algo que eu não tenha o mínimo de informação sobre. É, se eu tenho uma, alguém que eu conheça que seja importante a opinião da pessoa e ela disser como é eu vou levar em consideração, mas eu preciso entender como é que, então... é hoje, eu faço, eu faria qualquer outra educação a distância com esse olhar, sei também que existem variáveis, existe um tipo de educação a distância aqui e outro em outro lugar que isso vai poder ter suas variações sim [...](Johnny).

As vantagens mais divulgadas para EAD como flexibilidade de tempo e de local para os estudos, mensalidades mais baixas e facilidades para acesso muitas vezes não são suficientes para evitar preconceitos, “Todas essas vantagens, no entanto, nem sempre são bem compreendidas e aceitas pela totalidade da população, muitas são interpretadas equivocadamente na avaliação popular ou leiga (ORSI et al, 2010, p. 123)”. O preconceito que existe tem suas raízes nos primórdios da EAD, quando os cursos eram oferecidos somente pelos correios, mesmo com toda a tecnologia a disposição e modernização da modalidade não temos como negar que determinadas dificuldades corroboram para discursos preconceituosos. Se lembrarmos que a própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB descreve a EAD como um recurso para atendimento a situações paliativas ou emergenciais, temos um exemplo que pode ser dito preconceituoso vindo de um documento que orienta a base da educação brasileira.

O tema final que levantamos como tópico para a entrevista foi sobre a ideia que ele teria de EAD e se consideraria indicar para outras pessoas. Nessa parte do depoimento o Johnny ainda retoma temas já discutidos como a organização do tempo e a importância das leituras, e frisamos o termo ‘funciona’.

Eu diria em princípio que apesar do que a gente já preconcebeu sobre a educação a distância talvez não seja muito legal porque você já está acostumado com os temas muito é..., pessoal, com outra pessoa ali pertinho, é... tem uma tendência das pessoas entenderem, e eu entendi assim também, de ficar meio desconfiado de que isso pode funcionar ou não. O que é que eu diria? Eu diria que é... é eficaz, é eficiente, **funciona**, mas depende muito do próprio aluno. E depende muito mais do próprio aluno nesse sistema de educação a distância do que no convencional, porque você tem horas mais... voltadas... você que tem

que organizar o seu tempo de estudo e nas aulas presenciais você pode resolver as dúvidas, alguma coisa que tem pra resolver, então, eu diria que... se você não tiver uma disciplina pode ser que não funcione tão bem quanto você imagine. Na verdade eu diria que a experiência, baseada na minha experiência, é algo que funciona, você tem módulos, você tem professores ou tutores à disposição, e... é apenas uma adequação do sistema que já está enraizado, que a gente já conhece. (Johnny)

Ao final da entrevista em seu depoimento Johnny demonstra que houve mudanças em seus paradigmas de educação a distância, tornando-se um adepto e defensor da modalidade durante o curso inclusive afirmando “[...] quando eu ouvia alguém falar de EAD e que falava isso de uma maneira meio pejorativa, eu já defendia logo [...] eu faria qualquer outra educação a distância com esse olhar”.

A EAD por Angelina

A modalidade de Educação a Distância não era exatamente uma novidade para a Angelina, a participante já havia realizado alguns cursos pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial – Senac¹¹. No período em que participou dos cursos oferecidos pelo Senac ainda não era comum a utilização da internet, ficando a comunicação desenvolvida pelos correios através de material impresso,

[...] Como eu não sou tão novinha assim eu já conhecia esses cursos (EAD) assim, inclusive eu tinha feito alguns [...]
Já, Já (fez cursos na modalidade EAD) eu acho que até hoje eu tenho, que eu sou de guardar as coisas, mas assim é era interessante, você fica na expectativa você lê, você aprende, manda sua, mandava sua prova, seu exercício e aí retornavam com uma nota ou um parecer se estivesse errado [...]
[...] Não existe não internet nessa época, era pelo correio [...]
[...] Lia tudo, tinha atividade, completava, mandava enviava depois eles mandavam de volta [...] (Angelina).

¹¹ O **Senac** foi criado em 10 de janeiro de 1946 pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), por meio do decreto-lei 8.621. A partir do ano seguinte, o Senac passou a desenvolver um trabalho até então inovador no país: oferecer, em larga escala, educação profissional destinada à formação e preparação de trabalhadores para o comércio. O ensino a distância também recebeu impulso na década de 1990, com a criação de um centro nacional específico, com o objetivo de ampliar e diversificar a programação do Senac nesse tipo de ensino. Como resultado desse empenho em EAD, o Ministério da Educação, em 2004, concedeu um credenciamento especial para o Senac oferecer cursos de pós-graduação *lato sensu* a distância. Para atender à demanda, foi criada a Rede EAD Senac. (<http://www.senac.br/institucional/historico.html>)

Esses dados são significativos para a pesquisa, partindo do pressuposto que a participante relatou ter experiência com a modalidade de EAD. Interessante notar seus relatos positivos, e ao falar sobre a possibilidade de ter sofrido algum preconceito por causa da EAD, foi enfática: “Não, de forma nenhuma. [...] Não, eu particularmente não senti, assim [...] todo mundo criava uma polêmica nesse universo aí, mas assim [...] depende do aluno, acho que se você é um bom aluno, não faz diferença nenhuma”.

Conforme discutido no capítulo 1 a formação de professores pela modalidade EAD ainda é alvo de críticas, Giolo (2008) foi exemplo de uma clara declaração que limitaria o público para se tornar um aluno de cursos EAD. Em seu artigo questionou a lacuna que a EAD deixaria em um professor formado pela EAD e que fosse trabalhar em salas de aulas convencionais/presenciais. A nossa participante, que é uma professora formada pela educação a distância, em dois momentos fala sobre o público ideal para esta modalidade, num primeiro momento faz a seguinte afirmação sobre a possibilidade de um jovem estudante fazer o primeiro curso universitário na EAD.

Eu creio que a modalidade presencial seria mais adequada. Não deixa de ter a sua importância, mas como ele tá com a cabeça fresquinha, e tal, de repente ele pode tentar um vestibular mais, [...] uma Federal, por exemplo, que não é pago, mas é presencial e se ele se sentir necessidade e vontade em fazer, porque não? Sabe como é que, né? Tem aquela história de ser [...] ainda discriminado, acho que não seria a primeira escolha dele, eu acho. Não sei. Mas, se ele se sentisse à vontade de fazer (Angelina).

Em outro momento da entrevista volta ao mesmo assunto, porém enfatiza o fato de ser necessária grande dedicação aos estudos, dando destaque aos termos: pesquisar, ler e internet.

Acho que não tem predeterminação não. Qualquer pessoa se enquadraria. Desde que se sentisse a vontade, né? Primeiro tem que tá disposto a sentar e estudar. Primeiro você tem que saber o perfil da educação a distância, não é só: aí eu quero fazer. Você tem que vir pra cá, você tem que pesquisar, você tem que ler, tem que usar a internet, tem que entrar em contato com o tutor, você tem que participar das aulas, tirar dúvidas. Não é só: ah quero fazer. Tem todo universo pra ser adicionado (Angelina).

A experiência da Angelina na graduação EAD foi válida, usando das palavras dela num dos últimos momentos da entrevista. Discorre retomando alguns pontos sobre

a sua vivência na modalidade e conclui sua fala evidenciando a questão do tempo e do baixo investimento, comparando com o mesmo curso na modalidade presencial, que a EAD oportuniza.

Bem (...) primeiro que era uma modalidade nova, meio que tava todo mundo é (...) aprendendo e buscando né uma nova forma de estudar, falo assim, pra mim foi válido. Eu (...) trabalho na área né, de professora, pra mim foi válido sim e descreveria que é um curso pra quem tá muito tempo sem estudar, é um curso que tem um horário maleável, dá pra você conciliar com a sua vida, não deixa de ter, eu acho que (...) peca um pouco na questão dos assuntos, por que o presencial é um pouco mais carregado (...) e também é (...) por ser uma modalidade a distância, eu acho que a carga fica maior para o aluno, se ele não for disciplinado com certeza ele não vai seguir... ele vai ter que se disciplinar pra poder aprender. Mas assim, em geral o curso é interessante pra quem tá querendo voltar a estudar e querem adequar o horário né? Porque algumas pessoas geralmente não tem tempo, também não tem grana se ele for pagar um curso normal, é isso (Angelina).

No trecho da entrevista acima a Angelina destaca a necessidade de disciplina para o aluno de EAD e elenca a flexibilização de tempo como um fator positivo para a modalidade. Já apresentamos dessa pesquisa a importância da disciplina para os estudos em cursos na modalidade a distância, e já afirmamos que se bem planejada pode oferecer a mesma qualidade que um curso presencial, ou até algumas vantagens a mais. A condição de ter que desenvolver um estudo autônomo e organizar o tempo para os estudos pode ser destacado como uma diferenciação da modalidade.

Ao narrarem suas experiências durante o curso, cada participante direcionou o foco para um termo diferente. O primeiro entrevistado, Johnny, trouxe a questão das atividades de extensão como marcantes em sua experiência neste curso. Já a segunda entrevistada, Angelina, destacou a influência da sua família como ponto decisivo.

Extensão

As atividades de extensão fizeram parte do curso e foram narradas no capítulo que descreve o curso de Letras Português/Inglês EAD/UNIT. Os alunos eram incentivados a participar de várias atividades que envolviam a área de educação, tanto que para a conclusão do curso eram obrigatórias 216 horas em certificados de atividades de

extensão. Essas atividades podiam ser feitas em qualquer instituição respaldada pelo MEC, e a própria instituição que ofereceu o curso EAD ao participante organizava seus cursos de extensão. Estes foram mote durante as entrevistas com o Johnny, o mesmo afirmou “[...] uma foi algumas aulas de extensão que a tutora, é professora, de português colocou, e a gente conseguiu alguns certificados de horas extras por causa disso e as Quartas Culturais, que agregou [...]”. Ainda seguindo seu pensamento em outro momento fala da relação das atividades voltadas à arte relacionadas com os trabalhos que tiveram a oportunidade de desenvolver em uma das atividades de extensão e como isso o impactou,

[...] a gente usou até como uma forma de, de destacar aquele grupo que já estava coeso, e tal... E como na minha turma, não sei se foi uma coisa aleatória, ou se as coisas se juntam, assim é pela, o inconsciente coletivo que aí trabalha, então na minha sala também tinha aí uma, uma aluna, uma colega, colega minha, que tava fazendo música também, é, na Universidade e a gente se juntou, eu fazia o vocal, ela fazia o violão e aí outra pessoa falava bem, e a gente colocava pra falar poesia e a gente juntando tudo isso aproveitou nas Quartas Culturais pra se apresentar, algumas músicas em inglês que eu gostava muito [...](Johnny)

Como já colocamos, a arte é algo presente e de importância na vida do Johnny, e mais uma vez ele retoma o tema em seu depoimento, desta parte destaca a própria atuação, no evento já mencionado – *Quartas-Feiras Culturais*. A união das artes com as palestras e oficinas oferecidas no evento despertou no participante sentimentos de realização fazendo parte do processo.

[...] é, e a gente vamo pegar essa, vamo pegar essa música e juntar com o violão e fazia uns ensaios, a gente fez experimentações na própria, nos próprios encontros nos sábados, lá em Socorro, é, eu maquiava o rosto, falava uma poesia, ela tocava um violão, juntava o coro de 3, 4, tinha uma outra colega nossa que também é, já canta também na igreja dela e tudo, a gente juntou esse pessoal que tinha uma afinidade nesse ponto e pra mim foi sensacional as quartas culturais. As quartas culturais foram muito legais, é, e tinha também algumas, alguns encontros, também extras, que foram, foram muito importantes, que outros professores de lá da própria instituição e que trouxe de uma maneira diferente, divertida também, o vocabulário, pra gente se familiarizar mais ainda com a língua inglesa, isso foi sensacional [...](Johnny)

Analisando a experiência do Johnny sob o prisma da arte e dos sentimentos que esta desperta nos que com ela entram em contato, lembramo-nos das seguintes palavras,

[...] Devemos reconhecer que a ciência não só contagia com as ideias de um homem toda uma sociedade, que a técnica não só prolonga o braço do homem; do mesmo modo, a arte é uma espécie de *sentimento social* (grifo do autor) prolongado ou uma *técnica de sentimentos* (grifo do autor) [...] É evidente que o efeito da arte é bem mais complexo e diverso, e seja qual for a definição que dela fizermos, nunca veremos que ela implica algo que difere da simples transmissão de sentimento.” (VYGOTSKY, 1999, p. 308)

Farra do conhecimento, assim iniciamos a epígrafe desta parte da pesquisa em homenagem às palavras do participante Johnny. Essa expressão foi utilizada por ele ao falar mais uma vez sobre as trocas que aconteceram durante as atividades de extensão promovidas pelo curso, que oportunizavam o encontro de todos em um único polo,

Let's Speak English. Foi muito legal, a gente teve contato diferenciado também. A gente, um dia inteiro, onde o pessoal tava junto, aí agente veio prum lugar aqui pertinho mesmo onde a gente tá agora. A gente almoçou, todo mundo junto, aquela farra, depois voltamos. Era uma **farra do conhecimento**, muito legal. Criaram dinâmicas, foram criadas dinâmicas naquele instante, no *Let's Speak English*, que a gente fez, e nessas dinâmicas a gente levou mais material pra casa, dos professores, que não eram nossos tutores, eram outros, e esse intercâmbio que era legal (Johnny).

Conforme colocamos no capítulo que descreve as atividades de extensão do curso, procurávamos organizar atividades que pudessem promover encontros presenciais das turmas. A universidade deve se sustentar no tripé – ensino – pesquisa e extensão, sobre este último “[...] o que percebemos é que ela produz conhecimento a partir da experiência e assim tem uma capacidade de narrar sobre o seu fazer (CASTRO, 2004, p. 3)”.

Observamos que muitas ações da universidade em questão voltadas para a extensão focavam em atividades com fins políticos de caráter assistencialista. Existia um esforço em implantar algumas atividades em comum a todos os cursos, como as semanas de curso – que nem sempre duravam uma semana e os professores que não ministravam oficinas, palestras ou minicursos ficavam meio perdidos entre ficar na sala de aula com uma quantidade mínima de alunos, sem poder ministra conteúdos novos, ou

tentar enquadrar seus horários com as atividades propostas. O caráter político estava na forma de inscrição, cada aluno deveria entregar uma lata de leite em pó para ser posteriormente doada a uma instituição de caridade.

A nossa proposta para as atividades de extensão era a de bem explorar a extensão para que nossos alunos pudessem desenvolver seus potenciais de competências e habilidades nesses momentos. O arsenal metodológico da extensão permite que encontros entre alunos, professores e comunidade promovam a construção de novos saberes e reflexões sobre a prática, a experiência ganha destaque e é justamente nela que a (re)construímos.

A família

Em diversos momentos da entrevista a Angelina retoma ao tema da sua família e discorre sobre sua relação familiar. Membro de uma família de três filhos ela foi a única a conseguir um diploma universitário, “[...] Dois (irmãos), são três [...] Primeira e única (a ter diploma) [...]”.

Um dos momentos mais emocionantes do depoimento foi quando a Angelina falou sobre o orgulho que sua mãe sentiu na sua formatura, segundo a mesma, nem imaginava que teria tamanho impacto na sua família,

[...] ela (mãe) disse que a felicidade que ela teve foi como se ela tivesse casado de novo, foi bem legal, então você dá esse prazer, né? E o prazer pessoal também, sou formada [...] (Angelina).

A dona de casa, casada e com um filho sofreu modificações definitivas em sua vida durante a jornada no curso de Letras Português/Inglês EAD. Antes mesmo de concluí-lo seu casamento acabou, as dificuldades em conciliar as atividades do curso com a vida matrimonial desgastaram e a colocaram num dilema entre a vida acadêmica/profissional e o casamento.

[...] Na minha vida particular, é (...) pessoal, eu me separei pouco antes de terminar do curso (...) meio que algumas coisas, brigas e tal, no final de semana que a gente tinha prova, ter que sair, deixar filho. E eu tinha que seguir meu caminho, resolveu deixar. Mas não foi por causa da faculdade não (...) primeiro algumas discussões, mas eu

poderia ter desistido até (...) no dia x eu disse "não vamos mais ficar juntos" [...] (Angelina).

Em uma pesquisa realizada no programa de Mestrado na Universidade do Minho, intitulada: “Ser Mulher: Estudar, trabalhar e ter uma vida familiar - Será possível?” é apresentado um panorama a respeito da vida de mulheres em diferentes faixas etárias e os caminhos que precisaram percorrer para conquistar uma carreira própria. Podemos inferir que a realidade vivida por Angelina encontra respaldo na vida de milhares de outras mulheres pesquisadas, “[...] um dos maiores desafios que se colocam às mulheres que tem como objectivo fazer uma carreira é a conciliação da vida pessoal e familiar com a vida profissional (SILVA², 2011, p. v)”.

Carreira

Outro termo que se destacou para ambos os participantes, foi a carreira profissional. Seria inevitável que não abordassem esse tema, já que desde o início de seus depoimentos colocaram a importância do curso para o desenvolvimento e maiores oportunidades.

Ao falar sobre o impacto que o curso teve em sua vida, e mais especificamente em sua carreira podemos destacar claramente o termo – certificação e seu derivado certificado. Em uma única fala o Johnny repete por três vezes essa mesma palavra, analisamos que a obtenção do diploma, denominada aqui por ele como certificado, foi um marco em sua carreira profissional. Ao levantarmos o seguinte tema para a entrevista – se o curso teria feito alguma diferença em sua vida profissional, ele respondeu da seguinte maneira,

Fez sim. Até porque, eu tô fazendo um outro curso, não concluí ainda, e é presencial. E é por causa do curso que eu tenho, que foi a distância, que eu estou conseguindo novas possibilidades no trabalho inclusive. Eu estou dando aula hoje, porque tenho esse curso a distância. Eu consegui um contrato recentemente, porque tenho certificação que eu posso fazer além da prática, além do que já sabem do que sou capaz, porque me viram fazendo, executando, eles tem o aval disso. E de que a instituição precisa ter isso até por uma questão de fiscalização mesmo, enfim. O que eu estou realizando hoje no trabalho tem uma relação direta com esse certificado, com essa certificação através do meu curso. Mesmo que eu continue ainda na vertente artística, o curso de Letras Português/Inglês que eu fiz, ainda

continua me abrindo espaço. Então, eu posso ver que é importantíssimo ter essa certificação hoje. Através do curso a distância. Qualquer outro que eu faça agora vai ser só para agregar, já que esse foi o primeiro (Johnny).

O acesso ao ensino superior vem aumentando ao longo dos anos. Conforme divulgado pelo **Censo do Ensino Superior (2010)** e pelo **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – Inep (2010)**, o número de matrículas na educação superior subiu 5,7 no período de 2010 a 2011. Esses dados de 2010 só foram divulgados no de 2012. O número de alunos matriculados em **cursos de graduação** ultrapassou 6,7 milhões no ano passado, com relação ao ensino a distância, o então ministro da educação, Aloizio Mercadante, afirmou que a modalidade cresceu 14,7%.

O número de matrículas em curso superiores EAD, que há pouco mais de uma década aparece nos dados da pesquisa supracitada com quantidade de apenas 5.369 (dados de 2001), chegou a 930.179 em 2010. Um crescimento que corresponde a um aumento de 170 vezes no número de matrículas. A diferença de 2001 para 2010 é de 924.81 alunos matriculados em cursos superiores na modalidade a distância, logo nossos participantes, que cursaram de 2006 a 2009 fazem parte desses números, que correspondem a um crescimento indiscutível.

Conforme seu depoimento acima, o fato de ter conseguido esse acesso possibilitou novas oportunidades de trabalho e o desenvolvimento da sua carreira. Destacamos para o mesmo momento termos que denotam mudanças positivas em sua vida, como ‘novas possibilidades’, ‘abrindo espaço’ e ‘trabalho’. Sobre sua carreira pós-conclusão do curso podemos simbolizar com o esquema abaixo.

CERTIFICADO → NOVAS POSSIBILIDADES → ABRIR ESPAÇOS → TRABALHO

Como estamos investigando a construção do ser professor no curso de Letras Português/Inglês na modalidade EAD, analisar a trajetória acadêmica dos participantes, observar o status da vida profissional pouco antes do início do curso, as experiências vivenciadas no durante, e claro as possíveis modificações que aconteceram após a conclusão, compõe o construir de uma professora que, conforme seu depoimento,

Bom, primeiro a satisfação de conseguir algo que não imaginava que isso ia acontecer. É, segundo que foi meio que as lutas para que isso

acontecesse, inclusive pessoal e tal, familiar, e realmente a gente se questiona, né? E agora? O que será da vida, hum é complicado assim, na verdade eu passei no concurso do estado, sou funcionária, não da área de docência, mas tem haver com a gente tá lidando com este universo de aluno, a educação [...] (Angelina).

Satisfação e luta, termos recorrentes em sua fala, e que no depoimento acima remetem à conquista do diploma e à dúvida que muitos universitários têm ao final do curso, e agora?

Porque assim a vida da gente é uma constante batalha, acho que pela sobrevivência e você sair de um casamento, aquela vida é difícil de você conciliar tudo e estudo, né? E você dá isso, como você ganhar pra mim foi um presente, embora fiz o vestibular, mas pra mim foi um presente, você passa anos, doze anos e você passar no vestibular e ganhar aquilo tudo de bandeja: professores bons e você estudar e sair formada, é seria mesmo perguntar a minha mãe como é o sentimento de ter uma filha formada, então assim é uma realização pessoal, uma realização familiar, você, é ter uma graduação [...] (Angelina).

Reportando aos depoimentos anteriores aqui citados, o acesso e a luta constante para permanecer no curso podem ser resumidos na palavra ‘batalha’, e numa batalha sempre há vencedores e perdedores, em algum momento é necessário recuar e abrir mão em nome da paz. Para a Angelina essa batalha teve como vitória a conquista do tão sonhado diploma e a alegria e o orgulho que proporcionou para sua família, como perda o fim do seu casamento, inserido nesse contexto também abrir mão da estabilidade de vida de dona de casa para se tornar financeiramente independente.

[...] mas assim, pra quem está parado uma graduação é muito, pra mim foi extremamente importante porque eu saí daquela estágio de inércia que eu estava, estudei, me formei, tenho oportunidade, várias, posso ensinar português, posso ensinar inglês ou posso não ensinar, mas só em saber que tem uma, que você estudou você fez merecer ganhar aquilo ali, pra mim é muito bom e eu acho que muda, são degraus que vai subir eu sei que pra muita gente não é importante pra mim é, além disso eu peguei um gosto a mais pros estudos [...] (Angelina).

Percebemos no discurso da Angelina que há uma questão de gênero. Por ser mulher pressupõem-se alguns ‘papéis’ na sociedade, principalmente por ser casada e mãe, “Ser mulher acarreta uma série de papeis sociais, culturalmente “impostos” e a esses papeis estão associados estereótipos que conduzem muitas vezes a discriminação baseada no gênero, dentro e fora do local de trabalho (SILVA², 2011, p. 26)”. A

permanência dela no curso reflete essa realidade, mesmo sendo um curso semipresencial, os encontros obrigatórios aconteciam aos sábados, e sua ausência em casa gerou conflitos familiares que a colocaram em posição de escolha – carreira universitária ou casamento? Ela escolheu a carreira.

A primeira experiência como docente para a participante aconteceu na rede privada com crianças do ensino infantil com o ensino da língua inglesa, e mais uma vez ressaltou a importância do curso para o desenvolvimento da sua carreira.

[...] aliado à secretaria da escola, eu tive uma oportunidade de trabalhar oito meses em uma escolinha lá no (bairro) Santa Tereza com o Inglês pra crianças pequenas, gostei muito porque assim, é uma coisa mais fácil, você não tem que ter tanta fluência pra poder dar aula, mas assim pra mim o curso foi fundamental, tenho as duas áreas, posso atuar nas duas, embora não tenho tanta experiência (Angelina).

Angelina conclui seu pensamento sobre a sua atuação na nova carreira discorrendo sobre seu exercício profissional no Projeto em que está incluída – O Pró-Letramento¹², onde ministra oficinas de leitura e escrita, com objetivo de preparar os alunos para a aplicação da Prova Brasil.

[...] Bem interessante porque assim, é outra modalidade porque você não pode dar aula, é um projeto da Secretaria da Educação que é o Programa Mais Educação, então você, tem várias oficinas, uma delas é português só que dessa forma lúdica que é o letramento, mostra o conceito de mundo através da língua portuguesa você brinca, faz jogos educativos recorte de revista, pra gente é interpretar a gente trabalha muito com a questão da Prova Brasil por causa do IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) e tem aula, junta todo mundo, assiste filme, faz uma aula [...]. (Angelina).

¹² O Pró-Letramento - Mobilização pela Qualidade da Educação - é um programa de formação continuada de professores para a melhoria da qualidade de aprendizagem da leitura/escrita e matemática nos anos/séries iniciais do ensino fundamental. O programa é realizado pelo MEC, em parceria com universidades que integram a Rede Nacional de Formação Continuada e com adesão dos estados e municípios. Podem participar todos os professores que estão em exercício, nas séries iniciais do ensino fundamental das escolas públicas. (http://portal.mec.gov.br/index.php?Itemid=698&id=12346&option=com_content&view=article)

Ser professor

Ao analisarmos como o participante descreve o impacto que o curso teve na construção do ser professor, na forma como o mesmo influenciou suas decisões éticas e pedagógicas, fica claro que uma base sólida foi edificada. A prática que exercia como professor e *oficineiro* encontrou respaldo com os conhecimentos que adquiriu na graduação, não um respaldo apenas legal, o de ser licenciado, mas o respaldo moral, que age diretamente na autoestima.

Então, é sobre a ideia de **ser professor** isso já vinha sendo construído através da escola que eu atuava como *oficineiro*, mas que tinha uma relação com os professores com a pedagogia, com a metodologia como é, eu passava alguns conteúdos e então já, e já tinha nessa relação essa, essa dentro de mim, mas quando a gente tá lá fazendo uma graduação a gente percebe que precisa mais ainda se apropriar de certas coisas, que a gente não tem o cuidado quando nós não temos a graduação, o estudo sobre determinados é, autores, sobre a literatura propriamente dita, então isso me alicerçou muito mais sem dúvida nenhuma, é até pra que eu pudesse ter respaldo na escola ou nos lugares me que eu fosse, então o fato de você ter uma graduação, hoje em dia talvez não seja nem tanto talvez hoje tenha o maior o, hoje em dia tem que ter um mestrado, tem que ter doutorado, tem que ter uma pós, mas ainda do que a graduação, mas eu já estava muito feliz porque aquilo ia me dar o respaldo talvez daquilo que a minha prática já estava trazendo, mas dentro da prática eu encontrava na teoria coisas que eu, que eu, que eu enxertava minha prática ficava muito melhor (Johnny).

Segundo (FILHO, 2011, p.1) “O desenvolvimento das tecnologias tem possibilitado a consolidação de um cenário mundial que se caracteriza por fluxos de informação em quantidade e velocidade cada vez maiores”. Diante dessa situação cabe aos professores a aproximação com novos procedimentos didáticos que envolvam essas tecnologias, lembrando que estes devem privilegiar a construção do conhecimento, num ambiente onde o professor seja atuante e um intermediário entre o aluno e sua construção, onde ambos seguem descobrindo caminhos alternativos para alcançar o saber pretendido. Percebemos pela análise temática das entrevistas que na formação de professor na modalidade EAD o contato com novas tecnologias desperta habilidades específicas nos professores em formação.

Se no período do estudo teve realmente, houve essa disciplina, eu não acrescentaria nem tiraria nada do professor que é formado pelo sistema convencional. Talvez eu colocasse um acréscimo. O entendimento das novas tecnologias. Que o professor convencional, o que eu digo, que vive no presencial, que é formado no presencial, que dá aula nesse sentido, muitos acabam não agregando a tecnologia pra suas aulas. E eu acredito que o professor formado nesse sistema a distância, ou EAD, ele tem por obrigação entender esse processo de coisas, essa relação de distância, e a informática, a era digital é muito importante conhecer esse mecanismo, essa forma. Os alunos hoje em dia, todos eles são muitos ávidos pela tecnologia. O aluno se entrar numa sala de aula e o professor não conhecer algum desses mecanismos, ele vai tá ultrapassado. E no EAD, com certeza, na educação a distância, é uma das primeiras coisas que ele tem que entender. Ele não tem como pesquisar na internet, ele não tem como enviar e receber e-mail, ele não tem como entrar no *Face* e saber o que é que está acontecendo hoje em dia, de uma maneira tão rápida e tão simples (Johnny).

Se partirmos do pressuposto que o conhecimento se constrói ao invés de ser transmitido, os meios tecnológicos funcionam como uma possibilidade a mais para colaborar nesse desenvolvimento, não podemos negar sua influência na educação. Segundo (FREIRE, 1996, p. 32) “[...] é consideração de quem, de um lado, não diviniza a tecnologia, mas, de outro, não a diaboliza. De quem a olha ou mesmo a espreita de forma criticamente curiosa”. Como podemos observar nas palavras do Johnny na citação abaixo.

Existem bibliotecas virtuais, que você pode baixar textos inteiros, livros inteiros, que é de domínio público. Se não tiver esse conhecimento, ele vai perder tempo, ele não vai conseguir atingir o aluno que tá nessa era, e eu não tenho dúvida nenhuma que a educação a distância favorece em muitos aspectos. Claro que a educação presencial, ao olhar convencional, os professores que buscam, eles estão inteirados, eles têm essa tecnologia também, mas a educação a distância é peculiar, porque por si só já tem essa relação com a tecnologia, com a era digital. Esse é o diferencial. A cabeça do professor tá dentro disso já. Sem meios termos, né? (Johnny).

O caminho da construção do ser professor para a Angelina perpassou por exemplos de docentes com teve a chance de conviver. Analisar a afirmação abaixo nos levou a pensar nas palavras de Freire (2007, p. 34) “Quem pensa certo está cansado de saber que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou quase nada valem. Pensar certo é fazer certo”.

Olha, a gente geralmente se espelha em alguns professores, os que foram muito bons e a gente tenta traçar mais ou menos o perfil. Eu quero ser mais ou menos assim e aí vai atrás, vai buscar ser parecido, né? Mas, eu acho que ainda há muito a se fazer, na verdade a gente tem que tá sempre [...] como minha área, muito, é vasta, né? Português é uma coisa muito, que tem muito leques. Então todo mundo lá, eu sou boa nisso. Você procura alguns campos que se identifica mais e aí vai. E também como tenho a formação em inglês, eu cheguei a dar aula para criança pequena, mas não tenho tanta fluência assim. Então é isso, é [...] você [...] eu acho na verdade você tá se construindo, você aprende, ensina, aprende, ensina, nunca tá totalmente formado. E na educação a distância é a mesma coisa, eu acho que é um pouquinho mais difícil, porque você tem que buscar mais (Angelina).

Ainda sobre experiência e exemplos, percebemos o impacto que estes tiveram na transformação da estudante em profissional, como que as atitudes e a competência dos professores que assumem suas disciplinas influenciam seus alunos, que no caso da licenciatura, são professores em formação. Dewey (2010, p. 35) traz a seguinte reflexão,

A característica básica do hábito é a de que toda ação praticada ou sofrida em uma experiência modifica quem a pratica e quem a sofre, ao mesmo tempo em que essa modificação afeta, quer queiramos ou não, a qualidade das experiências subsequentes, pois, ao ser modificada pelas experiências anteriores, de algum modo, será outra pessoa que passará pelas novas experiências.

No trecho final de sua entrevista Angelina enfatiza a questão da ética na profissão, ao tempo em que a relaciona com a construção pedagógica necessária ao docente. “Mulheres e homens, seres históricos-sociais, nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso nos fizemos seres éticos” (FREIRE, 2007, p. 33).

Claro. Tanto nos alunos, quero seguir esse. Porque tem gente já formada, né? Tanto os professores, na conduta ética, porque assim, uma coisa é você [...] como dou aula num projeto, você pega pessoas que são formadas e pessoas que não são. Então você vê a conduta ética, pesa muito nesse momento, mesmo que seja, seja na educação a distância, eles têm matérias dentro do curso [...] pelas fases você consegue direcionar e entender o porquê daquilo tudo acontecer. Não é aleatório o que você falou, então tem a ética, não tem a construção da pedagogia, tem aqueles caras todos que você tem que estudar pra poder se basear e saber o porquê [...] de você ensinar, o porquê você vai [...] porque você [...] você vê lá de uma outra forma, não é chegar ensinar e pronto, não é, tem toda uma construção que há por trás disso.

Percebemos que para a Angelina há uma questão ética em exercer a profissão de professor sem ter o diploma. Conforme seu depoimento acima, recrimina professores que atuam em salas de aula sem ter a licenciatura. No capítulo 1 discutimos a mudança na LDB (1996), que estabelecia que todos os professores do ensino fundamental deveriam ter formação universitária, levou a um aumento significativo no número de professores com nível superior no País. De acordo com o Censo Escolar em 1991, cerca de 20% dos docentes tinham formação superior, no ano de 2006 60% tinham obtido um diploma universitário e pouco menos de 40% dos professores tinham apenas o diploma de ensino médio. Quase não havia professores sem diploma (Censo Escolar, Inep/MEC). Com a legislação em vigor, e podemos colocar em paralelo a abertura de diversas instituições de ensino superior credenciadas pelo MEC, também a partir de 2006, inclusive na modalidade a distância, as oportunidades facilitaram aos docentes o acesso ao diploma.

Os professores – Johnny e Angelina



Figura 05: Percurso para o ser professor
Fonte: Arquivo pessoal

Após a análise das entrevistas dos dois participantes percebemos que havia uma gama de dados presentes em ambos os percursos acadêmicos. A figura acima ilustra os temas em comum nas entrevistas de ambos participantes.

Duas pessoas que tiveram a mesma oportunidade de acesso ao ensino superior, aproveitando a oferta de um curso que foi oferecido fruto de uma parceria da iniciativa privada junto ao Estado, uma política pública de incentivo à formação de professores. Duas pessoas que trabalhavam para seu sustento, embora almejassem uma carreira diferente, mesmo estando há mais de uma década afastados das salas de aula. Dois então alunos, que vivenciaram as trocas que um curso na modalidade EAD pode viabilizar, vivenciar também as dificuldades em administrar o tempo entre suas atividades profissionais e familiares com os estudos.

Dois profissionais que passaram por uma mudança de paradigmas sobre o conceito de EAD, mesmo ambos já tendo experiência com a modalidade em cursos que utilizavam os correios como meio de comunicação.

Hoje, dois professores formados, que de acordo com seus depoimentos estão realizados e percebem um leque de opções para o futuro de suas carreiras. Suas experiências dentro do curso, durante os três anos que conviveram com a modalidade, os conceitos que construíram e também, porque não dizer, os que se (des)construíram, as relações sociais com o corpo docente e discente fizeram parte de toda a construção dos professores que se tornaram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo principal identificar e descrever a partir de entrevistas com participantes como se desenvolveu a construção do ser professor formado pelo curso de licenciatura em Letras Português/Inglês na modalidade de Educação a Distância e as mudanças decorrentes em sua vida profissional.

Alguns questionamentos permeavam nossa mente; como a experiência de ser aluno do curso impactou a vida dessas pessoas? A construção do ser professor num curso de EAD traria características específicas aos seus participantes? A vida profissional sofreria mudanças em decorrência do curso?

Para se alcançar o objetivo proposto foi realizada inicialmente a busca pelos participantes que poderiam colaborar com o desenvolvimento da pesquisa. Os caminhos que percorremos em busca dos participantes fizeram parte de forma intensa desse trabalho. Encontrar pessoas que não mais fazem parte de uma instituição e seguiram com seus caminhos individuais não é tarefa fácil, e mesmo após encontrá-las há o convencimento em participar da pesquisa e dispor de tempo para tanto. Os dois participantes que colaboraram conosco foram bastante solícitos e receptivos e seus depoimentos trouxeram momentos carregados de emoção e de lembranças dos caminhos que percorreram para entrar, para cursar e concluir a tão esperada graduação.

Analisar os termos mais recorrentes nos depoimentos dos participantes revelou um quadro com características marcantes na construção desses professores. O fato de estarem em busca do primeiro diploma e de terem encontrado na EAD a oportunidade para alcançar seus objetivos, as descobertas dentro desta modalidade, o despertar para o aprender a aprender, estavam presentes em seus percursos. A administração do tempo foi outro aprendizado que despertou as habilidades de autonomia e organização nos participantes, exigências para quem escolhe um curso na modalidade a distância, incluimos aqui a semipresencial.

Com as exigências da LDB – 9394/96 as escolas passam a exigir cada vez mais que os professores tenham um diploma de licenciatura. Mas para que fosse possível oferecer cursos para todos os professores que já atuavam, e formar novos docentes era preciso uma política de incremento na oferta e facilitação de acesso ao ensino superior. A partir de 1996 inúmeras instituições receberam o credenciamento do MEC para

implantar cursos de nível superior no país, mas a grande maioria ainda trabalhava apenas com a modalidade presencial de educação. Neste cenário a educação a distância ganha maior visibilidade e as ofertas de cursos nesta modalidade começam a aumentar, logo um número maior de profissionais encontram a oportunidade do acesso, o que antes seria muito difícil, devido às questões de tempo, distância geográfica e investimento.

Uma junção de fatores levou a instituição de cursos EAD nas instituições de nível superior, inclusive no Estado de Sergipe foi ofertada pela Universidade Tiradentes antes da UAB – que é federal. O primeiro que elencamos foi uma lacuna no mercado, milhares de pessoas que desejavam um diploma de ensino superior, mas se deparavam com as dificuldades de acesso já colocadas. Em segundo lugar as escolas nos interiores, principalmente precisavam de professores licenciados e estavam com dificuldades para encontrar esses profissionais. Logo, a UNIT decidiu implantar cursos de licenciaturas em diversas áreas na modalidade de educação a distância semipresencial.

Como a oferta do curso de Letras Português/Inglês EAD/UNIT aconteceu fruto de uma parceria do Estado com uma universidade particular, representa uma iniciativa de política pública que com todos os problemas apresentados na pesquisa obteve saldo positivo. Se pensarmos em números, foram quase trezentos alunos que concluíram o curso, um número considerável de novos professores habilitados para trabalhar com as línguas portuguesa, inglesa e respectivas literaturas, estamos descrevendo apenas dados do curso pesquisado, mas conforme colocamos na descrição do NEAD/UNIT outras licenciaturas também foram implantadas na mesma época, o daria um número bem maior de licenciados na mesma época em todo o estado de Sergipe.

Como a nossa pesquisa utilizou a metodologia qualitativa, focamos na análise temática dos depoimentos dos participantes nas entrevistas. Analisar os temas recorrentes revelou aspectos que os números não demonstram. Descobrir como estava a vida profissional dos participantes antes de iniciarem o curso, perpassando pela experiência durante a vida acadêmica, analisando a construção do ser professor em cada uma delas, o aprender a aprender que desenvolveram, os conceitos e preconceitos que foram superados, os revistos, até o momento em que concluíram o curso foi uma fase gratificante do nosso trabalho.

Por meio desta pesquisa foi possível constatar que os professores que dela fizeram parte possuíam algumas características em comum, como a vontade de estudar e entrar em uma universidade, são provenientes de famílias simples, sem muitos recursos – fato

que dificultava o acesso ao ensino presencial devido ao alto valor das mensalidades. Constatamos também que houve uma mudança de paradigma no que tange à EAD, coincidentemente ambos já tinham passado por uma experiência com EAD com cursos pelos correios, e trouxeram os reflexos dessa experiência para a graduação semipresencial.

Finalmente, cada um de sua maneira foi se construindo, apropriando-se dos elementos que envolviam o curso, tornando-se profissionais críticos e atuantes e pela análise de seus depoimentos podemos afirmar que estão aptos a produzir conhecimento. Quando o curso encerrou em 2009 ficamos com alguns questionamentos em mente: onde estariam esses professores? Como estariam esses professores?

Esta pesquisa elucidou muitas dúvidas e anseios que existiam, e como últimas considerações podemos afirmar que esses professores se construíram profissionais autônomos e criativos, que quando colocados em situações adversas terão a possibilidade de solucionar problemas apontando novos caminhos e sabendo como trabalhar em equipe. Habilidades hoje muito exigidas no mercado de trabalho e que podem significar a capacidade para encontrar novos caminhos.

REFERÊNCIAS

AZAMBUJA, Marcos Adegas de. GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. **Qual educação não seria a distância?** Revista Athenea Digital - núm. 17: 17-32, março, 2010. ISSN: 1578-8946.

ALUNO de ensino a distância deve ser disciplinado e independente. **Folha de São Paulo**, São Paulo. 2004. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u16136.shtml> . Acesso em: 05 dez. 2012.

BACHA FILHO, Teófilo (Org.). **Educação a distância: análise dos parâmetros legais e normativos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Capacitação à distância de professores do ensino fundamental no Brasil**. In: Educ. Soc., Campinas, vol. 18, n. 59, ago. 1997.

BARRETO, Raquel Goulart. **Formação de professores, tecnologias e linguagens: mapeando velhos e novos (des)encontros**. São Paulo: Distribuidora Loyola de Livros, 2002.

BARROS, Daniela Melaré Vieira. **Educação a distância e o universo do trabalho**. Baurú, SP: Edusc, 2003.

BARROSO, João. **O estado, a educação e a regulação das políticas públicas**. In: Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 92, p. 725-751, out. 2005.

BAUER, M.W.; GASKELL, G. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BELLONI, Maria Luiza. **Ensaio sobre a educação a distância no Brasil**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 23, n. 78, abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n78/a08v2378.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2012.

BELLONI, Maria Luiza. **Educação a distância**. 4ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

BITTENCOURT, Geraldo Passos. **Evasão na educação a distância no ensino superior: estudo de caso no 1º curso de administração EAD da UFRGS**. Monografia(Graduação em Administração) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

BONILLA, Maria Helena Silveira; ASSIS, Alessandra de. **Tecnologia e Novas Educações**. In: Revista da FAEEBA/Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação I – v.1, n. 1 (jan./jun. 1992).

BOLETIM TÉCNICO DO SENAC. **A revista da formação profissional**. RJ, v. 21, nº 3, 1995.

BOSSUET, Gérard. **O Computador na Escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

BRASIL. CONSAD 10/05 de 29 de dezembro de 2005.

BRASIL. Decreto-**Lei** nº 1917, de 1996.

BRASIL. Decreto-**Lei** nº 2494 de 1998.

BRASIL. Decreto-**Lei** nº 5622, de 20 de dezembro de 2005.

BRASIL. Decreto-**Lei** nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Decreto-**Lei** nº 12249, de 10 de junho de 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Fundamentos e Práticas na EaD** / Artemilson Alves de Lima. Cuiabá, Universidade Federal de Mato Grosso / Rede e-Tec Brasil, 2012

BRASIL. Portaria-MEC nº 301 de 1998.

BRASIL. Portaria-MEC nº 651 de 2004.

BRASIL. Portaria-MEC nº 847 de 04 de abril de 2006.

BRASIL. **Referenciais para formação de professores**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.

BRASIL. **Referenciais de qualidade para Educação superior a distância**. Brasília: Ministério da Educação, 2007.

BRAUN, V. and CLARKE, V. **Using thematic analysis in psychology**. Qualitative Research in Psychology, pp. 77-101, 2006.

BRITO, Carlos Estrela. **Educação a Distancia (EaD) no Ensino Superior de Moçambique**: UAM. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina. 2010.

BROWN, H. Douglas. **Principles of Language Learning and Teaching**. San Francisc State University, 2000.

BRUNER, Jerome S. **Uma nova teoria da aprendizagem**. Cambridge: Harvard University Press, 1969.

BRUTSCHER *et al.* Revista Brasileira de Ciências da Saúde. **Potencialidades da Educação a Distância**: Modalidades em Consolidação. Vol. 16 N. 3 Páginas 475-480. 2012 ISSN 1415-2177. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rbcs/article/view/12685/7893>. Acesso em: 01 fev. 2013.

CAPES. **Universidade Aberta do Brasil**. Disponível em: http://uab.capes.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=6:o-que-e&catid=6:sobre&Itemid=18. Acesso em: 18 jun. 2011

CARMO, Hermano; ALMEIDA, Duarte de. **Ensino superior a distância: contexto mundial**. Lisboa: Universidade Aberta, 1997.

CARVALHO, Adriana dos Santos Caparróz. **Educação a distância frente às resistências da sociedade**. Colabor@ - Revista Digital da CVA – RICESU Vol. 3, n. 12, Outubro de 2006. Disponível em: <http://pead.ucpel.tche.br/revistas/index.php/colabora/article/viewFile/81/70>. Acesso em: 09 jan. 2013.

CARVALHO, Celso do Prado Ferraz de. **A educação cidadã na visão empresarial: o Telecurso 2000**. Autores Associados, 1999.

CASTRO, Luciana Maria Cerqueira. **A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores**. ANPED, 2004. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt11/t1111.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2012.

Censo ead.br. Organização Associação Brasileira de Educação a Distância - ABED - São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2010.

Censo da educação superior: 2010 – resumo técnico. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2012.

CÔCO, Valdete. O processo de socialização com a leitura e a prática docente: **implicações para a formação de professores**. ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação. 2001. Disponível em: http://www.vigotski.net/anped/2001-GT10_tx02.pdf. Acesso em: 17 out. 2012.

COSTA, Karla da Silva; FARIA, Geniana Guimarães. **Ead – sua origem histórica, evolução e atualidade brasileira face ao paradigma da educação presencial**. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/552008104927AM.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2011.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos**. Porto Alegre: ed. Artmed, 2007.

DECCACHE, Renato. **Na EAD, um crescimento acelerado e descontrolado**. Disponível em: <http://www.folhadirigida.com.br/fd/Satellite/educacao/entrevistas/Na-EAD-um-crescimento-acelerado-e-descontrolado-2000003509852>. Acesso em: 20 mar. 2012.

DEMO, Pedro. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

_____. **Educação hoje: “novas” tecnologias, pressões e oportunidade**. São Paulo: Atlas, 2009.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

DICIONÁRIO da Língua Portuguesa comentado pelo professor Pasquale. Barueri, SP: Gold Editora, 2009.

DRAIBE, Sônia M.; PEREZ, José Roberto Rus. **O programa TV Escola: desafios à introdução de novas tecnologias.** *Cad. Pesqui.*, Mar 1999, no.106, p. 27-50. ISSN 0100-1574.

ENRICONE, Delcia. A Universidade e a expansão do conhecimento, in: MEDEIROS, Marilú Fontoura de; FARIA, Elaine Turk (Org.). **Educação a distância: cartografias pulsantes em movimento.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

FERREIRA, Zuleika Nunes; MENDONÇA, Gilda Aquino de Araújo. **O perfil do aluno de educação a distância no Ambiente teleduc.** Congresso ABED, 2007. Disponível em: www.abed.org.br/congresso2007/apr/TC019.pps. Acesso em: 05 dez. 2012.

FILHO, José Walter Fagundes de Souza. **Desafios e vantagens da Educação a distância para uma aprendizagem significativa na Universidade.** Anais do UEADSL 2011.1. vol.1 no. 2. Disponível em: <http://www.textolivre.pro.br/blog/?cat=24>. Acesso em: 20 dez. 2012.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa.** Porto Alegre: Bookman, 2004.

FRANCO, Marco Antônio M. Elaboração de material impresso: conceitos e propostas, in: Juliane Correa (Org.), **Educação a distância: organizações metodológicas.** Porto Alegre, Artemed, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Extensão ou Comunicação.** 13a Edição. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GARBIN, Tania Rossi. DAINESE, Carlos Alberto. **Complexidade da gestão em EAD.** TC C3C2 - 209 – ABED, 2010. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2010/trabalhos1.asp>. Acesso em: 12 out. 2012.

GIOLO, Jaime. **A educação a distância e a formação de professores.** In: Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 105, p. 1211-1234, set./dez. 2008.

GOMIDE, Angela Galizzi Vieira e VIEIRA, Alboni Marisa Dudeque Pianovski. **História da formação de professores no Brasil: o Primado das influências externas.** EDUCERE: SP, 2008. Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/93_159.pdf. Acesso em: 10 ago. 2012.

GUIMARÃES, Valter Soares. **Formação de professores: saberes, identidade e profissão.** Campinas/SP: Papirus, 2004.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo da educação superior: 2010 – resumo técnico.** – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2012.

Instituto de Pesquisas Avançadas em Educação – IPAE: **História da EAD no Brasil**. Disponível em: <http://www.ipae.com.br/ead/historia.htm>. Acesso em: 18 out. 2011.

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO. Disponível em: www.institutouniversal.com.br. Acesso em: 04 jun. 2011.

JUNIOR, Celso Pinto Soares; MASSENSINI, Ariana Ramos. **Não existe professor na modalidade EaD. Um mito a ser quebrado**. ABED, 2011. Disponível em: www.abed.org.br/congresso2011/cd/268.pdf. Acesso em: 13 set. 2012.

JUNIOR, João Batista Bottentuit; COUTINHO, Clara pereira. **A webquest na ead: rompendo a barreira do isolamento em cursos na modalidade a distância**. ESUD 2011 – VIII Congresso Brasileiro de Ensino Superior a Distância. Ouro Preto, 3 – 5 de outubro de 2011 – UNIREDE. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/15056/1/92469%20ESUD.pdf>. Acesso em: 15 set. 2012.

KEEGAN, D. **Foundations of distance education**. 2a. ed. Londres: Routledge, 1991.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância**. São Paulo: Papirus, 2003.

KLEIMAN, Angela (org.). **A formação do professor: perspectiva da linguística aplicada**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

KRASHEN, Stephen D. **Principles and Practice in Second Language Acquisition**. Oxford: Pergamon, 1982.

LITWIN, Edith. (Org.); tradução [de] Fátima Murad. **Educação a distância: temas para o debate de uma nova agenda educativa**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

MATURANA, Humberto. **El sentido de lo humano**. 4 ed. Chile: Universitária, 1992.

MEDEIROS, Marilú Fontoura de; FARIA, Elaine Turk (Org.). **Educação a distância: cartografias pulsantes em movimento**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MELLO, Sheila Zambello de Pinho (Org.). **Formação de educadores: o papel do educador e sua formação**. São Paulo: UNESP, 2009, p. 251.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. **Integração de mídias nos espaços de aprendizagem**. In: Em Aberto, Brasília, vol. 22, n. 79, p. 17-44, jan. 2009.

METODOLOGIA TELESALA. **Portal telecurso**, disponível em <http://www.telecurso.org.br/metodologia-telessala/>. Acesso em: 04 abr. 2011.

MORAES, Marcus Luiz Santana. **O que se espera do Professor - Tutor em EaD? Ensino à Distância**, 2006. Disponível em: <http://www.taniazambelli.com.br/conhecimento-profissionais/o-que-se-espera-do-professor-tutor-em-ead-ensino-a-distancia>. Acesso em: 02 fev. 2013.

MORAN, José Manuel; BEHRENS, Marilda Aparecida; MASETTO, Marcos T. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 12 ed. São Paulo: Papirus, 2006.

MORAN, José Manuel. **Desafios da televisão e do vídeo à escola**. Escola de Comunicação e Artes – ECA/USP, 2002. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/desafio.htm>. Acesso em: 25 nov. 2011.

_____. **Modelos do ensino superior a distância no Brasil**. Sumaré – Revista Acadêmica Eletrônica. Ed.1, 2009. Disponível em: http://www.sonoestudaquemnaoquer.com.br/m178/edicoes_anteriores/edicao_1__1_se_mestre_de_2009. Acesso em: 07 nov. 2012.

_____. **O que é Educação a Distância?** Escola de Comunicação e Artes – ECA/USP, 2002. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/dist.htm>. Acesso em: 29 ago. 2011.

MOORE, Michel. KEARSLEY, Greg. [tradução Roberto Galman]. **Educação a Distância: uma visão integrada**. São Paulo: Thompson Learning, 2007.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

NÓVOA, António, coord. **Formação De Professores E Profissão Docente**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, Elsa Guimarães. **Educação a distância na transição paradigmática**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

OLIVEIRA, Diene Eire de Mello Bortotti de. Gasparin, João Luiz. **A educação a distância como alternativa à formação de professores da educação básica**. Revista Teoria e Prática da Educação. v. 15, n. 1, 2012. Disponível em: <http://eduem.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/18547>. Acesso em: 30 jan. 2013.

OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda de. **Perspectivas para a educação a distância no Brasil: referenciais de qualidade, releituras e trajetórias**. Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v. 4, no. 2, p. 225- 240, nov. 2010. Disponível em <http://www.reveduc.ufscar.br>. Acesso em: 25 out. 2012.

ORSI, Caroline Pinto de Oliveira, et al. **Jovens e a modalidade de Educação a Distância: reconhecimento ou preconceito?** Revista Anuário da Produção Acadêmica Docente, 2010. Disponível em: <http://sare.anhanguera.com/index.php/anudo/article/viewArticle/2827>. Acesso em: 30 jan. 2013.

PADILHA, Maria Auxiliadora Soares et al. **Elaboração de material didático para educação a distância: contribuindo para o debate no contexto da prática docente**. Congresso ABED, 2009. Disponível em <http://www.abed.org.br/congresso2009/CD/trabalhos/452009201827.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2013.

PENTEADO, Heloísa Dupas. **Televisão e escola: conflito ou cooperação?** São Paulo: Cortez, 1991.

PERRENOUD, Philippe. **Profissionalização do Professor e desenvolvimento de ciclos de aprendizagem.** Universidade de Genebra, cadernos de Pesquisa, nº 108, p. 7-26, novembro/1999.

PINO, Ivany Rodrigues. **As TIC na formação a distância:** Reflexões contemporâneas. Revista *Retratos da Escola*, Brasília, v. 2, n. 2-3, p. 109-120, jan./dez. 2008. Disponível em: <http://www.esforce.org.br>. Acesso em: 28 jan. 2012.

PRADO, Maria Elisabete B. Brito. ALMEIDA, Maria Elisabeth Bianconcini de. Criando situações de aprendizagem colaborativa. In: **Educação a Distância via internet.** São Paulo: Avercamp, 2003.

PRETI, Oreste. Educação à Distância: uma prática educativa mediadora e mediatizada. In PRETI, Oreste (org.) **Educação à distância:** inícios e indícios de um percurso. Nead/IE/UFMT. Cuiabá: UFMT, 1996.

RABELLO, E.T. e PASSOS, J. S. **Vygotsky e o desenvolvimento humano.** Disponível em: <http://www.josesilveira.com>. Acesso em: 13 jan. 2012.

SANTOS, Edméa Oliveira dos. Formação de professores e cibercultura: novas práticas curriculares na educação presencial e a distância. In: **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade.** Salvador, vol. 11, n. 17, p. 113-122, jan/jun. 2002.

SCHWARTZMAN, Simon. **A Revolução Silenciosa do Ensino Superior.** In: Revista de la Educación Superior. México, Número 119, Vol. 30 - jul/set. 2001.

SEIDMAN, Irving. **Interviewing as qualitative research:** a guide for Researchers in Education and the Social Sciences. New York, Teachers College Press, 2006.

SILVA, Bruno Átila Petrus. LEMOS, João Vítor Barros. **Educação superior a distância:** o paradoxo entre a massificação e a qualidade. Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre – UEADSL, 2011. vol. 2, n. 2. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/ueadsl/article/view/2931/2890>. Acesso em: 09 jan. 2013.

SILVA, Sofia Salomé Tavares da Rocha e. **Ser Mulher:** Estudar, trabalhar e ter uma vida familiar - Será possível? Dissertação (Mestrado Integrado em Psicologia) – Universidade do Minho, Portugal. 2011.

SILVEIRA, Luiza Helena Silva Dias. et al. **Aprendizagem colaborativa numa perspectiva de educação sem distância.** In: Revista Eletrônica Gestão & Saúde. 2012. ISSN:1982-4785. Disponível em: <http://www.gestaoesaude.unb.br/index.php/gestaoesaude/article/view/347/pdf>. Acesso em: 05 jan. 2013.

SIRGADO, Angel Pino. O conceito de mediação semiótica em Vygotsky e seu papel na explicação do psiquismo humano. In: Cadernos CEDES 24. **Pensamento e linguagem:**

estudos na perspectiva da psicologia soviética. 3 ed. Campinas, Editora da Unicamp, 2000, p. 38-51.

TANURI, Leonor Maria. **História da formação de professores.** Mai/Jun/Jul/Ago 2000 Nº 14. Revista Brasileira de Educação. Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE14/RBDE14_06_LEONOR_MARIA_TANURI.pdf. Acesso em: 05 mar. 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional.** 12 ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

UCA. **Conheça o projeto.** Disponível em: <http://www.uca.gov.br/institucional/projeto.jsp>. Acesso em: 27 mai. 2011.

VIEIRA, Alexandre Thomaz; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; ALONSO, Myrtes (Org.). **Gestão Educacional e Tecnologia.** São Paulo: Avercamp, 2003.

VITORINO, Elizete Vieira. **Educação a Distância (EaD) na percepção dos alunos.** Itajaí, Universidade do vale do Itajaí, 2006.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Psicologia da arte.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WEBER, Silke. **Profissionalização docente e políticas públicas no Brasil.** *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 24, n. 85, p. 1125-1154, dezembro 2003 Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 20 mai. 2011.

ANEXOS

ANEXO I

Estrutura curricular do curso.

1º PERÍODO								
CÓDIGO	DISCIPLINA	PRÉ-REQUISITO	CRÉDITO TOTAL	CRÉDITO		C. HORÁRIA		CARGA HORÁRIA TOTAL
				TEÓRICO	PRÁTICO	TEÓRICA	PRÁTICA	
H200422	Linguística	-	04	04	00	72	00	72
H200414	Teoria Literária I	-	04	04	00	72	00	72
H200406	Metodologia Científica	-	04	03	01	54	18	72
H201976	História e Filosofia da Educação	-	04	04	00	72	00	72
H202506	Produção de Texto I	-	04	02	02	36	36	72
H201747	Introdução a Educação a Distância	-	02	02	00	36	00	36
TOTAL			22	19	03	342	54	396

2º PERÍODO								
CÓDIGO	DISCIPLINA	PRÉ-REQUISITO	CRÉDITO TOTAL	CRÉDITO		C. HORÁRIA		CARGA HORÁRIA TOTAL
				TEÓRICO	PRÁTICO	TEÓRICA	PRÁTICA	
H200015	Psicologia da Educação	-	04	03	01	54	18	72
H200465	Teoria Literária II	-	04	04	00	72	00	72
H201518	Língua Inglesa I	-	04	03	01	54	18	72
H202514	Produção de Texto II	-	04	03	01	54	18	72
H202522	Pesquisa I	-	04	02	02	36	36	72
	Optativa I	-	04	04	00	72	00	72
TOTAL			24	19	05	342	90	432

3º PERÍODO								
CÓDIGO	DISCIPLINA	PRÉ-REQUISITO	CRÉDITO TOTAL	CRÉDITO		C. HORÁRIA		CARGA HORÁRIA TOTAL
				TEÓRICO	PRÁTICO	TEÓRICA	PRÁTICA	
H201984	Língua Portuguesa I	-	04	03	01	54	18	72
H201968	Didática	-	04	04	00	72	00	72
H201526	Língua Inglesa II	-	04	02	02	36	36	72
H202590	Pesquisa e Literatura Inglesa	-	04	04	00	72	00	72
H200635	Literatura Portuguesa	-	04	04	00	72	00	72
H202603	Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa I	-	09	00	09	00	162	162
H200481	Sociologia da Educação	-	02	02	00	36	00	36

TOTAL	31	19	12	342	216	558
--------------	-----------	-----------	-----------	------------	------------	------------

4º PERÍODO								
CÓDIGO	DISCIPLINA	PRÉ-REQUISITO	CRÉDITO TOTAL	CRÉDITO		C. HORÁRIA		CARGA HORÁRIA TOTAL
				TEÓRICO	PRÁTICO	TEÓRICA	PRÁTICA	
H202565	Língua Inglesa III	-	05	03	02	54	36	90
H202530	Língua Portuguesa II	-	05	03	02	54	36	90
H200511	Pesquisa e Literatura Brasileira I	-	04	04	00	72	00	72
H202611	Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Inglesa	-	04	04	00	72	00	72
H202433	Estágio Supervisionado em Língua Portuguesa II	H202603	09	00	09	00	162	162
H202620	Pesquisa e Literatura Norte-Americana	-	04	04	00	72	00	72
TOTAL			31	18	13	324	234	558

5º PERÍODO								
CÓDIGO	DISCIPLINA	PRÉ-REQUISITO	CRÉDITO TOTAL	CRÉDITO		C. HORÁRIA		CARGA HORÁRIA TOTAL
				TEÓRICO	PRÁTICO	TEÓRICA	PRÁTICA	
H202549	Língua Portuguesa III	-	05	03	02	54	36	90
H202573	Língua Inglesa IV	-	05	03	02	54	36	90
H200562	Pesquisa e Literatura Brasileira II	-	08	04	04	72	72	144
H202654	Fonética e Fonologia da Língua Inglesa	-	04	02	02	36	36	72
S200023	Organização do Trabalho Pedagógico	-	04	03	01	54	18	72
H202638	Estágio Supervisionado em Língua Inglesa I	-	09	00	09	00	162	162
TOTAL			35	15	20	270	360	630

6º PERÍODO								
CÓDIGO	DISCIPLINA	PRÉ-REQUISITO	CRÉDITO TOTAL	CRÉDITO		C. HORÁRIA		CARGA HORÁRIA TOTAL
				TEÓRICO	PRÁTICO	TEÓRICA	PRÁTICA	
H202778	Língua Inglesa V	-	05	03	02	54	36	90
H202557	Língua Portuguesa IV	-	05	03	02	54	36	90
H202646	Novas Tecnologias Aplicadas ao Ensino	-	04	03	01	54	18	72
H202662	Estágio Supervisionado em Língua Inglesa II	H202638	09	00	09	00	162	162
H200597	Educação e Diversidade	-	02	02	00	36	00	36
	Optativa II	-	04	04	00	72	00	72
TOTAL			29	15	14	270	252	522

QUADRO RESUMO DO TOTAL GERAL DE CRÉDITO E CARGA HORÁRIA DO CURSO

Créditos	Créditos Atividades Complementares	Total de Créditos	Carga Horária Teórica	Carga Horária Prática	C/H Estágio Supervisionado	C/H Atividades Complementares	Carga Horária Total
172	12	184	1890	558	648	216	3312

Currículo Complementar

O currículo complementar corresponde ao conjunto de disciplinas optativas, necessárias à integralização dos créditos do curso.

QUADRO DAS DISCIPLINAS OPTATIVAS

OPTATIVA 1			
Período	Nome da Disciplina	Créditos	Carga Horária
2º	Literatura Infanto-Juvenil	04	72
2º	Crítica Literária	04	72

OPTATIVA 2			
Período	Nome da Disciplina	Créditos	Carga Horária
6º	Análise do Discurso	04	72
6º	Produção de Texto em Língua Inglesa	04	72